

Artigos de Ricardo Baesso de Oliveira – parte 1

Originalmente publicados no site <http://consolador.com.br>

Índice

| | |
|--|----|
| Não vamos fazer nada?..... | 3 |
| A Lição da Esperança..... | 5 |
| Alimento da alma..... | 6 |
| A base orgânica da mediunidade..... | 7 |
| Vida fora da Terra..... | 12 |
| Tragédia urbana..... | 13 |
| Uma carta a meu pai..... | 14 |
| Divórcio demais?..... | 15 |
| Pílula do dia seguinte..... | 16 |
| Crimes passionais..... | 17 |
| Células-tronco embrionárias: uma posição favorável..... | 18 |
| Ter razão..... | 20 |
| Hormônio do amor..... | 21 |
| Recado aos que ainda fumam..... | 23 |
| Planos para 2009..... | 24 |
| Passeio socrático..... | 26 |
| Sobre os psicopatas..... | 27 |
| Basta mudar a si mesmo?..... | 28 |
| Furto de pequeno valor não é crime..... | 29 |
| Lições de um missionário..... | 30 |
| Terra: mãe generosa ou planeta hostil?..... | 34 |
| Emmanuel e a política..... | 37 |
| Design inteligente..... | 39 |
| Divórcio relâmpago..... | 41 |
| Sexo nos Espíritos: o pensamento de Kardec..... | 42 |
| Do átomo ao anjo: a evolução do princípio inteligente (Parte 1)..... | 44 |
| Do átomo ao anjo: a evolução do princípio inteligente (Parte 2 e final)..... | 48 |
| Exilados de Capela e a revolução cultural do paleolítico superior..... | 52 |
| Raízes da perversidade humana..... | 54 |
| As origens do bem..... | 57 |
| Um mundo mais informado é um mundo menos violento..... | 59 |
| Religião faz bem pra saúde..... | 62 |

| | |
|--|----|
| Há mesmo vida fora da Terra?..... | 63 |
| Responsabilidade humana nas deformidades congênitas dos animais..... | 66 |
| Envelhecer e morrer Uma abordagem biológica e espiritual | 68 |
| Envelhecer e morrer Uma abordagem biológica e espiritual | 71 |
| Doença mental ou doença cerebral? | 74 |
| Fisiologia da reencarnação..... | 76 |
| Fisiologia da reencarnação..... | 80 |
| O que devemos entender por “provas”? | 84 |
| Experiências reencarnatórias e gênero sexual | 86 |
| O Espírito e a influência da matéria Parte 1..... | 88 |
| O Espírito e a influência da matéria Parte 2 e final..... | 91 |
| Preconceito: vivendo mentalmente no paleolítico..... | 94 |
| Que tipo de cristão desejamos ser?..... | 96 |
| O que significa amar a Deus..... | 97 |

Não vamos fazer nada?

A pergunta acima, apresentada pela revista **Veja**, na matéria de capa da edição de 14 de fevereiro de 2007, tem a ver com a morte cruel do pequeno João Hélio, de 6 anos. A família retornava de um Centro Espírita localizado no Bairro Bento Ribeiro, Zona Norte do Rio, quando, por volta de 21 horas, foi abordada por três jovens (um deles tinha 18 anos e outro menos de 18). Tomaram o veículo dirigido pela mãe e saíram em alta velocidade arrastando pelo asfalto o pequeno João preso pela cintura ao cinto de segurança.

O crime aturdiu a opinião pública e **Veja**, sempre atual, apressou-se em apresentar o fato levando-nos a reflexões muito duras: **Não vamos fazer nada?** - indaga o articulista, num convite explícito à sociedade a se mobilizar no sentido de evitar que tragédias como essa voltem a acontecer.

Homicídios assim e tantos outros que todos os dias se verificam em nosso país e fora dele acontecem em virtude do nível evolutivo de almas reencarnadas na Terra, que segundo Allan Kardec é um planeta onde predomina o mal. Espíritos ainda muito próximos de sua origem ou recalitrantes no erro deixam-se dominar pelos instintos selvagens permitindo que suas ações sejam moldadas pela perversidade, pelo egoísmo e pela soberba.

O que fazer? - perguntamos a nós mesmos. A resposta é complexa, porque envolve múltiplas variantes, quase todas elas de conteúdo moral. Ousamos apresentar algumas propostas, alicerçadas no conhecimento espírita.

Primeira: Os criminosos deverão ser afastados do convívio social pelo tempo necessário a uma moralização mínima que lhes permita viver em contato com a sociedade. Estarão reclusos em locais que tenham pelo menos um mínimo de dignidade e sofrerão rigoroso processo educativo moral em bases cristãs.

O Espírito Camilo, através da médium Yvonne Pereira se reporta a criminosos recalitrantes que ficam reclusos em departamentos prisionais de colônias espirituais apropriadas, submetendo-se à psicoterapia estruturada no Evangelho de Jesus.

Segunda: Em muitos casos, serão responsabilizados também, devendo acompanhá-los nos seminários de moral evangélica, os pais (particularmente aqueles que fugiram da responsabilidade, abandonando-os à sorte alheia ou tratando-os de forma cruel ou perversa). Deverão oferecer-lhes agora todo o afeto que negaram antes, buscando o perdão e o entendimento.

Os estudos envolvendo criminosos têm mostrado que grande parte deles vem de relações familiares muito difíceis e conflituosas: pais ausentes ou alcoólatras, mães levianas e agressivas. Muitos foram vítimas de maus tratos na infância, ou até mesmo violência sexual no lar.

Terceira: As autoridades políticas, civis, jurídicas, militares ou qualquer outra estarão proibidas de mentir, furtar, corromper, desviar recursos, beneficiar-se a si ou a seus familiares dos cargos que ocupam. Se não agirem assim, serão punidas como qualquer cidadão. O exemplo deve vir de cima. Se os que detêm o poder não se mostram honrados e dignos, o que esperar dos demais?

Uma socióloga paulista, passeando pela praia de Copacabana, observou um engraxate cobrar cinquenta reais de um turista estrangeiro, pela limpeza do par de sapatos. Ao admoestá-lo quanto àquela atitude, ouviu dele o seguinte: **Esse aqui, dona, é o meu mensalão!**

Quarta: As pessoas mais bem estabelecidas socioeconomicamente esbanjarão menos seus recursos pecuniários, utilizando-se deles de forma sóbria e útil à sociedade, através da promoção de trabalho remunerado com dignidade. O dinheiro e o poder são dados a Espíritos reencarnados com a missão de

promover o progresso e abrir frentes de trabalho. Chico Xavier dizia que o dinheiro é como o sangue. Se estocado, coagula e causa doenças; se está circulando, leva oxigênio e saúde aos tecidos.

Quinta: A imprensa e os meios de publicidade deixarão de divulgar ideias que estimulam a cobiça e agridem aos mais pobres, apresentando tudo aquilo que eles jamais poderão ter como sendo condições essenciais a felicidade.

A agressividade e a violência na espécie humana muitas vezes surgem do sentimento de humilhação quando um indivíduo se compara com outro. A inveja tem papel preponderante nas ações humanas. O comportamento da mídia em geral e das campanhas publicitárias em particular expõe, de forma até mesmo cruel, a enorme diferença social existente em nosso país, incitando ao ódio e conseqüentemente à violência.

Sexta: A TV fará uma revisão completa de sua programação, deixando de invadir nossos lares com ideias vazias, que estimulam a licenciosidade e promovem o desrespeito aos valores de honestidade, responsabilidade e compromissos afetivos.

Em um país budista localizado no Himalaia, de nome Butão, seus habitantes nunca tinham visto televisão. Em 1999, o rei introduziu ali uma rede de TV. De lá para cá, aumentaram de forma significativa, naquela nação, os índices de adultério, dependência química, violência e criminalidade.

Sétima: Os usuários de drogas ilícitas jamais voltarão a usá-las, pois eles são cúmplices de grande número de crimes que se dão próximos ou distantes deles. É o usuário que alimenta o tráfico. Sem consumo, não há venda. Sem venda, fecha-se um canal importante de violência.

Oitava: A classe média deverá envolver-se diretamente com os problemas sociais, assumindo a responsabilidade que lhe compete na instrução dos menos favorecidos, dando-lhes as oportunidades que merecem e a inclusão a que têm direito.

A indiferença perante as necessidades alheias gera uma postura de comodismo e de transferência de responsabilidade. Todos precisam se envolver e dar a sua contribuição.

Nona: As lideranças religiosas viverão de forma simples e sóbria e deverão estar ao lado dos fiéis, vivenciando suas angústias e acolhendo-os com fraternidade, fazendo como Jesus, que tinha como templo a natureza e como oração a prática do bem.

O objetivo da religião é a ligação do homem com Deus. Só se pode ligar-se a Deus, ligando-se aos homens, sua obra.

Décima: Cada um de nós fará diariamente uma longa viagem interior para identificar em nós o germe da crueldade e da indiferença, assumindo um compromisso de jamais lesarmos ou prejudicarmos nosso semelhante, assumindo aquilo que nos compete no processo de engrandecimento moral do planeta.

O remédio é amargo, mas para enfermidades longas e graves a terapia tem que ser profunda. A problemática da criminalidade e da violência não encontrará solução em decretos que digam apenas o que os outros têm que fazer, sem promover reformas em toda a coletividade.

A Terra será um mundo melhor, quando nós formos pessoas melhores.

A Lição da Esperança

Manuel Bandeira, o respeitado poeta brasileiro, se expressou de forma sincera: *“Como dói viver quando falta a esperança”*.

A falta de esperança predispõe ao suicídio. Os deprimidos graves atentam contra a própria vida pelo sentimento de desesperança.

Dante Alighieri colocou os suicidas no centro do inferno, por terem cometido o maior de todos os pecados, *a perda da esperança*.

Certo sacerdote católico nos disse que considerava a esperança uma virtude maior do que a fé. Justificou sua opinião assim: “Muitos suicidas têm fé, pois em carta endereçada aos pais falam em Deus e pedem perdão. O que eles perderam é a esperança.”

O apóstolo Paulo, ao apresentar aos cristãos de sua época as três virtudes que ele considerava as mais importantes, colocou a esperança ao lado da fé e da caridade.

O cristão sincero jamais desanima, combate a desesperança e o tédio com rigor e não aceita “entregar os pontos” ou “jogar a toalha”.

A história das irmãs Mariana e Ana Maria de Castro, de 26 anos, residentes em Manaus, fala por si mesma. As gêmeas amazonenses ficaram 24 anos sem andar e sem falar por causa de uma doença neurológica que se manifestou quando as duas tinham dois anos de idade, após uma febre muito alta e convulsão. Elas viveram, todos esses anos, deitadas e para se comunicar com a mãe elas piscavam os olhos. O diagnóstico feito à época era de paralisia cerebral.

A família é humilde e mora num bairro pobre de Manaus. Sobrevivem da aposentadoria de uma delas. A mãe é analfabeta e lava roupa para fora para ganhar um dinheiro extra que serve para a manutenção da casa e compra de alimentos.

Há dois anos, elas foram examinadas por uma nova equipe de neurologistas e levantou-se uma nova possibilidade diagnóstica, uma doença caracterizada pela falta de dopamina no cérebro. Elas foram então medicadas com drogas usadas no tratamento da doença de Parkinson, que agem aumentando os níveis cerebrais de dopamina, e para surpresa geral voltaram a falar e andar.

Dona Socorro, a mãe das meninas, declarou que essa foi uma das maiores emoções de sua vida, ver as filhas andando e se alimentando sozinhas.

A ciência, às vezes, realiza também seus milagres. Mas o maior de todos os milagres é a disposição interior de confiança e perseverança. Deus vela por nós e na hora certa a sua presença se manifesta.

Alimento da alma

Em primoroso capítulo do livro **Nosso Lar**, o Benfeitor desencarnado André Luiz considera o amor como o alimento da alma. Discorrendo a respeito do tema, o Espírito mostra que o ser espiritual necessita do contato com pessoas simpáticas para trocar com essas pessoas energias de afeto, fundamentais ao seu bem-estar e ao seu equilíbrio bio-psico-socio-espiritual.

Uma lei natural, que tem a sua explicação no próprio magnetismo, faz com que as pessoas afins se aproximem, formando grupos de relação. Sem a troca de afeto, o indivíduo adocece e pode vir a desencarnar.

Não raramente, identificamos casais muito unidos, que envelhecem de forma afetuosa e que a desencarnação de um deles leva, misteriosamente, a enfermidade e desencarnação do outro, sem explicação técnica plausível.

Curiosamente, a ciência oficial começa a descobrir essa lei. A mais importante revista de medicina do mundo (N Eng/Med) acaba de publicar um estudo que confirma cientificamente esse princípio.

O estudo mostrou que nossa saúde depende intimamente da saúde das pessoas que convivem conosco. Muitos cônjuges, anteriormente sadios, adoeceram após o falecimento do parceiro.

Pesquisas realizadas anteriormente mostraram que pessoas que vão ao médico com acompanhantes têm mais chance de melhora clínica e enfermos hospitalizados saem mais cedo do hospital se recebem um número maior de visitas. Outros estudos mostraram que as pessoas casadas vivem mais e adoecem menos que as solteiras e que jovens que convivem bem com os pais, mantendo com eles uma relação de cordialidade, serão velhinhos muito mais saudáveis do que os outros jovens.

É sempre atual a recomendação de Jesus: Cuide do seu próximo como da pupila de seus olhos.

O que fazemos de bom, útil ou generoso para as pessoas de nossa relação retorna pra nós, de uma forma ou de outra.

A base orgânica da mediunidade

A ORIGEM DA FACULDADE MEDIÚNICA

À semelhança de Charles Richet que conceituou a mediunidade como o "sexto sentido", Allan Kardec colocou-a em pé de igualdade com os outros atributos humanos, reconhecendo nela uma função orgânica, ordinária, natural, fisiológica, inerente a todos os seres humanos, embora em gradações muito diferentes.

Qual a sua origem? Qual a sua relação com o processo evolutivo que atinge a todos os seres do globo? As opiniões não são convergentes. Ernesto Bozzano defendia a tese de que as faculdades supranormais não são e não podem ser levadas a cargo da evolução da espécie, sendo assim sentidos da personalidade humana que deverão aflorar após a desencarnação. Não teriam, então, uma função definida para a vida física, já que apenas no ambiente espiritual elas deveriam emergir.

Pesquisadores materialistas, como Amadou e Vassiliev, colocam-na à conta de uma função em extinção. As faculdades paranormais seriam resíduos de faculdades atávicas que se foram atrofiando por obra da seleção natural, visto se haverem tornado inúteis à ulterior evolução biológica da espécie. O pensamento, todavia, que vem ao encontro da posição assumida pelo benfeitor André Luiz foi expresso por J. B. Rhine. Acreditava o pai da parapsicologia que as faculdades paranormais representam outros tantos germes de sentidos novos destinados a evoluir nos séculos, até emergirem e se fixarem na espécie.

Ao examinar a questão, no livro "Evolução em Dois Mundos", André Luiz informa-nos que a faculdade mediúnica vem sofrendo através dos milênios paciente desabrochar, acompanhando o Espírito eterno em seu processo evolutivo. É, portanto, uma função do Espírito que se projeta no corpo a cada nova existência, sendo continuamente aprimorada.

A MEDIUNIDADE E O ORGANISMO

A base orgânica da mediunidade é indiscutível: "A faculdade propriamente dita é orgânica." (O Livro dos Médiuns, cap. XX.)

Quais seriam as regiões do corpo responsáveis por esse sentido? Em que setores da economia biológica vamos identificá-lo? O quadro abaixo sintetiza as principais características biológicas da mediunidade:

| QUADRO I A Mediunidade e o Organismo |
|---|
| 1. Aptidão ao desdobramento perispiritual |
| 2. Larga desarticulação das forças anímicas |
| 3. Sistema Nervoso |
| 4. Epífise |

1. Aptidão ao desdobramento perispiritual:

Uma maior facilidade ao desdobramento do corpo perispiritual é característica comum em quase todos os tipos de médiuns. Em relação à evolução do processo, André Luiz tece comentários no livro "Mecanismos da Mediunidade", sintetizados abaixo:

Em se iniciando a criatura na produção do pensamento contínuo, o sono adquiriu para ela uma importância que a consciência em processo evolutivo até aí não conheceu.

Usado instintivamente pelo elemento espiritual como recurso reparador das células físicas, semelhante estado fisiológico carrega possibilidades novas de realização.

Amadurecido para pensar e mentalizar, o homem começou a exercitar o desprendimento parcial do corpo sutil durante o sono, dando os primeiros passos na conquista do desdobramento do estado do sono.

Afastava-se do corpo mantendo-se ligado a ele por finos laços fluídicos magnéticos, levemente dilatados nos plexos e bem consistentes ao ligar-se à fossa romboide.

Com o prosseguir evolutivo, as mentes mais afeitas à meditação e reflexão e que demonstrassem capacidades mediúnicas mais evidentes, pela comunhão menos estreita entre as células do corpo físico e do corpo espiritual, passaram do desdobramento durante o sono ao desprendimento durante a vigília, inaugurando no planeta a mediunidade sonambúlica, que está na base de quase todos os fenômenos mediúnicos.

2. Larga desarticulação das forças anímicas:

Na mediunidade de efeitos físicos haverá mobilização de elementos biológicos que André Luiz denomina de "recursos periféricos do citoplasma", que ao lado do fluido vital exteriorizado vai dar origem ao ectoplasma da terminologia científica.

André Luiz identifica nos medianeiros de todas as modalidades uma "comunhão menos estreita entre as células do corpo físico e do corpo espiritual", o que certamente facilitaria o desdobramento, que é o passo inicial na maioria dos fenômenos mediúnicos.

Sendo menos densos os elos de ligação entre os implementos físicos e espirituais, mais facilmente o medianeiro poderá exteriorizar para fora de sua individualidade as energias necessárias ao intercâmbio.

Em "Nos Domínios da Mediunidade", André Luiz colabora nessa ideia ao dizer: *"Raios ectoplásmicos são raios peculiares a todos os seres vivos e é ainda na base deles que se efetuam todos os processos de materialização mediúnica, porquanto os sensitivos encarnados que os favorecem libertam essas energias com mais facilidade."*

Na obra kardequiana vamos encontrar elementos que fortalecem o pensamento do autor espiritual:

"O Livro dos Médiuns", item 15:

"O Espírito tira dessas pessoas, como de uma fonte, um fluido animal de que necessita."

"O Livro dos Médiuns", item 75:

"Em algumas pessoas há uma espécie de emanção desse fluido, em consequência de condições especiais de sua organização, e é disso propriamente falando que resultam os médiuns de efeitos físicos."

"O Livro dos Médiuns", item 98:

"As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram à menor emoção, à mais leve sensação, são as mais aptas a se tornarem excelentes médiuns de efeitos físicos. Com efeito seu sistema nervoso, quase inteiramente desprovido do invólucro refratário que isola esse sistema na maioria dos encarnados, torna-os apropriados ao desenvolvimento desses diversos fenômenos."

"O fluido vital, apanágio exclusivo dos encarnados, deve obrigatoriamente impregnar o espírito agente."

Em "Mecanismos da Mediunidade", André Luiz reforça a tese ao dizer: *"Se a personalidade encarnada acusa possibilidade de larga desarticulação das próprias forças anímicas, encontramos aí a mediunidade de efeitos físicos."*

3. Sistema nervoso:

O principal sistema responsável pela faculdade mediúnica é o nervoso, principalmente o cérebro.

Dr. Nubor Facure, professor titular de Neurologia na Unicamp, examinando o papel do cérebro no fenômeno, esclarece: *"O fenômeno mediúnico se processa no cérebro do médium e sempre com a participação deste. É um processo de automatismo complexo, realizado através do cérebro sob a atuação de entidades espirituais que sintonizam com o médium. Dispomos no nosso cérebro de centros de atividades automáticas para as diversas atividades motoras que nos permitem, por exemplo, falar fluentemente, escrever rapidamente, pintar ou dedilhar um instrumento musical. Essas áreas expressam suas atividades com pouca participação da consciência. Desde que o médium possa destacar seu foco de consciência, o Espírito comunicante pode se ocupar dos núcleos de atividade automática do cérebro do médium e fazer transcorrer por ali conceitos da sua mensagem."*

4. Epífise:

O papel da epífise ou glândula pineal passou a ser valorizado com os estudos do autor André Luiz.

A epífise é uma glândula de forma piriforme, com as dimensões de uma ervilha mediana que repousa sobre o teto do mesencéfalo.

A glândula pineal foi bastante conhecida dos antigos. A Escola de Alexandria participou ativamente dos estudos da pineal que se achavam ligados a questões religiosas. Os gregos conheciam-na como conarium, e os latinos como pinealis, semelhantes a uma pinha. Esses povos em suas dissertações localizavam na pineal o centro da vida.

Mais tarde, os trabalhos sobre a glândula pineal se enriqueceram com os estudos de De Graff, Stenon e Descartes, que em 1677 fez uma minuciosa descrição da glândula, atribuindo-lhe papel relevante. Para ele, "a alma seria o misterioso hóspede da glândula pineal".

No início do século XIX, embriologistas relacionaram a pineal ao 3º olho de alguns lacertídeos da Nova Zelândia e passaram a considerá-la como órgão vestigial abandonado pela natureza, o que atrasou em muito os estudos sobre a pineal.

Em 1954 vários estudiosos publicaram um livro com o somatório crítico de toda a literatura existente sobre a glândula, chegando a algumas conclusões:

- A glândula pineal deixou de ser o órgão sensorial e passou a ser uma glândula de secreção endócrina.
- A glândula pineal teria influência sobre o amadurecimento das glândulas sexuais (ovários e testículos); quando atuante, a pineal inibiria o desenvolvimento dessas glândulas; quando inativa

(após os 14 anos mais ou menos), permitiria o desenvolvimento dos ovários e testículos, ocorrendo assim o aflorar da sexualidade.

- Seu hormônio (melatonina) favoreceria o sono, diminuiria crises convulsivas, sendo por isso conhecida como a glândula da tranquilidade.
- Atuaria ainda como reguladora das funções da tireoide, do pâncreas e das supra-renais.
- Seria ainda uma reguladora global do sistema nervoso central.

Em "Missionários da Luz", cap. I e II, André Luiz, estudando um médium psicógrafo com o instrutor Alexandre, observa a epífase do médium a emitir intensa luminosidade azulada, ao que o instrutor esclarece:

"No exercício mediúnico de qualquer modalidade, a pineal desempenha o papel mais importante."

André Luiz observa:

"Reconheci que a glândula pineal do médium expelia luminosidade cada vez mais intensa... a glândula minúscula transformara-se em núcleo radiante e ao redor seus raios formavam um lótus de pétalas sublimes. Examinei atentamente os demais encarnados e observei que em todos a pineal apresentava notas de luminosidade, mas em nenhum brilhava como no médium em serviço. Alexandre esclarece: é na pineal que reside o sentido novo dos homens, entretanto, na grande maioria, a potência divina dorme embrionária."

Em "Evolução em Dois Mundos", o autor explica a evolução da pineal, que deixou de ser olho exterior, como era nos lacertídeos na Nova Zelândia, para fazer parte do cérebro, relacionada à emoções mais sutis.

Em "Missionários da Luz", André Luiz esclarece:

"Não se trata de um órgão morto segundo as velhas suposições, é a glândula da vida mental. Ela acorda no organismo do homem, na puberdade, as forças criadoras, e em seguida continua a funcionar como o mais avançado laboratório de elementos da criatura terrestre."

Aos 14 anos aproximadamente, a glândula reajusta-se ao concerto orgânico e reabre seus maravilhosos mundos de sensações e impressões da esfera emocional. Entrega-se a criatura à recapitulação da sexualidade, examinando o inventário de suas paixões vividas em outras épocas, que reaparecem sob fortes impulsos. Ela preside aos fenômenos nervosos da emotividade, como órgão de elevada expressão no corpo etéreo. Desata de certo modo os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras, na sequência de lutas pelo aprimoramento da alma e deixa entrever a grandeza das faculdades criadoras de que a criatura se acha investida."

Observamos, então, que a pineal apresenta particularidades e funções que transcendem o posicionamento da ciência oficial.

Ela domina o campo da sexualidade, estabelece relações com o mundo espiritual, via mediunidade, transformando energia mental em estímulo nervoso e mantém contato entre o Espírito e o corpo, através do centro coronário, além de presidir aos fenômenos da emotividade.

André Luiz acrescenta:

"Segregando delicadas energias psíquicas, ela conserva todo o sistema endócrino. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do campo vital, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade. As redes nervosas constituem-lhe fios telegráficos para ordens imediatas a todos os departamentos celulares e sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energia a todos os órgãos."

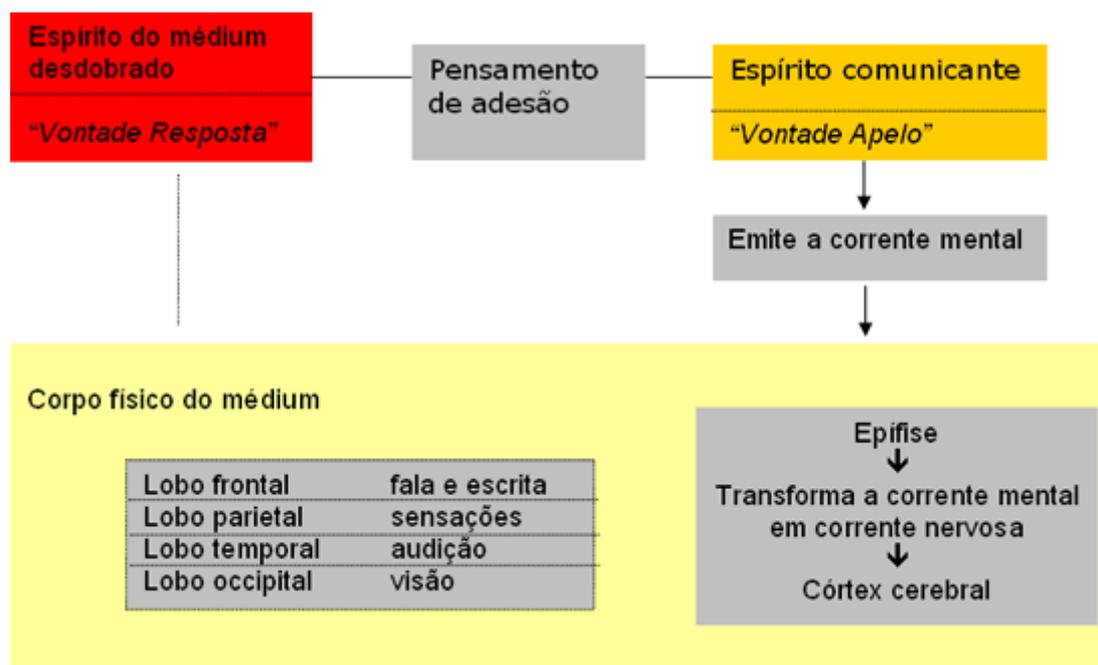
| QUADRO II Funções da Epífise | |
|---|--|
| 1. | Glândula da vida mental – órgão por onde o psiquismo se expressa no corpo. Preside as atividades endócrinas e do SN |
| 2. | Glândula da mediunidade – responsável pela conversão da energia do comunicante em impulso nervoso a ser assimilado pelo cérebro do médium. |
| 3. | Controle da sexualidade – na adolescência, determina o início da função sexual a partir de estímulos sobre as gônadas. |
| 4. | Preside os fenômenos da emotividade. |

O CIRCUITO MEDIÚNICO

Esclarecendo quanto ao mecanismo íntimo do fenômeno mediúnic, Kardec reproduz o pensamento de um de seus guias:

"Nossas comunicações com os espíritos encarnados se realizam unicamente pela irradiação do nosso pensamento." (O Livro dos Médiuns, cap. XIX.)

A comunicação mediúnic é, em síntese, um processo de transferência de conteúdos mentais da dimensão espiritual para a física. A participação direta do médium e dos assistentes é indiscutível em todas as variedades mediúnicas. O desdobramento do médium quase sempre precede a captação da onda mental do Espírito comunicante, conforme mostra o esquema abaixo:



Vida fora da Terra

A descoberta recente de um planeta irmão do nosso está sendo considerada o maior passo da humanidade na busca de vida extraterrestre. Ele localiza-se na constelação de Libra. Os cientistas acham que há água em forma líquida na superfície do planeta, com o nome provisório de GL 581c, onde as temperaturas variam entre 0 e 40 graus. Tais condições são ideais para a existência de vida.

No entanto, uma pesquisa feita nos Estados Unidos mostra que apenas três em cada dez cientistas acreditam que possa existir vida em outros planetas.

É difícil acreditarmos que as mais notáveis inteligências do mundo se mostrem tão "cabeça dura" diante de uma questão que a própria razão humana considera altamente provável.

Existem alguns trilhões de galáxias. Cada uma delas conta com muitos bilhões de estrelas. Considerando que cada estrela aglutina de 10 a 20 planetas, teríamos um número total de planetas no Universo que ultrapassa a nossa capacidade de imaginação. Nada mais absurdo, do ponto de vista racional, que acreditar que só um planeta, justamente o nosso, seja habitado.

Mas podemos considerar a nossa razão como sendo argumento favorável à aceitação de um princípio qualquer?

Kardec, no livro **O Céu e o Inferno**, capítulo III da Primeira parte, propõe como reflexão a seguinte indagação: Como podemos ter certeza de que o Espiritismo diz a verdade? Ele próprio respondendo a indagação formulada afirma que a força do Espiritismo se assenta em três bases:

Primeira: O bom senso e a razão. Se o princípio é lógico, satisfaz ao raciocínio e se assenta em bases racionais, tem mais probabilidade de ser real.

Segunda: A revelação. O princípio deve ser apresentado por Espíritos diferentes, através de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares. Kardec denominou isso como Universalidade do Ensino dos Espíritos.

Terceira: A concordância com o progresso da Ciência.

A Doutrina Espírita admite a existência de vida em outros mundos do Universo. A razão e a revelação dos Espíritos nos dizem isso. Esperamos que a ciência, o mais rapidamente possível, nos mostre isso.

Tragédia urbana

Havia fatores demais conspirando contra a sorte do pequeno Fernando, de 4 anos de idade, naquele momento fatídico em que ele pousou o pé no vazio do bueiro, sendo tragado pelas águas, na movimentada avenida de São Paulo.

Ele vinha brincando e pulando, esperto como sempre, pelo canteiro central da avenida, ao lado de mãe, pai, avô e mais algumas pessoas.

Voltava de uma festinha e a desencarnação colheu-o de forma trágica.

Como isso pode ter acontecido, indagamos a nós mesmos? Quem são os culpados, bradamos, procurando justiça. A tampa de ferro havia sido roubada. Quinhentas tampas como essa são roubadas mensalmente, em São Paulo.

O poder público ainda não havia recolocado outra em seu lugar. Os pais talvez tenham se distraído, afinal a criança só tinha 4 anos. Quantos possíveis culpados! Todos, provavelmente, tenham sua parcela de responsabilidade no fato.

A Doutrina Espírita nos esclarece, contudo, que, naquele instante, cumpriu-se a Lei de Causa e Efeito. O pequeno Fernando, ao retornar tragicamente ao mundo espiritual, estava respondendo, perante a própria consciência, por deslizes graves cometidos em outras eras.

Ensina-nos o benfeitor André Luiz, pela mediunidade de Chico Xavier, no livro **Evolução em Dois Mundos**, que em quase todos os casos de desencarnação antes dos 18 anos de idade nós encontramos um suicida de encarnações passadas. O curto espaço de tempo na Terra serve-lhe para a recomposição do corpo espiritual que ele lesou com a atitude infeliz da autodestruição.

De forma alguma tal explicação nos isenta dos cuidados que devemos tomar e das responsabilidades perante os próprios atos. A Lei de Deus se aproveita de nossas falhas para educar os culpados, mas nós responderemos por todo ato que redundar em prejuízo de outro.

Agir corretamente. Viver de forma honesta. Procurar uma vida mais saudável e equilibrada são formas de contribuirmos para o bem-estar coletivo.

Agindo assim, no futuro, nós não mais veremos fatos como este que demonstram a necessidade de todos nós refletirmos sobre os nossos próprios atos.

Uma carta a meu pai

A mais importante viagem empreendida por Allan Kardec em favor da divulgação da Doutrina Espírita aconteceu em 1862. Durante sete semanas, o codificador do Espiritismo visitou vinte cidades, tendo participado de meia centena de reuniões, proferindo várias conferências.

Em uma de suas conferências ele fez referências às crianças educadas segundo os princípios espíritas. Afirmou: “É notável verificar que as crianças educadas nos princípios espíritas adquirem uma capacidade de raciocinar precoce que as torna infinitamente mais fáceis de serem conduzidas. Nós as vimos em grande número e pudemos fazer essa observação pessoalmente... Revelam um fundo de docilidade, de ternura e respeito filiais que as leva a obedecer sem esforço e as tornam responsáveis nos estudos.”

O pensamento do mestre Kardec encontra ressonância nesta breve carta que uma criança espírita de 10 anos escreveu para seu pai, neste mês de agosto:

*Pai
Você é tudo!
Você me leva para frente, me entende, me faz não ter vergonha do que eu sou. De vez em quando dá algumas broncas, me corrige pelo que eu faço, mas brinca comigo, me protege quando eu caio, conta piada, você é o máximo!
Parabéns pelo seu dia
Feliz dia dos Pais
Beijos e abraços.*

Divórcio demais?

No Brasil, 25% dos casamentos terminam em divórcio, a maioria deles com filhos envolvidos. Será que se justificam tantas desvinculações assim?

Segundo o Livro dos Espíritos, o casamento está na natureza, pois a união permanente de dois seres é um progresso na marcha da Humanidade.

As finalidades do matrimônio são bem definidas: a formação do lar, onde almas afins se reencontram para dar prosseguimento ao seu progresso, pois existe a possibilidade dos parceiros permutarem valores afetivos de forma segura e equilibrada, além do acolhimento de Espíritos da mesma família espiritual, na condição de filhos.

O casamento contribui também com o aprimoramento do instinto sexual, na medida em que os parceiros são convidados, com o tempo, a substituírem as relações puramente físicas pelas trocas de afetos, por meio do carinho e do diálogo.

Mas, se o casamento está na natureza por que há tantos desencontros no casamento?

Os motivos são vários: ausência de afinidade espiritual, a intimidade gerando a intolerância com os defeitos e manias do parceiro, a perda da identidade pessoal que muitos se permitem e, frequentemente, ausência de boa vontade e de fraternidade cristã.

E a separação? O divórcio segundo a Doutrina Espírita não é contrário à Lei de Deus, pois ninguém é obrigado a conviver com outro a contragosto, no entanto é preciso que se analisem, com muito cuidado, as causas da separação.

Serão justas? Foi tentado tudo? Ou serão motivos pueris, ligados ao egoísmo, a má-vontade ou a paixões passageiras?

Deus leva em conta mais a intenção do que o ato, e aqueles que estão em via de interromper uma relação devem pesar seriamente as causas e as consequências da desvinculação, lembrando que o divórcio não é um ponto final na relação; na melhor das hipóteses, um ponto e vírgula.

Pílula do dia seguinte

Planejar a família, escolhendo o melhor momento para reencarnação dos Espíritos afins, na condição de filhos biológicos, é medida lícita e demonstra amadurecimento espiritual. Coibir de forma permanente e/ou definitiva as possibilidades gestacionais, sem justificativa racional, é, segundo **O Livro dos Espíritos**, medida contrária ao progresso (item 693) e sinal de predominância da matéria sobre o espírito (item 694).

Diferentes métodos são apresentados pela Ciência oficial para planejamento familiar, podendo o casal escolher aquele que melhor se identifique com as suas características pessoais e temperamento.

A escolha da *pílula do dia seguinte* é infeliz, pois seu mecanismo de ação age impedindo a fixação da célula ovo ao útero, que se dá cerca de 7 dias depois da concepção, estando, portanto, o Espírito reencarnante já ligado a matéria física.

Os espíritas sabem como se dá a ligação do Espírito reencarnante à matéria, algumas horas depois do ato sexual, no terço posterior da tuba uterina (tromba de Falópio). A ligação é complexa e demanda, muitas vezes, a atuação de Técnicos da erraticidade. No instante em que o espermatozoide invade a intimidade do óvulo e os núcleos se fundem, o Espírito já em processo de perturbação, tendo o seu corpo espiritual miniaturizado, fixa-se magneticamente à nova célula iniciando o angustiante processo encarnatório.

A legislação brasileira não admite o aborto, excetuando-se algumas situações específicas, no entanto, liberou o levonorgestrel, componente da pílula do dia seguinte, no território brasileiro. Por que isso aconteceu? Porque existem setores da comunidade científica que colocam o início da gestação no momento da nidação, ou seja, fixação da célula ovo na parede uterina. Assim sendo, não seria abortiva medida que acontecesse antes disso.

Segundo a Doutrina Espírita, a gestação se dá antes, no momento da fecundação (união do espermatozoide ao óvulo). Como a vida humana surge nesse instante, a ação da pílula do dia seguinte tem claramente ação criminosa, pois o aborto é crime, em *qualquer época da gestação*, segundo **O Livro dos Espíritos** (item 358).

Crimes passionais

Tornaram-se corriqueiras as notícias que informam quanto a crimes passionais, regra geral, homens que assassinaram a ex-companheira, seja namorada ou esposa.

Lamentavelmente, esses fatos já não nos comovem tão profundamente, em virtude de sua injustificável prevalência.

Podemos relacionar duas causas para tais crimes bárbaros. A quase ausência de punição exemplar de nosso sistema penal, que permite que réus confessos permaneçam soltos, e outros que vêm adquirir a liberdade após muito pouco tempo de reclusão.

A segunda causa vamos identificá-la no egoísmo humano, que Kardec considerava como o “câncer moral da humanidade”. O egoísmo distorce por completo o nosso pensamento, nos fazendo crer que as pessoas existem apenas para nos servir e nos dar prazer. Quando elas se negam a fazer isso, simplesmente damos cabo delas e fica tudo resolvido.

Os algozes de tais crimes estabelecem para si mesmos processos cármicos muito dolorosos, em futuro não muito distante.

Esses acontecimentos nos levam a rever os relacionamentos e as pessoas com as quais estamos envolvidos.

Somos sempre livres para escolhermos as nossas afeições íntimas e é preciso que nessas escolhas estudemos bem as nossas emoções e o comportamento de nossos possíveis parceiros.

O Evangelho convida-nos a vigiar as nascentes do coração, para evitarmos uma situação pior e mais grave no futuro. Jamais desconsiderar o sentimento alheio, poupando as outras pessoas e conseqüentemente a nós mesmos de saques afetivos e decepções mais sérias na área do afeto.

Vamos encontrar uma séria advertência sobre a questão em um fato inserido pelo Codificador do Espiritismo na segunda parte do livro *O Céu e O Inferno*. Reportou-se ele a um caso de suicídio, promovido por um jovem de nome Luís, que se matara ao ser refutado pela noiva, às vésperas do matrimônio.

Indagando ao Espírito de São Luís quanto ao possível comprometimento da ex-noiva naquela tragédia, ouviu dele a seguinte advertência: a moça tem culpa no desencarne de Luís, porque ela sabia que não o amava há bem tempo. Todavia ao dar prosseguimento ao relacionamento, mesmo sem amá-lo, desenvolveu nele um sentimento que culminou na tragédia citada.

Células-tronco embrionárias: uma posição favorável

O problema fundamental que envolve as experiências com células-tronco embrionárias reside no seguinte fato: a retirada da célula do pequeno embrião de poucos dias, congelado no laboratório, leva automaticamente à sua morte. Como o embrião é uma forma de vida humana, embora elementar, tal medida pode ser considerada como abortiva e, portanto, criminosa. Os Espíritos Superiores que assessoravam Kardec se manifestaram assim: cometerá crime sempre que alguém tirar a vida de uma criança antes do nascimento, pois está impedindo uma alma de suportar as provas de que serviria de instrumento o corpo que estava se formando (L.E. item 358).

Propomos uma reflexão que pode levar-nos a pensar que tal crime não existe. Para que tal procedimento configure um crime, precisamos estar diante de um embrião que caracterize um ser humano; para tal, ele necessita estar ligado a um elemento espiritual. Sem a ligação espiritual não temos uma vida humana e sim uma vida vegetativa. O codificador do Espiritismo fez uma nítida diferenciação entre vida vegetativa e vida espiritual (L.E. itens 25, 62 e 354). Sem a presença do Espírito ligado ao embrião não há crime, tal qual não existe crime ao retirarmos células do corpo, para estudo histopatológico, em uma biópsia médica. Como também não há crime em desprezarmos células sanguíneas retiradas por sangria de um enfermo que necessite dela.

Sabemos que um embrião pode existir, desenvolver-se à forma fetal e até mesmo nascer (embora não sobreviva) sem uma alma (L.E. item 356). O que levaria Espíritos desencarnados a se ligarem a embriões produzidos artificialmente em laboratório, sem uma finalidade reprodutiva, se o que atrai o Espírito à nova encarnação é o psiquismo materno?

Tal princípio foi bem estabelecido pelo benfeitor André Luiz, quando escreveu: “os espíritos em ligação sutil com a mente materna que lhes oferta guarida ... entram em simbiose com as organizações femininas a que se agregam, experimentando o definhamento do corpo espiritual” (Evolução em Dois Mundos, cap.XIX).

Não existe, portanto, nenhuma justificativa lógica para que embriões congelados em laboratórios, que jamais serão utilizados, sejam “moradas” para seres espirituais que têm mais o que fazer e com o que se ocupar.

Alguns confrades argumentarão o seguinte: se muitos desses embriões congelados se desenvolvem quando introduzidos no vaso uterino, isso significa que haveria Espíritos ligados previamente a eles, pois, segundo a codificação, a ligação do Espírito à célula ovo se dá no momento da fecundação.

Tal ideia, todavia, configura uma hipótese e não uma teoria definitiva, pois Kardec e os autores que examinaram o tema, particularmente André Luiz, estudaram o processo encarnatório apenas do ponto de vista da reprodução natural, que se desenrola no aparelho genital feminino. Em nenhum momento, e não poderiam agir de forma diferente, em decorrência da época em que os livros foram redigidos, eles analisaram o processo em uma reprodução artificial, assistida por técnicos em laboratórios especializados. André Luiz chegou a afirmar que “não existe uma técnica invariável no serviço reencarnatório” (Evolução em Dois Mundos, cap. XIX).

Não se pode afastar a hipótese de que, no caso dos embriões congelados que se desenvolvem ao serem introduzidos no útero materno, a ligação espírito-fetal se dê, quando da fixação do embrião na cavidade uterina.

A biologia humana nos dá vários exemplos de processos que se dão de forma diferente, quando mudamos as condições do meio ambiente. Por exemplo, quando as células são retiradas do tecido ao qual pertencem perdem por completo a sua forma, assumindo a forma amebóides. Outros tantos exemplos poderiam ser citados pelos especialistas da área.

Estudemos, finalmente, uma última possibilidade, que certo embrião destruído pela retirada de uma célula-tronco tenha uma entidade espiritual, por um motivo qualquer, vinculada a ele. Ainda aqui é de se perguntar: existe maior crueldade em manter um Espírito indefinidamente ligado a células inúteis em um laboratório ou libertá-lo para eficazes reencarnações, fazendo com que suas poucas células sejam utilizadas em prol de milhares e milhares de Espíritos reencarnados em luta com suas próprias dificuldades?

Alguns companheiros dirão: “é o seu carma!” “Talvez necessitem passar por isso!” Aprendemos, todavia, com o sábio Codificador, que a Lei de Deus nos oferece formas diversas de nos libertarmos dos desatinos do passado. Ficarmos aprisionados às células disformes em laboratórios de reprodução humana não nos parece ser a melhor delas. Sejam úteis, ensinam os bons Espíritos, pois “a perda de um dedo mínimo, quando se esteja prestando um serviço, apaga mais faltas do que o suplício da carne suportado durante anos, sem outro objetivo senão o bem de si mesmo (L.E. item 1000)”.

Mesmo porque, para sermos coerentes com a resposta que os Espíritos deram à Kardec, no item 358 de O Livro dos Espíritos e que citamos na introdução do artigo, nesta situação assinalada não estaremos “impedindo o espírito de passar pelas provas de que o corpo seria o instrumento”, porque esse espírito não iria concluir o processo reencarnatório em tempo algum.

Apresentamos simplesmente algumas ideias.

O tema é complexo e muitas outras observações poderiam ser feitas. O assunto deve e pode ser debatido de forma cristã e fraterna, levando-nos a conclusões futuras mais satisfatórias.

Ter razão

Ferreira Gullar escreveu na *Folha de São Paulo*, na sua coluna de domingo: “Numa de minhas intervenções, na Flip, em Paraty (RJ), em agosto passado, afirmei que uma das piores coisas do mundo é querer ter razão. Referia-me, implicitamente, à guerra entre judeus e palestinos, mas exemplifiquei com as brigas de casais. O cara insiste em ter razão, discute com a mulher, ela contra-argumenta, os dois se exaltam e daqui a pouco estão amuados, cada um no seu canto. Cheios de razão, mais infelizes. Não quero ter razão, disse eu, quero ser feliz”.

O pensamento desse conceituado intelectual brasileiro é profundamente cristão e remete-nos a algumas reflexões.

Por querer ter razão nós infernizamos a vida dos outros, humilhamos afetos sinceros, desprezamos relações que sempre nos foram caras.

Por querer ter razão nós nos exaltamos, ofendemos, nos encolerizamos e agredimos.

Por querer ter razão nos magoamos com facilidade e construímos antipatias.

Por querer ter razão perdemos boas oportunidades de estarmos bem, em paz com os outros e com a nossa consciência.

Conviver pacificamente com pessoas que pensam de forma diferente é indiscutível sinal de amadurecimento emocional. Deixar que os outros digam a última palavra e acreditem que venceram a discussão é evidência notável de que estamos vencendo o nosso ego inflado e nos preparando para voos espirituais mais altos. Calar diante do tolo, quando a sua fala não vai prejudicar ninguém, nos dá uma prazerosa sensação de que estamos avançando no árduo caminho da ascensão espiritual.

Afinal, o que conta mesmo é o que trazemos dentro de nós, os valores que cultivamos e as ideias boas que acalentamos em nosso mundo íntimo. Quando nos preocupamos excessivamente com a opinião dos outros significa que damos mais importância a eles que a nós mesmos.

E a respeito deles, o que eles pensam ou dizem importa apenas a eles mesmos e mais cedo ou mais tarde a própria evolução fará por eles o que a sua “cabeça dura” não deixou que a lógica e a lucidez fizessem agora.

Hormônio do amor

Existem evidências rigorosamente científicas de que a generosidade, a cordialidade e o amor fraterno são fatores geradores de saúde e longevidade.

Muitos estudos realizados em várias partes do mundo têm mostrado que indivíduos que desenvolvem tarefas altruístas, como voluntários em grupos religiosos ou ONGs preocupadas com o bem-estar dos mais necessitados, adoecem menos e vivem mais.

Até então não se sabia como isso se dava. Pesquisas recentes têm mostrado a possibilidade de um hormônio, denominado ocitocina, ser o responsável pelos efeitos positivos das qualidades morais sobre a saúde humana.

A ocitocina é uma substância produzida pelo hipotálamo e armazenada na hipófise posterior. Quando liberada na circulação sanguínea, promove a liberação de leite durante a lactação e a contração uterina no parto. Isso já se sabe, há muitos anos. A novidade é a seguinte: a ocitocina liberada no sistema nervoso central age de forma bem diferente, influenciando várias funções orgânicas e psíquicas. Ela inibe dois sistemas importantes, o Sistema nervoso simpático (reduzindo a liberação de Noradrenalina e Adrenalina) e a produção de cortisol pelas glândulas supra-renais. As consequências dessa inibição são: dilatação dos vasos sanguíneos, diminuição do trabalho cardíaco, queda da pressão arterial, relaxamento muscular, diminuição da tensão e sensação de bem-estar. Isso é tudo o que nós precisamos para viver mais e melhor.

A ocitocina definitivamente deixou de ser apenas um hormônio associado à lactação e parto. Suas funções pró-sociais já incluem a formação de laços afetivos entre mães e filhos e entre namorados, o que tem levado alguns pesquisadores a denominá-la de “hormônio do amor”.

Segundo um estudo da Universidade de Zurique, um pouquinho de ocitocina pingada no nariz de casais prestes a começar uma discussão diminui o estresse e deixa os casais mais propensos a “abrir seu coração” durante a briga.

Uma tese de mestrado realizada na Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto mostrou que ocitocina aplicada de forma intranasal reduziu significativamente o estresse advindo de ser obrigado a falar em público.

Cientistas da *Claremont Graduate University* estudaram os efeitos da ocitocina em voluntários que deveriam decidir se davam ou não dinheiro a estranhos. Segundo os pesquisadores, os que receberam o hormônio ofereceram 80% mais dinheiro que aqueles que tomaram um placebo.

Em artigo publicado em 2005, na revista *Nature*, outra experiência apontou a ocitocina como um hormônio do bem. Um spray de ocitocina foi aplicado a 194 jovens universitários, para um estudo realizado por pesquisadores de Zurique, na Suíça. Depois do contato com a substância, eles deveriam encontrar um banqueiro para decidir o destino de seus investimentos. Resultado: duas vezes mais investidores confiaram dinheiro aos bancos, por conta da substância. Isso indicaria que ela também desperta a reação de confiança. Curiosamente o hormônio está presente em níveis bem superiores nas mulheres que nos homens. Talvez isso possa representar a causa da maior valorização do compromisso por parte das mulheres, que são muito mais fiéis que os homens em suas relações afetivas.

A neuroendocrinologista Sue Cartes, de Illinois, nos Estados Unidos, descobriu que camundongos, cujo cérebro responde à ocitocina, são mais fiéis, e que estímulos como carinho, calor e experiências agradáveis aumentam os níveis dessa substância.

Todas essas descobertas são muito esclarecedoras e começam a construir uma ponte entre os valores morais e o bem-estar físico e mental, no entanto, a ciência encontra-se ainda um pouco distante da chave que abre o cofre da real compreensão de todos esses processos. Só a “Psicologia Integral”, na feliz expressão de Gabriel Delanne, vai equacionar definitivamente tudo isso: o Espírito, através de sua poderosa energia, via perispírito, sensibiliza o cérebro, e este, então, através de substâncias específicas, como a ocitocina, age promovendo as respostas desejadas no corpo – veículo transitório desse mesmo Espírito em direção a um futuro venturoso.

Recado aos que ainda fumam

Ter um cônjuge fumante pode aumentar em 42% o risco de sofrer ataque cardíaco, indicam os resultados de uma pesquisa conduzida na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Se for o caso de um ex-fumante essa possibilidade aumenta para 72%.

Embora o fumo passivo seja amplamente aceito como fator de risco para doenças coronárias, poucos estudos tinham investigado a associação entre este fator e os riscos de infartos. Agora não se tem mais nenhuma dúvida a respeito do assunto.

Sabe-se também que crianças asmáticas sofrem mais crises e recuperam-se mais lentamente se alguém em casa tem o hábito de fumar cigarro.

Exames de ressonância magnética de pulmões realizados em parentes de fumantes mostram alterações patológicas significativas.

Todas essas evidências mostram que fumar próximo de outras pessoas é uma atitude de danos indiscutíveis para elas.

Compete aos não-fumantes respeitar os que fumam em sua opção de vida, mas compete igualmente, e mais ainda, aos que fumam, fazê-lo de forma absolutamente solitária, responsabilizando-se unicamente a si mesmos pelas consequências de seu hábito.

Planos para 2009

Mudança de ano não representa muita coisa. O primeiro dia do ano é um feriado como tantos outros e o segundo, um dia útil como muitos que o precedem ou que vêm depois dele. Mas, um costume, quase irresistível, nos leva a reflexões mais profundas nessa época do ano.

Volvemos o pensamento no que ficou: decepções, alegrias, vitórias, o que comemorar e o que lamentar, o que poderia ter sido e não foi e o que não deveria ter sido e foi.

Mas fazemos planos para o que vai vir. Onde atuar? O que mudar? Como refazer?

Seguem algumas propostas exequíveis.

Comer menos, dormir menos, falar menos e pensar mais antes de agir.

Estudar coisas sérias e ler apenas o que vale a pena.

Correr menos e agir com mais atenção e serenidade.

Honrar horários e compromissos: o tempo dos outros é tão importante quanto o nosso.

Pensar menos em festas, roupas, viagens e lazer e pensar mais em como tornar nossa vida mais rica e produtiva.

Oferecer mais tempo àqueles que nos querem bem e suportar de forma mais caridosa os que não gostam de nós.

Não usar ninguém para atingirmos nossos objetivos. Considerar que os outros têm sentimentos, anseios e necessidades, tal qual nós mesmos.

Orar de forma mais reflexiva, para que a prece seja fator de transformação pessoal.

Respeitar a posição dos outros, mesmo quando os considerarmos equivocados; podemos estar enganados.

Esclarecer mais atenciosamente as dúvidas alheias.

Não gritar, xingar ou discutir.

Torcer para os outros, acreditar neles, aplaudir suas vitórias.

Olhar sem desejo e ouvir sem pressa.

Mandar menos, pedir menos e cobrar menos.

Desculpar-se apenas uma vez em cada falta.

Tratar as pessoas pelo nome.

Desfazer-se de uma peça de vestuário sempre que adquirir outra equivalente.

Não ser fonte de problemas e nem foco de contendas.

Dar com sabedoria, auxiliar sempre que possível e esclarecer em todo instante.

Comprar apenas quando necessário e possuir sem apego.

Dirimir as angústias e queixas ante o labor profissional. É através dele que alimentamos nossos filhos.

Eximir-se do desculpismo ante a necessidade do voluntariado e assumir ao menos um compromisso semanal em prol do bem coletivo.

Explicar a mesma coisa pra mesma pessoa quantas vezes necessário.

Calar as críticas contundentes; rigorosamente nenhum de nós encontra-se em condição evolutiva para apontar os erros alheios. Entre as prostitutas e ladrões e os religiosos hipócritas de seu tempo, Jesus optou pelos primeiros.

Ser correto, justo e honesto. Devolveremos à vida tudo o que sacarmos dela de forma indevida.

Concluindo: 2009 será o que fizermos dele, nada mais, nada menos. Assim sendo, avante, façamos o melhor.

Passeio socrático

Frei Beto caminhava por um shopping de BH, quando, diante de uma loja, foi interpelado por um vendedor:

– O senhor deseja algo?

E ele, prontamente:

– Não, faço apenas um passeio socrático?

– Mas do que se trata? – indagou o moço.

– Sócrates foi um filósofo grego que gostava de caminhar pelas ruas de Atenas, onde existiam muitas lojas, como a sua. E certa feita, foi abordado por um vendedor, como você, quanto ao interesse em adquirir algo. Ele então respondeu: Apenas observo as coisas que existem que eu não necessito para ser feliz.

Passam-se os séculos e os tormentos e ansiedades se renovam: gastar, comprar, trocar, consumir cada vez mais e produtos mais caros ou de marca. Os economistas denominam esse processo de "esteira hedonista", e as consequências disso para a saúde emocional (sem nos referirmos aos problemas econômicos) são evidentes: insatisfação, despeito, brigas, depressão.

Só existe uma solução: a busca de uma vida interior mais rica; o entendimento de que a essência do bem-estar íntimo não está em possuir cada vez mais e sim em enriquecermos de significado as coisas que possuímos.

Porque a miragem de todo homem que busca o sucesso é uma vida luxuosa. Mas o que é o luxo? O luxo é a posse e ostentação de coisas raras. E o que é raro em nossos dias? Conta bancária gorda, automóveis importados, mansões e viagens para o exterior não são mais coisas raras. Raros, em nossos dias, são o silêncio, o tempo, a saúde, a segurança, a amizade sincera, o afeto de pessoas que nos querem bem, a serenidade interior. E isso não se adquire com mercadoria de troca.

Por tudo isso, Jesus proclamou: *Buscai primeiro o reino de Deus e tudo o mais vos será acrescentado.*

Sobre os psicopatas

A psicopatia é uma enfermidade. O que os profissionais da área sabem sobre ela?

Segundo o Dr. Robert Hare, um dos maiores especialistas no assunto:

- 1 - Ninguém nasce psicopata. Nasce com tendências para a psicopatia.
- 2 - O cérebro do psicopata possui diferenças. Estão sendo estudadas essas diferenças.
- 3 - Os pais podem interferir no surgimento ou na gravidade dessa doença, tratando mal os filhos, mas uma boa educação está longe de ser uma garantia de que o problema não vai aparecer mais à frente.
- 4 - A estimativa é que cerca de 1% da população mundial preencheria critérios para o diagnóstico de psicopatia.
- 5 - 90% dos serial killers (assassinos em série) são psicopatas.
- 6 - As principais características dos psicopatas são: ausência de sentimentos morais (remorso e gratidão), extrema facilidade para mentir e grande capacidade de manipulação.
- 7 - Não existe tratamento eficaz.

E o Espiritismo, o que diz?

Embora não existam estudos sobre o tema, podemos deduzir algumas coisas:

- 1 - O problema está no ser espiritual e não no corpo, já que este é reflexo daquele.
- 2 - Trata-se de Espíritos com graves deturpações morais, cuja origem nada sabemos.
- 3 - Não existe tratamento, no momento, segundo a óptica da psicologia materialista. Haverá no futuro, tal qual existe nas esferas espirituais.

Yvonne A. Pereira (inspirada pelo Espírito Camilo Castelo Branco), no capítulo II da segunda parte do livro *Memórias de um Suicida*, relata como se dá a psicoterapia de um provável psicopata.

Trata-se de um perverso criminoso que está domiciliado nas prisões do Hospital Maria de Nazaré. Diariamente recebe a visita de um terapeuta desencarnado, para "aulas de moral cristã", aulas essas figuradas, encenadas e ilustradas por exemplos reais.

A exposição se dá da seguinte forma: O terapeuta faz a explicação do dia, fazendo com que o algoz escreva em cadernos, "fazendo-o analisar a lição e meditar sobre ela".

Os temas versam sobre os direitos de cada indivíduo, o respeito mútuo, solidariedade e fraternidade. Os exemplos das lições são colhidos nas próprias ações cometidas pelo criminoso. "Ao aluno assiste o direito de apresentar objeções, indagar em torno de dúvidas e até contestar."

Basta mudar a si mesmo?

No livro *A Mosca Azul*, Frei Betto faz um belo estudo sobre o poder, detalhando todos os malefícios que o poder pode trazer para as almas incautas. O autor não se restringe a esse tema e tece considerações sérias sobre o homem e seus valores. Examinando a derrocada do socialismo, ele escreveu: "*Ao revolucionar a sociedade, o socialismo não mudou radicalmente as pessoas. Prova disso é que, após setenta anos de nova sociedade, bastou a União Soviética ruir para que a sociedade russa apresentasse sua face cruel, da rede mundial de pedófilos, via internet, além do fato de Moscou superar Nova York em número de bilionários do dólar*".

Os excessos e abusos cometidos por aqueles que pregavam o fim das regalias, mostraram que o que desejavam na verdade era o acesso ao poder, para fazerem exatamente o que combatiam nos outros. Osho afirmava que quem deseja o poder não é para fazer o bem, pois para fazer o bem ninguém precisa do poder.

O Espiritismo esclarece que as mudanças sociais e o sonho de igualdade de direitos e oportunidades só se realizarão quando instalarmos dentro de nós o princípio da justiça e da bondade.

Mas mostra também frei Betto, no livro citado acima, que a simples formação religiosa não produz força suficiente para operar as mudanças aspiradas pela sociedade. Escreveu: "*A formação religiosa, se dotada de força de conversão, modifica hábitos pessoais, elimina vícios, aprimora virtudes, incute valores e alarga o horizonte ético. Mas não induz necessariamente à crítica estrutura da sociedade. Antes, adequa melhor o convertido aos valores vigentes na ordem social. E nem sempre são valores positivos, como é o caso da competitividade, antagônica ao preceito evangélico da solidariedade. Quem opera mudanças em sua vida pessoal não o faz imperiosamente na vida social*".

A reforma íntima não pode promover no cristão uma alienação, antes deve levá-lo a uma integração íntima com o meio, procurando torná-lo mais justo com as pessoas, sensibilizando-as para a autossuperação. Lembra o autor que o caminho se faz ao caminhar. A pessoa muda também à medida que transforma o mundo.

Furto de pequeno valor não é crime

Furtos de pequeno valor não devem ser considerados crimes, conforme já se manifestaram todos os ministros do Supremo Tribunal Federal. Levantamento do próprio Supremo mostra que em ao menos 14 casos julgados em 2008, a Corte considerou "insignificantes" os delitos praticados (furto de um violão, de um alicate, entre outros). A conduta serve de sinalização às instâncias inferiores para que deixem de aplicar penas em casos de crimes considerados de "bagatela".

Essa medida nos leva a refletir em torno de uma lição evangélica que o Espírito André Luiz examina com lucidez, no capítulo 35, do livro *Os Mensageiros*. Trata-se do seguinte pensamento de Jesus: "O reino dos Céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem tomou e semeou em seu coração". Lembra o Benfeitor espiritual que tal lição evoca a importância de coisas mínimas em nossas atitudes. A semente de mostarda é a menor das sementes, mas ao desabrochar faz nascer uma grande e bela árvore. Quem é fiel no mínimo o será no máximo. A reforma íntima deve se iniciar nas coisas pequeninas, que poucos valorizam. Agindo sempre corretamente estaremos condicionando a virtude em nós, preparando-nos para voos espirituais mais altos.

Todo furto deve ser crime, no entanto, a punição deve ser equivalente à importância dele. E mais do que isso, deve ter sempre um caráter educativo.

A imprensa publicou recentemente alguns excessos nessa área: Um artista de Maceió preso há mais de quatro meses por ter furtado leite e queijo; catador de sucata preso durante sete meses por roubar garrafa de pinga de R\$ 1,50; cidadão ficou um mês preso por ter sido flagrado com um pacote de biscoito; mulher de meia-idade ficou 1 ano e sete dias por furtar um xampu e um condicionador.

Tais equívocos são injustificáveis e refletem o desamor que ainda prevalece em nossas decisões. Santo Agostinho, Espírito, respondendo à questão 1009, de *O Livro dos Espíritos*, afirmou: "A justiça não exclui a bondade".

Isso nos faz lembrar o veredicto de um famoso juiz norte-americano diante de um cidadão que havia roubado um pão. Determinou que o culpado pagasse a multa de 1 dólar e que o reclamante (o dono da padaria) pagasse outra de 100 dólares pelo crime de permitir que um faminto tivesse que roubar um pão para matar a fome.

Lições de um missionário

Por tudo o que fez e pelo que não fez; por tudo que disse e por aquilo que não disse, D. Hélder Câmara pode ser considerado um missionário de Jesus reencarnado em terras brasileiras



Dom Hélder Câmara (*foto*) ⁽¹⁾ completaria 100 anos de existência física este ano, se ainda estivesse reencarnado entre nós.

Considerado como o religioso mais importante do Brasil em diversas pesquisas de opinião realizadas por vários anos sucessivos e como o maior profeta da América Latina do século XX, pela maioria dos intelectuais católicos.

Culto, leitor voraz, de uma inteligência primorosa, jamais traiu os ideais de

simplicidade do evangelho. Conviveu com as pessoas mais influentes da época (compadre de Roberto Marinho) sem perder a simplicidade e sem deixar-se picar pela “mosca azul”.

Profeta da Teologia da Libertação antes mesmo que Gustavo Gutierrez apresentasse suas ideias em 1971, destacou-se como um dos bispos mais atuantes no Concílio Vaticano II (1962 a 1965).

Conselheiro pessoal de Juscelino, foi convidado a ser o primeiro prefeito de Brasília, tendo recusado o convite de forma discreta. Amigo de dois papas, João XXIII e Paulo VI, sempre denunciou os abusos da Igreja e sua conivência com os erros dos poderosos.

Arcebispo de Recife e Olinda por muitos anos, viveu junto dos carentes e necessitados, recusando habitar o palácio episcopal, preferindo uma casinha modesta junto de uma igreja, onde ele mesmo atendia ao telefone. Recebeu 16 títulos de *Doutor honoris causa* das mais prestigiosas universidades europeias e americanas, mas se emocionava em todas as missas que rezava e fazia suas refeições em restaurantes modestos e botequins, cercados de fiéis por todos os lados.

Por tudo o que fez e pelo que não fez; por tudo que disse e por aquilo que não disse, pode ser considerado um missionário de Jesus reencarnado em terras brasileiras.

Aprendamos com ele.

Em certa ocasião, a polícia federal bateu à sua porta:

– Viemos oferecer-lhe uma equipe de segurança. Se o Senhor morrer em acidente ou for assassinado por um louco, a culpa recairá sobre o regime militar.

Dom Hélder achou graça com tamanho cuidado com a sua segurança. De fato, preocupação com a imagem do Brasil no exterior:

– Não carece. Já tenho três pessoas que cuidam muito bem da minha segurança.

Os delegados ficaram surpresos:

– Mas não consta dos nossos registros. Ninguém pode ter segurança privada, sem autorização oficial. Dê-nos os nomes deles.

O arcebispo aquiesceu:

– Pois não. São o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

“Eu sou o jumentinho do Domingo de Ramos!”, disse ele
a Madre Teresa de Calcutá

Uma noite, uma pobre família recorreu a ele:

– Seu bispo, a polícia levou nosso pai confundido com um bandido. Estão batendo muito nele.

Dom Hélder compareceu à delegacia.

– Seu bispo – exclamou o delegado –, o Senhor por aqui?

– Sim – respondeu Dom Hélder –, vim em busca do meu irmão.

– Seu irmão!?

– Está preso aqui. É o fulano!

O delegado ordenou a imediata libertação do preso.

– Mas os Srs. são tão diferentes – observou o delegado – na cor e no nome!

Dom Hélder não titubeou, disse a verdade que, talvez, o delegado não tenha captado:

– É que somos filhos do mesmo Pai.

Em uma de suas viagens, Dom Hélder se encontrou com Madre Teresa de Calcutá (foto). Numa conversa amigável, ela lhe perguntou: “Dom Hélder, como é que o senhor faz quando o povo o aplaude e bate palmas. Como reage o seu coração?” Ele sorriu e respondeu: “Eu sou o jumentinho do Domingo de Ramos! As palmas do povo não são para o jumentinho, mas para Jesus”!



Em sua posse como arcebispo de Recife e Olinda, disse:

– No Nordeste do Brasil, Jesus se chama Zé, Maria e Severino.

Quando um dos padres se aproximava dele e tratava-o por “senhor”, ele rebatia de imediato:

– Senhor é Deus! Nós somos irmãos e podemos nos chamar de “você”.

No Recife, encontrou um clero no qual havia padres conservadores. Nunca, ninguém pôde dizer que foi preterido ou marginalizado pelo arcebispo. Ele gostava de repetir:

– Se você concorda comigo, me confirma. Mas, se discorda, me ajuda mais porque me obriga a aprofundar o meu ponto de vista.

Um bom exemplo de como ele praticava isso aconteceu em 1969. Dom Hélder denunciou torturas praticadas contra prisioneiros. O Jornal do Comércio publicou uma entrevista com o vigário de uma paróquia central da cidade. O tal monsenhor dizia que o arcebispo defendia bandidos porque nunca foi vítima dos seus atos delinquentes. E concluía: “Seria bom que fosse assaltado e torturado para não defender mais a bandidos”.

Os irmãos da pastoral exigiram que Dom Hélder desse uma resposta à altura.

Ele defendeu o direito do padre manifestar sua opinião, escusando-se a resposta, com o seguinte argumento:

– Isso do qual me acusa não é justo, mas tenho outros pecados. Aceito a acusação do que não fiz para que Deus me perdoe algum mal que fiz.

“Para nós, cristãos, a comunhão com o Pai parece mais simples, mas damos pouco de nós para vivê-la bem”

Durante alguns anos, ele presidiu a missa da Festa de Nossa Senhora dos Prazeres. No segundo ano da festa, seu carro quebrara antes do Morro dos Guararapes. O arcebispo subiu a pé. Tomou uma das ladeiras de terra. E, no caminho, viu em uma casa que ali se reunia uma comunidade umbandista. Parou e entrou na casa. Cumprimentou todos, abençoou-os e se fez abençoar por eles. Depois, retomou o caminho e foi celebrar a missa da festa.

Consultado sobre isso, ele sorriu e respondeu que tinha uma profunda admiração a esses irmãos que suam, cansam, pulam e dançam a noite inteira para receber o Espírito. Concluiu: “Para nós, cristãos, a comunhão com o Pai parece mais simples e, entretanto, nós damos pouco de nós mesmos para vivê-la bem. Esses irmãos do xangô têm muito a nos ensinar”.

Conselho dado ao papa Paulo VI:

– Ah! Santo Padre, seria tão bom se o senhor pudesse fechar o Banco do Vaticano, o Banco de Roma, o Banco católico de Vêneto e pudesse doar todo o Vaticano para a Unesco, a serviço da cultura mundial! O senhor então iria descobrir uma casa pequena, uma casa de dimensão humana em Roma, e passaria a morar lá. Uma casa abrindo para uma praça, de maneira que o senhor pudesse receber peregrinos do mundo, recebê-los como gente! Como eu gostaria de vê-lo no meio do povo! O povo segurando o Papa, empurrando o Papa, todo mundo dando a mão ao Papa. Naturalmente, seus conselheiros dirão que não pode ser, que há perigo até de um atentado. Perdoe-me, Santo Padre, mas todas as noites eu peço para que o Papa um dia seja morto. Há tanto tempo que pastor não morre pelas suas ovelhas!

“Se não estou enganado, nós, homens de Igreja, deveríamos realizar dentro dela as mudanças que exigimos da sociedade”

Alguns pensamentos de Dom Hélder:

“Nunca se deve temer a utopia. Agrada-me dizer e repetir: quando se sonha só, é um simples sonho, quando muitos sonham o mesmo sonho, é já a realidade. A utopia partilhada é a mola da história.”

“No dia em que a juventude for comedida, prudente e fria como a velhice, o país morrerá de tédio.”

“Ai de nós se só aprovações e louvores encontrássemos em nosso caminho: acabaríamos acreditando no próprio valor, o que costuma ser o começo do fim.”

“Cheguei a pensar em minha infância que o Cristo talvez tivesse exagerado ao falar no perigo da riqueza. Hoje, sei que é difícilimo ser rico e conservar entranhas humanas.”

“Nós também temos nossas falhas e nossos pecados, pois encobrimos injustiças sociais gritantes com esmolos generosas e espetaculares.”

“O moralismo e o jurisdicismo fizeram muito mal na Igreja. São gravemente responsáveis pela partida de muitos, pela indiferença de um número ainda maior de outros, e pela falta de interesse dos que poderiam olhar a Igreja com simpatia, mas são tomados de desânimo diante de nosso farisaísmo.”

“Se não estou enganado, nós, homens de Igreja, deveríamos realizar dentro dela aquelas mudanças que exigimos da sociedade.”

“Com muita frequência, falamos em pecados, mas prefiro falar em fraquezas. Quanto mais se conhece as pessoas por dentro, melhor se percebe que existe bem mais fraqueza do que malignidade.”

“Digo a vocês: o ideal é ter as mãos de Marta e o coração de Maria.”

“Os que não creem têm em comum com os que creem que o Senhor acredita neles.”

“Gostaria de ser uma simples poça d’água para refletir o céu.”

“Quando dou comida aos pobres, chamam-me de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista.”

“Sempre e em todo lugar do mundo, se se procura viver verdadeiramente o Evangelho, corre-se o risco de dissabores.”

“O Criador não quer salvar somente a alma. Quer salvar o homem todo, corpo e alma, com herança no céu e na Terra também.”

“Há misérias gritantes, diante das quais não temos o direito de ficar indiferentes. Muitas vezes, o jeito é dar um atendimento imediato. Mas não venho ajudar ninguém a se enganar, pensando que basta um pouco de generosidade e de assistência social.”

“Na guerra contra a injustiça, oitenta por cento do tempo e dos esforços devem ser dedicados à mudança das estruturas e à promoção humana, mas os vinte por cento restantes devem estar disponíveis para socorrer os feridos, as vítimas da guerra.”

⁽¹⁾ Dom Hélder Pessoa Câmara (Fortaleza, 7 de fevereiro de 1909 — Recife, 27 de agosto de 1999) foi bispo católico, arcebispo emérito de Olinda e Recife e um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Grande defensor dos direitos humanos durante o regime militar brasileiro, pregava uma Igreja simples voltada para os pobres e a não-violência. Por sua atuação, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Foi o único brasileiro indicado quatro vezes para o Prêmio Nobel da Paz.

Terra: mãe generosa ou planeta hostil?

Os últimos desastres geológicos envolvendo particularmente o Haiti e o Chile levam-nos ao pensamento do escritor norte-americano Bill Bryson, no livro *Breve História de quase tudo*, ao escrever que *vivemos num mundo que parece não nos querer aqui*.

A afirmativa de Bryson é resultado de longa reflexão em torno de dados históricos e científicos impressionantes. Por mais de oito vezes a Terra teve quase todas as formas de vida dramaticamente destruídas. Quando se fala em episódios catastróficos se pensa logo nos dinossauros e lembra-se que o seu desaparecimento há cerca de 60/70 milhões de anos está ligado ao choque de um grande asteroide. Isso dá a falsa impressão de que desastres com causas externas seria o principal risco para a nossa biosfera. O caso dos dinossauros, no entanto, é uma exceção em meio a um grande número de episódios nos quais processos conduzidos pelos próprios seres vivos acarretaram reduções dramáticas na biomassa (o volume total de seres vivos).

Há cerca de 250 milhões de anos, pereceram 90% das espécies marinhas e 70% do total da vida na Terra em decorrência do crescimento exagerado de bactérias produtoras de gás sulfídrico, um gás altamente mortífero para plantas e animais. Esse crescimento bacteriano se deu em virtude do aquecimento do planeta em decorrência de um efeito estufa produzido por gigantescos volumes de magma lançado por vulcões nos mares e na terra por milhares de anos.

Pelo menos duas dúzias de culpados potenciais foram identificados como causas das destruições em massa: aquecimento global, resfriamento global, mudança dos níveis dos oceanos, esgotamento do oxigênio nos mares, epidemias, vazamentos gigantescos de gás metano no fundo do oceano, impactos de meteoros e cometas, furações, vulcões, explosões solares etc. Lembra o autor citado que na maior parte da história recente a Terra esteve longe de ser o local estável e tranquilo que nós sonhamos. Não é, segundo ele, um local ameno para um organismo viver.

Uma teoria conhecida, a famosa hipótese Gaia, propõe
que a mãe natureza cuidará de nós eternamente
se voltarmos ao seu seio

As porções da Terra onde temos preparo ou capacidade para viver são bem modestas: apenas 12% da área terrestre total, e somente 4% da superfície total se incluirmos aí os oceanos. O restante é frio demais ou quente demais, alto demais, seco ou úmido demais etc.

Soma-se a tudo isso a ação irresponsável do mais recente predador do planeta, o homem, que, segundo o jornalista André Trigueiro, no livro *Espiritismo e Ecologia*, tem participação direta na mudança climática, na escassez de recursos hídricos, na produção monumental de lixo, na destruição sistemática e veloz da biodiversidade, no crescimento caótico e desordenado das cidades, dentre outros.

Mas o que pensarmos, então, da esperançosa ideia de que nosso planeta é “mãe acolhedora e generosa”, de mãos sempre abertas para seus filhos, nós, Espíritos encarnados?

Uma bela discussão filosófica pode ser feita.

Uma das teorias mais difundidas nos últimos quarenta anos, a famosa hipótese Gaia, propõe que a mãe natureza cuidará de nós eternamente se voltarmos ao seu seio. Gaia é uma referência à deusa Terra na mitologia grega, cujo nome também pode ser traduzido como “boa mãe”. Segundo essa hipótese, aventada pelo cientista inglês James Lovelock, a natureza teria compromisso com a manutenção da vida sobre a Terra, tendendo à harmonia. Segundo a teoria citada, os seres vivos colaboram entre si para manter as condições

ambientais dentro de parâmetros compatíveis com a manutenção da vida, podendo até mesmo melhorar a química da atmosfera e dos oceanos.

Segundo o paleontólogo americano Petyer Ward, da NASA e da Universidade de Washington, essa teoria está totalmente errada, pois os seres vivos interagem com o ambiente de tal maneira, que, a longo prazo, a vida tende a desaparecer. A natureza se comporta como Medeia, a mãe impiedosa que, na mitologia grega, mata os próprios filhos.

O nosso descaso diante do cuidado com a sustentabilidade do planeta tem sido responsável por problemas crescentes

A Doutrina Espírita nos apresenta o planeta Terra como o ninho do Espírito imortal necessitado de oportunidades para desenvolvimento de seus talentos. Se o planeta nos fosse oferecido perfeito e em absoluta harmonia, onde encontraríamos os elementos necessários ao nosso aprimoramento? Na medida em que o Espírito desenvolve a inteligência e o sentimento, o planeta que o acolhe vai sendo naturalmente burilado, tendo as suas condições de habitabilidade melhoradas.

O notável progresso tecnológico alcançado por nós, nos dois últimos séculos, atesta que o homem tem feito bastante em prol das melhores condições de vida na Terra. A expectativa de vida que era no Homem de Cro-magnun (há cerca de 100 mil anos) de 30 anos, e que subira apenas para 35 anos no século XIX, chega hoje, em países desenvolvidos, próxima dos 80 anos.

As comodidades que a tecnologia oferece a cada indivíduo com eletrodomésticos, automóveis e coisas equivalentes correspondem, segundo estudos de especialistas, ao trabalho de 33 escravos do mundo greco-romano.

No entanto há muito a ser feito, e atitudes equivocadas a serem revistas.

Gastam-se 18 bilhões de dólares por ano no mundo com perfumes e cosméticos. Isso bastaria para eliminar a fome de 800 milhões de pessoas. Gastam-se 12 bilhões de dólares por ano com sorvetes na Europa. Isso seria suficiente para prover com água de boa qualidade mais de 1 bilhão de pessoas que não a têm.

No capítulo VI de *O Livro dos Espíritos*, que versa sobre a Lei de Destruição, há o reconhecimento de que muitos flagelos resultam da imprevidência do homem.

O nosso descaso diante do cuidado com a sustentabilidade do planeta tem sido responsável por problemas graves e crescentes.

No livro *Eco-Economia*, Lester Brown comenta que ocorreram três vezes mais catástrofes naturais durante os anos de 1990 do que nos anos 1960. Perdas econômicas aumentaram oito vezes. Grande parte desse aumento parece ser devido a catástrofes, incluindo tempestades, secas e incêndios florestais.

O item 132 d'O Livro dos Espíritos diz que compete ao Espírito encarnado *cumprir sua parte na obra da criação*

Relatórios recentes de técnicos e pesquisadores da área informam que eventos extremos como furacões, enchentes e tempestades já ocorrem com mais intensidade e com intervalos de tempo mais curto. O degelo das calotas e dos cumes elevados, a elevação do nível do mar, a mudança da configuração de importantes ecossistemas como a Amazônia ou as imensas redes de corais submarinos são alguns dos efeitos da monumental descarga de gases de efeito estufa de origem humana, especialmente a queima progressiva de petróleo, carvão e gás, os desflorestamentos e o manejo inadequado do solo e lixo.

Lembra o jornalista André Trigueiro que mais importante do que cuidar do planeta para nossos filhos e netos é cuidar melhor dos nossos filhos e netos para o planeta. Em resumo: é o papel da educação, também para a questão ambiental.

Domenico de Masi, sociólogo italiano, autor do livro *O Ócio Criativo*, apresenta oito grandes obstáculos ao bem-estar da criatura humana, que nos compete superar: a morte, a dor, a miséria, o cansaço, a feiura, a ignorância, o autoritarismo e a tradição.

Quando Kardec estabelece as finalidades da encarnação em *O Livro dos Espíritos*, item 132, escreve que compete ao Espírito encarnado *cumprir sua parte na obra da criação*. Ou seja, atuar de forma positiva e dinâmica em prol do planeta e de todos os seres viventes.

Joanna de Ângelis, na obra *Atitudes Renovadas*, coloca que *os compromissos terrenos, aqueles que fomentam o progresso da sociedade, também fazem parte integrante das altas responsabilidades morais do Espírito imortal*. E acrescenta: *A tua é a missão de construir a Terra melhor e mais feliz, iniciando o labor em teu mundo íntimo e ampliando-o além das fronteiras que te limitam*.

A Terra (seja Gaia ou Medeia) é aquilo que precisa ser para fazermos o que precisa ser feito em prol de nosso desenvolvimento espiritual.

O benfeitor Humberto de Campos, pela psicografia de Chico, assim se expressou: *Não aspire a um mundo que você ainda não merece; trabalhe muito para melhorar o mundo que é o seu*.

Emmanuel e a política

Nos primeiros anos de suas atividades mediúnicas, Chico Xavier abria espaço para interpelações aos Benfeitores Espirituais sobre temas de assunto geral, em reuniões íntimas, acontecidas na cidade de Pedro Leopoldo. Questões eram apresentadas para reflexão e Espíritos diversos opinavam de maneira esclarecedora. Nesses encontros produtivos, predominavam com frequência as comunicações de Emmanuel, em virtude, talvez, do maior compromisso assumido junto ao medianeiro de Minas Gerais.

Nos meses de maio, junho e julho de 1935 surgiram temas de cunho político e Emmanuel, chamado a opinar, apresentou seu pensamento de forma sincera e lúcida.

A atualidade das perguntas e, sobretudo, das respostas é comovente, embora estejamos distante delas 75 anos.

Apresentamos uma síntese didática de seu pensamento.

COMPROMISSO COM O EVANGELHO

O Benfeitor confessa que sua área de interesse não é bem a política, mas não se recusa a opinar, esclarecendo não ser o dono da verdade: *“Avesso à política, me sentiria mais à vontade se fosse inquirido acerca do evangelho. Todavia, opiniões são coisas que pouco se custa a fornecer; contudo os meus pareceres são igualmente pessoais como os vossos, sem o caráter da infalibilidade”*.

NACIONALISMO

Faz uma crítica ao nacionalismo exagerado, mostrando que somos cidadãos do Universo com responsabilidades amplas diante de todos os homens de todas as nacionalidades: *“Fazer a apologia desses movimentos nacionalistas que, a pretexto de unificação e energia administrativa, operam a revivescência das autocracias de outrora, incentivando as guerras, provocando revoltas, coibindo o pensamento, é desconhecer as leis da solidariedade humana”*.

GLOBALIZAÇÃO

Fala de globalização muito antes de ela tornar-se realidade: *“Os homens não podem fugir aos dispositivos do código da fraternidade universal. Cada individualidade dá o que possui, no problema das possibilidades e das vocações, no edifício do progresso coletivo. Uma traz a ciência, outra a arte, outra uma nova modalidade evolutiva. Um país, pretendendo isolar-se no mundo, lava a sua própria condenação”*.

PARTIDOS POLITICOS

Fala da necessidade de partidos políticos com ideias e propostas bem definidas e sólidas, ao invés do que se via naquela época e ainda hoje, onde os partidos existem em função de interesses transitórios, assumindo posturas diferentes segundo os interesses pessoais ou, o que é pior, alugando a própria legenda a situações momentâneas: *“A República Brasileira necessita de forças vitalícias, no terreno político-administrativo, que predominem sobre suas instituições de caráter temporário. Contrariando o facciosismo, as lutas de clã, existiam no Brasil Império os grandes poderes centralizados. É na formação de um poder como esses que a república necessita, a fim de corrigir os baldões, os defeitos, a instabilidade da política administrativa”*.

CORONÉIS DA POLITICA

Apresenta crítica contundente a políticos profissionais que se enriqueceram de forma desonesta, corrompendo, desviando recursos e iludindo as mentes simplórias: *“Infelizmente, a ambição, o personalismo infestam os bastidores da política brasileira, eminentemente prejudicada pela sua visão mesquinha, concernente aos problemas da coletividade. Os interesses dos chefes nunca são prejudicados. Sob o despotismo de sua vontade pessoalíssima estão os interesses da nação e das coletividades”*.

A MÁ POLITICA

Parece que estamos ainda em 1935: *“Evite-se a expansão do interesse pessoal, as competições mesquinhas, a ambição de ganhos e domínios, os assaltos ao Tesouro Público, o exibicionismo e cultive-se, acima de tudo, o interesse da coletividade. Basta isso. A coletividade é a nação e não se compreende o patriotismo fora dessas normas”*.

LEIS SIMPLEMENTE NÃO RESOLVEM

O velho costume brasileiro de acreditar que criando leis resolvem-se os problemas é criticado pelo Benfeitor: *“A questão é de homens e não de leis. Os grandes desequilíbrios econômicos e o ceticismo de quantos vivem a esperar melhores dias para a nação são oriundos dessa odiosa campanha personalista que infelicitas as correntes políticas do país”*.

REGIME POLITICO

O Benfeitor garante que o socialismo prevalecerá no futuro, mas é preciso que ele aconteça primeiro dentro do homem, para que possa dar certo fora dele: *“A Rússia atual representa a experiência realizada à custa de muito sangue, os primórdios dos novos sistemas políticos e sociais, que hão de futuramente vigorar no planeta. Porém, mesmo lá, o que se observa por enquanto, ao lado dos excessos demagógicos, é a inversão dos papéis dentro das classes sociais. Os oprimidos de ontem são os senhores de hoje. A fraternidade ainda significa um mito, porquanto o terreno social está cheio das mesmas diferenças de sempre. Comunismo significa equilíbrio dos sacrifícios do povo, holocausto do homem à coletividade, interesse geral, eliminação da personalidade. Os brasileiros estão preparados para isso? A afirmativa poderia, ao que parece, ser contestada. Para o estado não se enquadra outro regime fora da democracia liberal, até que o povo se eduque convenientemente para as grandes iniciativas do porvir”*.

PRIORIDADES POLITICAS

Uma aula de política pública: *“O Brasil necessita, antes de tudo, combater o magno problema do analfabetismo. É necessário que se solucione o enigma pedagógico que implica toda essa mocidade sem entusiasmo e sem energia para o estudo. Que o supérfluo das suntuosidades do Estado seja empregado com o necessário. Intensifique-se a higiene e a escola. A educação necessita ser difundida sob todos os seus aspectos”*.

PROBLEMA NOSSO

A solução dos problemas políticos do nosso país passa pela atuação de cada um de nós. Os Espíritos não resolverão problemas que são dos homens: *“O trabalho é dos homens e a eles compete a realização do progresso necessário. Longe do cenário do mundo não nos é lícito influenciar sobre questões distantes da nossa esfera de ação. A nossa atividade unicamente se circunscreve ao esclarecimento das almas, pugnando para que as construções da crença sejam novamente reedificadas no templo dos corações humanos”*.

Fonte: Palavras do Infinito, de Emmanuel, publicado pela LAKE.

Design inteligente

Tem-se observado, nos últimos anos, na mídia internacional, um curioso debate sobre a inclusão ou não da Teoria Criacionista nos currículos escolares. Tal discussão é motivada pelo fato de muitos indivíduos, nos diferentes países do globo, apresentarem posição controversa a respeito da evolução humana.

Duas propostas existem a respeito da origem do homem na Terra: a Criacionista e a Evolucionista. Segundo os criacionistas todos os seres vivos foram criados por Deus tal como se apresentam agora. Essa proposta é absurda do ponto de vista científico, não encontrando nenhum respaldo nas evidências científicas a respeito da questão, como o estudo dos fósseis, por exemplo. Obviamente, não podem ser ensinadas nas escolas por não possuírem base científica, a não ser que o façam em aulas de religião, como artigos de fé.

A proposta evolucionista assumiu foro de teoria, portanto sua realidade não é mais motivo de discussão. O que se discute é como ela se verificou. A quase totalidade dos pesquisadores admite que a matéria prima da evolução esteja nas *mutações* e na *seleção natural*.

As *mutações* são transformações aleatórias nas “letras” do DNA. A imensa maioria delas é prejudicial (causando doenças de origem genética) ou neutra (não tendo efeito sobre as proteínas cujo código está contido no DNA e que comandam o organismo). Um número minúsculo de mutações, no entanto, pode ser vantajoso, possibilitando que alguns indivíduos sobrevivam e se reproduzam de forma mais eficiente que os demais (*seleção natural*).

A Teoria evolucionista, no entanto, apresenta lacunas e não consegue explicar algumas coisas. Não possui um modelo decente para a origem da vida a partir de moléculas orgânicas simples, e tampouco tem ideia sobre como todas as formas básicas de vida animal surgiram num “piscar de olhos” geológico, há pouco menos de 550 milhões de anos, na chamada Explosão Cambriana. Além disso, existem estruturas biológicas de uma complexidade tão grande (como sistema de coagulação do sangue ou o mecanismo da visão) que seria matematicamente impossível ser compreendidas a partir de mutações aleatórias e da seleção natural.

A ideia do *design inteligente* surge como uma proposta conciliadora, embora não explique o início de tudo. Segundo essa ideia é possível detectar um planejamento inteligente na natureza, “conduzindo” a evolução das espécies. No entanto, os proponentes dessa ideia (não científica ainda) como cristãos conservadores dos Estados Unidos não entram em detalhes sobre a origem desse planejamento.

A expressão *design inteligente* não foi cunhada por autores espíritas, mas bem que poderia ter sido, pois traduz de forma elegante o que nós pensamos a respeito do assunto.

A evolução das espécies em geral e do homem em particular se deu em dois estados de vida: o material e o espiritual. Por não reconhecerem a existência e a sobrevivência do Espírito e a lei espiritual da reencarnação, os pesquisadores não conseguem alcançar todos os detalhes que envolvem a evolução no planeta. Os “elos perdidos da evolução”, ou seja, seus fenômenos inexplicáveis se deram na dimensão espiritual, longe das lentes investigativas dos cientistas.

O *design inteligente* é o próprio Espírito com seu corpo etéreo constituído de energias sutis, que funciona como campo modelador da forma física. As conquistas evolutivas do princípio espiritual vão sendo plasmadas no corpo físico e no corpo espiritual simultaneamente, em suas experiências nos dois planos de vida.

No livro *Evolução em Dois Mundos*, o Espírito André Luiz, via mediunidade de Chico Xavier, esclarece que “o princípio divino aportou na Terra, emanando da Esfera Espiritual, trazendo em seu mecanismo o arquétipo a que se destina”. Lembra que “não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico

simplesmente considerado, porquanto, através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta”. E acrescenta que a evolução também “representa estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extra físicas”.

Podemos considerar ainda a atuação dos biólogos do plano astral que, sob a supervisão amorosa de Jesus, acompanham o progresso do mundo, intervindo, quando necessário, nos corpos espirituais das formas evolutivas, durante o estágio no plano espiritual. Essas intervenções poderiam responder pelas mutações necessárias ao desenvolvimento das novas habilidades.

Ainda no livro citado, André Luiz, ao examinar o surgimento da fala, comenta: *“É assim que, atingindo os alicerces da Humanidade, o corpo espiritual do homem infraprimitivo demora-se longo tempo em regiões espaciais próprias, sob a assistência dos Instrutores do Espírito, recebendo intervenções sutis nos petrechos da fonação para que a palavra articulada pudesse assinalar novo ciclo de progresso”.*

O Espiritismo permite, portanto, sem discordar das notáveis anotações da ciência, um melhor entendimento de processo tão complexo. Torna-se, como queria Kardec, o hífen, o traço de união entre ciência e religião.

Divórcio relâmpago

Casais brasileiros estão se divorciando cada vez mais cedo. Esse fato foi verificado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados mais recentes mostram que, em 2008, não completaram o segundo ano de casamento mais de 2.300 pessoas, algo jamais visto em anos anteriores. Muitos casais estão se divorciando antes de completarem o primeiro aniversário de núpcias.

Em matéria publicada em maio deste ano, a revista ISTOÉ mostra vários exemplos de pessoas ilustres que sofreram um divórcio relâmpago. Alexandre Pato e Stephany: duração do casamento de 9 meses; Deborah Secco e Roger, dez meses; Ronaldo e Cicarelli, 3 meses; Adriane Galisteu e Roberto Justus, oito meses. Mas o fato se repete em pessoas comuns: O psicólogo Mario Dias teve um casamento de um ano e Thais Machado separou-se do marido 3 meses depois do matrimônio, alegando que ele gostava mais de jogar futebol com os amigos que ficar com ela.

Segundo especialistas, isso se dá porque somos cada vez mais individualistas, porque nos recusamos cada vez mais abrir mão de algo pessoal em função do outro. Estamos mais egoístas, garantem os sexólogos, e a dificuldade de vínculo duradouro nos relacionamentos é imensa.

A Doutrina Espírita admite o divórcio - Kardec considerava que ninguém é obrigado a manter-se unido a outrem indefinidamente, podendo reconstruir a vida de relação sempre que lhe aprouver. No entanto, o rompimento de uma relação estabelecida em bases comuns deve ser a última opção e não a primeira, como se tem visto em anos recentes.

Emmanuel, examinando o tema no livro *Encontros Marcados, capítulo 51*, mostra-nos que em quase todos os casos de separação as causas se encontram nos próprios parceiros, em acidentes que se verificam pela evidência de falhas diminutas que, em se repetindo indefinidamente, estabelecem, por fim, o desastre espetacular.

O Benfeitor relaciona várias situações que podem concorrer para a ruptura e que poderiam ser evitadas, como:

Casais que se preocupam excessivamente com luxo e dinheiro, posse e conquistas materiais, perdendo os vínculos afetivos.

Outros, que sufocam a relação por excesso de sovinice.

Os que arrasam a união conjugal em festas sociais permanentes e os que a destroem por demasia de solidão.

Os campões da teimosia que acabam com a paz em família, manejando atitudes do contra sistemático.

Os que a exterminam pelo silêncio culposo, à frente do mal.

Os fanáticos pela limpeza e os que primam no vício de enlamear a casa, desprezando a higiene.

Deve, portanto, o casal que identifique dificuldades sérias de relacionamento no lar e ansiedades na vida de relação, ponderar antes de decidir, aguardar um pouco mais antes de partir para o confronto da separação, porque, se o casamento difícil gera angústias, o divórcio também o faz, e só aqueles que o vivenciaram as conhecem no íntimo.

Sexo nos Espíritos: o pensamento de Kardec

Discute-se, em nosso movimento espírita, a respeito da sexualidade dos Espíritos desencarnados. Se eles mantêm a forma humana, então conservam o gênero masculino ou feminino? Há entre eles relação sexual? E se existe esse tipo de relação, podem reproduzir-se, no além?

Allan Kardec ocupou-se dessa temática e teve oportunidade de apresentar suas ideias de forma didática e esclarecedora. Sem desconsiderar opiniões de outros autores (encarnados ou desencarnados) valemo-nos, neste estudo, das ideias do mestre Kardec, Codificador da Doutrina Espírita.

Na resposta ao item 822-a de O Livro dos Espíritos, os Benfeitores grafaram o seguinte: **Os sexos só existem na organização física, pois os Espíritos podem tomar um e outro, não havendo diferenças entre eles a esse respeito.**

Anteriormente, nos itens 200 a 202 da obra citada eles haviam dito que **os sexos dependem da constituição orgânica** (item 200), **que o Espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher em uma nova existência, pois são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres** (item 201) e **que quando somos Espíritos preferimos encarnar num corpo de homem ou de mulher dependendo das provas que tivermos de sofrer** (item 202).

Pelo dito, fica claro que os Espíritos não possuem polaridade sexual, gênero masculino/feminino, sendo, nesse particular, assexuados. Tal constatação, todavia, pode levantar o seguinte questionamento: como então, nas obras mediúnicas, ou nas sessões de intercâmbio com os desencarnados eles se apresentam com a forma masculina e feminina, até mesmo enamorados uns dos outros ou eventualmente vivendo juntos na condição de esposos?

A excelente explicação vem pelo codificador, em ensaio publicado na Revista Espírita, janeiro de 1866, página 4: **Sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu caráter se modifica conforme as circunstâncias e se dobra às necessidades e exigências impostas pelo mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do invólucro material, assim como não perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos.**

Importa considerar que as descrições do Mundo dos Espíritos que recebemos via mediúnica referem-se a regiões muito próximas da crosta terrestre, habitadas por Espíritos ainda muito materializados, segundo refere Kardec, no texto acima. Quase nenhuma referência possuímos da vida dos Espíritos em esferas superiores. (Uma referência breve vamos identificar em Nosso Lar, no capítulo “O sonho”, quando André Luiz, em corpo mental, visita sua mãe em uma esfera acima daquela onde se encontra a colônia citada descrita no livro.) Nas esferas próximas da crosta há absoluta prevalência de Espíritos de evolução primária, que, em sua maioria, nem se dão conta da desencarnação, nutrindo apetites e ansiando vivências similares às da Terra.

No Livro dos Médiuns, item 74, Kardec escreveu: **Nos Espíritos inferiores (seu perispírito) aproxima-se da matéria e é isso que determina a persistência das ilusões da vida terrena nas entidades de baixa categoria, que pensam e agem como se ainda estivessem na vida física, tendo os mesmos desejos e quase poderíamos dizer a mesma sensualidade.**

Isso poderia explicar os relatos mediúnicos sobre Espíritos atormentados pelas emoções sexuais, verdadeiros vampiros da sexualidade de encarnados imprevidentes. Impossibilitados de saciarem sua libido, se acoplam magneticamente a casais com os quais sintonizam, todos eles igualmente com a sexualidade destrambelhada, absorvendo as emanções psíquicas liberadas durante a relação sexual.

É curioso observarmos que Kardec, no ensaio citado anteriormente (Revista Espírita, janeiro de 1866) admite a hipótese de uma inversão da libido desencadeada pela reencarnação em um corpo físico que não corresponde à psicologia do Espírito, que vinha vivenciando muitas existências em apenas uma polaridade sexual (masculina ou feminina). Tal ocorrência poderia explicar alguns casos da homossexualidade. Confira o texto original: **Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal. Numa nova encarnação trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito. Mudando de sexo, poderá, então, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerente ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes, notadas no caráter de certos homens e de certas mulheres.**

Mas afinal, os Espíritos desencarnados fazem sexo, ou seja, existem relações sexuais entre eles? As descrições do modo de vida na erraticidade se reportam a Espíritos dormindo, se alimentando, namorando... mas intercurso sexual ocorre ou não?

A resposta é não, segundo o pensamento de Allan Kardec.

Em duas oportunidades, ambas registradas na Revista Espírita, Kardec expõe suas ideias de maneira indiscutível.

Na Revista Espírita de junho de 1862, após diálogo instrutivo com uma entidade que pertencera à Sociedade Parisiense, Kardec escreve: **Os sexos só são necessários para a reprodução dos corpos; porque os Espíritos não se reproduzem, o sexo lhes seria inútil.**

Ainda na Revista Espírita, janeiro de 1866, Kardec volta ao tema com o mesmo posicionamento: **As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isso mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria. Os sexos só existem no organismo. São necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão por que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.**

Admite o codificador que **há entre eles amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos** (O Livro dos Espíritos, item 200).

E, finalmente, examinando o sofrimento advindo das paixões inferiores, Kardec reproduz em O Livro dos Espíritos o seguinte pensamento dos Benfeitores: **Embora as paixões não existam materialmente, ainda persistem no pensamento dos Espíritos atrasados** (item 972). Referindo-se à impossibilidade do intercurso sexual entre eles, comenta que esse tipo de paixão **causa suplício no espírito devasso que vê as orgias de que não pode participar** (item 972-a).

O tema é complexo e está aberto a novas contribuições. Esperamos ter colaborado para o debate, ao apresentar a linha de pensamento de Kardec.

Do átomo ao anjo: a evolução do princípio inteligente

(Parte 1)

Nasce o nosso Universo

Há 13,7 bilhões de anos, tudo o que existia estava concentrado em um só ponto, que um cientista denominou de **átomo primitivo** ou **ovo cósmico**. Seu tamanho era trilhões e trilhões de vezes menor que a cabeça de um alfinete; era rico em energia altamente condensada, a ponto de seu calor ser de bilhões e bilhões de graus Celsius.

De repente, sem que se possa saber por quê, ele se inflacionou ao tamanho de uma maçã. E então explodiu, ejetando violentamente em todas as direções a energia e os conteúdos nele contidos.

Essa energia se condensou fortemente e produziu as partículas elementares da matéria. Nos primeiros três minutos, essas partículas formaram os átomos e daí o hidrogênio e o hélio, os elementos químicos mais simples e os mais abundantes do universo.

Enquanto isso, a energia ejetada, junto com as partículas elementares, formou uma incomensurável nuvem que se expandiu mais e mais. Lentamente, depois de uma grande disparada em todas as direções, ela começou a se esfriar e ganhar densidade. Deste processo se formaram as grandes estrelas vermelhas.

Elas funcionaram, por alguns bilhões de anos, como fornalhas ardentes dentro das quais ocorreram explosões atômicas de magnitude extraordinária. Lá se forjaram os principais elementos que estão presentes em todos os seres: o ferro, o carbono, o ouro, enfim, os 92 elementos básicos que compõem todos os seres e cada um de nós. Da morte de uma dessas estrelas se formaram a nossa galáxia, o nosso Sol e o planeta Terra.

O exposto acima é o que os cientistas denominam de Big-Bang, ou seja, a grande explosão.

E Deus com isso?

O problema de Deus aparece quando se colocam as seguintes questões: O que havia antes do começo? Quem deu o impulso inicial? Quem sustenta o Universo como um todo e todos os seres para que continuem a existir e a se desenvolver?

Nada? Mas do nada, nada pode vir.

Antes do Big-Bang, existia Deus, que existe de toda a eternidade.

Existiram também muitos outros universos, pois Deus jamais esteve inativo. Esses universos foram criados por sua vontade, cumpriram seu papel (campo de desenvolvimento do Espírito) e tiveram sua matéria colapsada, para ressurgir depois, qual a lendária ave mitológica, Fênix, que renascia das próprias cinzas. Pois um mundo formado desaparece e a matéria que o compõe se renova.

Essa teoria encontra ressonância no pensamento do Espírito André Luiz: *Semelhantes mundos servem à finalidade a que se destinam, por longas eras consagradas à evolução do Espírito, até que, pela sobrepressão sistemática, sofram o colapso atômico pelo qual se transmutam em astros cadaverizados. Essas esferas mortas, contudo voltam a novas diretrizes dos Agentes Divinos, que dispõem sobre a desintegração dos materiais de superfície, dando ensejo a que os elementos comprimidos se libertem*

através de explosão ordenada, surgindo novo acervo corpuscular para a reconstrução das moradias celestes, nas quais a obra de Deus se estende e perpetua, em sua glória criativa.

Pronto o universo, o princípio espiritual poderá iniciar a longa marcha rumo à perfeição relativa que lhe é destinada.

Ao mesmo tempo em que vem criando, desde toda a eternidade, mundos materiais, Deus há criado, desde toda a eternidade, seres espirituais. Se assim não fora, os mundos materiais careceriam de finalidade.

Os mundos materiais teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências.

Nasce o princípio inteligente

A razão de ser do Universo é o desenvolvimento do Espírito humano. Pronto o Universo, o princípio inteligente poderá iniciar sua longa marcha rumo à perfeição relativa que lhe é destinada.

Deus renova os seres vivos como renova os mundos.

Indestrutível, o princípio espiritual se elabora nas diferentes metamorfoses que sofre, estagiando nos reinos mineral, vegetal e animal, antes de adquirir a razão e identificar-se com a humanidade.

Quanto à origem do princípio inteligente nada sabemos.

Segundo alguns, trata-se de uma emanção da Divindade.

As propriedades sui generis que se reconhecem ao princípio espiritual provam que ele tem existência própria, pois que, se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam, desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria.

Aos nossos olhos não tem uma forma determinada, pode ser comparado a uma chama, um clarão ou uma centelha etérea, cuja cor varia do escuro ao brilho do rubi, conforme a sua pureza; com alta capacidade de proporcionar impulsos e abrigar experiências que se transformam em estruturas definitivas e cada vez mais complexas.

Foi criado simples, ignorante, mas dotado de perfectibilidade. **Simples**, porque único, formado de uma só parte, homogêneo. **Ignorante** porque sem conhecimento, experiência e aquisições. **Perfectível** porque dotado da potencialidade do progresso, de um projeto íntimo de desenvolvimento, de um propósito no sentido de haver um movimento na direção de mais diversidade, complexidade e cooperação.

O princípio inteligente se veste de matéria

Criado, deveria ligar-se à matéria, laço que prende o Espírito e instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce a sua ação. Essa ligação se dá através da formação de um campo de influência não física. Semelhante ao campo gravitacional, ou ao campo eletromagnético (o ímã atraindo as limalhas de ferro), o campo criado pelo princípio inteligente será uma zona de influência onde ele irá comandar a unificação dos átomos e a elaboração da vida nos diferentes reinos da natureza. Mas o elemento espiritual é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário. Com o princípio inteligente, portanto, nasce um envoltório sutil, fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. Como toda matéria, esse campo de energias sutilíssimas é extraído do fluido cósmico universal, a energia primitiva do universo, que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial.

Esse envoltório fluídico vai aprimorar-se passo a passo com o princípio inteligente, constituindo-se, oportunamente, no corpo espiritual (perispírito).

No reino mineral, a atração

O princípio inteligente, liga-se, então, através de seu envoltório de energias sutis, à matéria recém-formada, aos átomos, e partículas subatômicas, preparando-se para elaborar em si mesmo o princípio da atração, primeira aquisição do princípio inteligente, enquanto ainda no reino mineral.

A Lei de atração rege os elementos intra-atômicos, forças muito poderosas mantêm unidas as subpartículas atômicas. Nesse longo estágio junto ao reino mineral, o princípio inteligente adquire a capacidade de unir, aglutinar, atrair, que lhe será de inestimável valor no futuro.

O reino mineral propicia a solidez, a conquista simbólica da estrutura óssea do princípio espiritual.

A vida surge na Terra

O longo estágio junto ao reino mineral capacitou o princípio inteligente na arte de unir, aglutinar, agregar. Ele encontrava-se, agora, apto a avançar em sua autoelaboração, adquirindo outras propriedades: irritabilidade, sensibilidade, memória, instinto etc. Ele faria isso nos milhões de anos em que iria estagiar nos reinos vegetal e animal.

O planeta encontrava-se pronto para receber a vida e o princípio inteligente apto a atuar na reunião dos elementos químicos que daria nascimento às primeiras formas de vida na Terra.

A Terra havia se formado da condensação da matéria disseminada no espaço. A explosão de uma estrela vermelha (supernova) lançou uma nuvem de gás e de elementos por todos os lados. Lentamente, esses gases ganharam consistência por força da gravidade. Nasceu o Sol que conseguiu atrair ao seu redor os planetas que se formaram a partir dos detritos da explosão anterior. Um desses planetas era a Terra. Isso foi há cerca de 4,6 bilhões de anos.

Por 800 milhões de anos a Terra permaneceu como um mar de fogo devido sua origem estelar e aos meteoros que caíam brutalmente sobre ela, mas aos poucos foi criando uma crosta que lhe facilitou o esfriamento. A distância adequada do Sol e o equilíbrio criado pela gravidade que retinha os líquidos criaram as condições do surgimento de uma atmosfera, capaz de acolher a vida.

Segundo uma hipótese, há 3,8 bilhões de anos, gases da atmosfera primitiva (metano, amônia, Hidrogênio, e vapor de água), num ambiente onde predominavam descargas elétricas e raios ultravioletas, culminaram na formação dos aminoácidos e bases nitrogenadas, unidades básicas das proteínas e dos ácidos nucleicos (DNA e RNA). Com as moléculas essenciais à vida, envolvidas por delicada camada lipídica nasciam as bactérias primitivas.

Os corpos dos seres vivos se formaram pela reunião das moléculas elementares, em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a esta ou àquela espécie.

De acordo com outra hipótese, as primeiras formas de vida, ou as moléculas químicas essenciais à vida, vieram para a Terra, de outras regiões do universo.

Seja correta uma ou outra hipótese, isso não se deu por forças cegas do acaso. O princípio inteligente ali se encontrava, com seu poderoso campo magnético, criando as condições para que as reações químicas se verificassem de forma a permitir a eclosão da vida.

O Divino Escultor

Na direção de todos os fenômenos do nosso sistema existe uma comunidade de Espíritos Puros, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida. Jesus é um dos membros dessa comunidade. Com os seus exércitos de trabalhadores devotados, estatuiu os regulamentos dos fenômenos físicos da Terra, organizando-lhe o equilíbrio futuro na base dos corpos simples de matéria. Organizou o cenário da vida, criando o indispensável à existência dos seres do porvir. Fez a pressão atmosférica adequada ao homem e estabeleceu a camada de ozônio, para que filtrasse convenientemente os raios solares. E, finalmente, os artistas e técnicos da espiritualidade maior, sob a assistência amorosa do Cristo, colaboraram na edificação do mundo das células, a construção das formas organizadas e inteligentes dos séculos porvindouros, culminando com o aparecimento dos primeiros hominídeos.

Referências:

1. A Caminho da Luz, cap. I, Emmanuel/Chico Xavier.
2. A Evolução Anímica, Gabriel Delanne.
3. A Gênese, cap. XI.
4. Breve história de quase tudo, Bill Bryson.
5. Criação Imperfeita, Marcelo Gleiser.
6. Evolução em dois mundos, André Luiz/Chico Xavier.
7. Iluminação Interior, Joanna de Ângelis, cap. I.
8. O Consolador, Emmanuel/Chico Xavier, pergunta 79.
9. O Livro dos Espíritos, itens 8, 21, 22-a, 25, 38, 39, 41, 88, 88-a, 115, 540, 728-a.
10. O Relojoeiro Cego, Richard Dawkins.
11. O Tao da Libertação, Mark Hathaway e Leonardo Boff.

Do átomo ao anjo: a evolução do princípio inteligente

(Parte 2 e final)

Como se deu a evolução

A evolução dos seres vivos a partir de espécies inferiores é um fato indiscutível na ciência. O estudo dos fósseis mostra que bactérias sem núcleo individualizado evoluíram para seres unicelulares com membrana nuclear e organelas um pouco mais complexas. Posteriormente a cooperação entre esses seres minúsculos fez com que surgissem formas de vida pluricelulares e, assim, numa cadeia de complexidade crescente, foram aparecendo os vegetais, animais inferiores, animais superiores e o homem.

Se considerarmos apenas os dois pontos extremos da cadeia, nenhuma analogia aparente haverá; mas, se passarmos de um anel a outro sem solução de continuidade, chegamos, sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados. Compreende-se então a possibilidade de que os animais de organização complexa não sejam mais do que uma transformação, ou, se quiserem, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim, sucessivamente até o primitivo ser elementar.

Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior.

O que se discute é como isso se deu. A hipótese mais aceita pelos cientistas associa duas ideias: a seleção natural, proposta por Russel Wallace e Charles Darwin no século XIX, e o Mutacionismo, ideia apresentada por Hugo de Vries. Em conjunto, essas ideias são denominadas de Neodarwinismo.

As *mutações* são transformações na molécula do DNA. Como o DNA é o molde em que a célula se orienta para sintetizar as suas proteínas, modificações no DNA serão acompanhadas por mudanças nas proteínas da célula e conseqüentemente mudanças em sua forma e função.

Muitas mutações são prejudiciais (causando doenças de origem genética) ou neutras (não tendo nenhum efeito sobre as proteínas). Um número minúsculo de mutações, no entanto, pode ser vantajoso, possibilitando que alguns indivíduos sobrevivam e se reproduzam de forma mais eficiente que os demais (*seleção natural*).

Assim, o neodarwinismo explica o surgimento de novas espécies (mutações sofridas pelas espécies anteriores) e desaparecimento de espécies antigas (não foram suficientemente aptas para sobreviverem na luta pela vida). Calcula-se que 99% das espécies existentes no passado desapareceram.

Mas para o Neodarwinismo tudo isso se deu sem um propósito, uma finalidade, e sim como resultado das forças cegas do acaso, o que é ilógico, pois forças cegas do acaso não podem produzir seres altamente complexos e inteligentes.

Para tornar lógica a proposta neodarwinista, é preciso que se admita a existência do princípio inteligente, o comandante invisível do processo evolutivo.

A evolução das espécies em geral e do homem em particular se deu em dois estados de vida: o material e o espiritual. Os “elos perdidos da evolução”, ou seja, seus fenômenos inexplicáveis se deram na dimensão espiritual, longe das lentes investigativas dos cientistas. O princípio espiritual funciona como um *design inteligente* com seu corpo etéreo constituído de energias sutis, que funciona como campo modelador da

forma física. As conquistas evolutivas do princípio espiritual vão sendo plasmadas no corpo físico e no corpo espiritual simultaneamente, em suas experiências nos dois planos de vida.

Podemos considerar ainda a atuação dos biólogos do plano astral que, sob a supervisão amorosa de Jesus, acompanham o progresso do mundo, intervindo, quando necessário, nos corpos espirituais das formas evolutivas, durante o estágio no plano espiritual. Essas intervenções poderiam responder pelas mutações necessárias ao desenvolvimento das novas habilidades.

A viagem do princípio inteligente

Criado simples e ignorante, o princípio inteligente vai encontrar os recursos de que necessita para seu aprimoramento nas experiências que terá junto às diferentes espécies biológicas, em sua longa jornada evolutiva. O corpo é simultaneamente o envoltório e o instrumento do princípio inteligente e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste ele outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar.

São as vivências do ser espiritual, ora no plano físico, ora no plano extrafísico, que vão enriquecê-lo em sua estrutura íntima e, simultaneamente, aprimorar seu envoltório fluídico.

Nesse ir e vir, o princípio espiritual vai atravessar os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais complexa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão.

No mineral: a atração

Como fase inicial, o princípio espiritual estaria a influenciar as organizações atômico-moleculares do reino mineral. Seria como que um eixo energético intrometido no âmago dos átomos e moléculas, convidando-os à união.

Esse eixo energético criaria, com suas vibrações, o campo de agregação refletido nas forças de atração e coesão, a determinar a concentração das energias e respectiva condensação nos átomos e arrumações moleculares.

Assim, a organização mineral seria a consequência de um poder na intimidade de suas unidades atômicas, a conduzirem ordenadamente o processo agregativo.

Na intimidade do mineral, o princípio inteligente absorveria experiências, e fora dele arregalaria posições renovando-se; a fim de exercer novos potenciais de orientação com forças reconstruídas e sempre mais complexas pelas vivências anteriores de idênticos fenômenos. Nesse ir e vir, dentro ou fora da matéria, já existiria o princípio reencarnatório em ação.

No vegetal: a sensação

Adquiridas as experiências possíveis junto ao mineral, o princípio inteligente estaria apto a iniciar-se no reino vegetal.

Agora, além das aquisições da fase anterior (mineral: atração), ganharia, na fase vegetal, os novos potenciais da sensibilidade. A sensibilidade referida aqui nada tem a ver com as reações complexas do Espírito mais elaborado na fase hominal.

A sensibilidade conquistada junto ao reino vegetal se refere a *reações aos estímulos*, o desenvolvimento de respostas harmônicas aos diferentes estímulos do meio ambiente.

No animal: o instinto

O princípio espiritual maturado e elaborado no reino vegetal, em épocas incontáveis, teria que despertar em novas posições como exigência de seu impulso interior. Assim, ele buscará novo degrau evolutivo para afirmações, manifestando-se no reino animal.

A condição que caracterizaria o princípio espiritual nesta fase seria a aquisição do instinto; a princípio, nos animais inferiores, bastante simplificados, posteriormente, nos mamíferos, pelos órgãos mais bem trabalhados, apresentar-se-ia com mais alta e apurada eficiência, preparando para, mais à frente, ingressar no reino da razão.

No homem: a razão

Acredita-se que o homem tenha conquistado a razão e, conseqüentemente, o livre-arbítrio e a plena responsabilidade por seus atos há cerca de 200 mil anos. No entanto, homens pré-históricos, com a roupagem física bem semelhante à nossa forma atual, surgiram antes, há cerca de 3 milhões de anos, quando o córtex frontal, a área mais nobre do cérebro, já estava pronto.

O desenvolvimento da consciência não se deu de forma brusca, foi sendo elaborado durante milênios em existências sucessivas nos primatas superiores e posteriormente em várias espécies do gênero Homo.

Alma grupo da espécie

Em *O Livro dos Espíritos* lê-se: *É nos seres inferiores da criação que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida. (607-a)*

Individualizar-se, segundo o dicionário, é o mesmo que *considerar-se uma coisa isoladamente*. Em consonância com essas ideias, alguns pensadores evolucionistas apresentaram a hipótese da *alma grupo da espécie*, segundo a qual o princípio inteligente, em suas vivências nos reinos inferiores da natureza, ainda não se encontra individualizado, ou seja, caminha evolutivamente em associação com seres da mesma espécie.

Nas espécies mais simples, o princípio espiritual estaria mais preso aos seus afins, formando junto deles um campo de influência coletiva, a *alma grupo da espécie*, que teria como finalidade controlar a espécie em que se destina. Seria, portanto, um dinamismo conjunto que dirige colônias minerais, vegetais e animais mais simples.

À medida que as espécies vão perdendo o contato da colônia, resultado da própria evolução, se individualizam, passando a depender unicamente de si mesmas.

Segundo essa hipótese, podemos entender por que a sociedade dos insetos como as abelhas, formigas e cupins, instintivamente, desenvolvem atividades perfeitas e complexas, impossíveis de serem explicadas de outra forma.

Os ensaios biológicos e as destruições em massa

Como entender o surgimento de tantas espécies que deveriam desaparecer com o tempo? São documentados pelo menos meia dúzia de casos de extinções em massa de seres vivos, desde o aparecimento da vida na Terra. A mais recente delas, há cerca de 65 milhões de anos, levou ao desaparecimento dos grandes répteis,

quando um meteoro de mais ou menos 10 km de diâmetro caiu no golfo do México. Se o princípio espiritual funciona como um design inteligente, como entender o surgimento de formas animais que não deveriam prevalecer com o tempo?

Primeiro, é preciso entender que o princípio espiritual, como um design inteligente, traz em sua estrutura íntima um propósito de evolução, uma força que o impulsiona para frente, um significado, uma razão de ser e de existir: o progresso.

Ele não traz, ao contrário do que pensam alguns, um mapa pronto e arrematado que lhe compete apenas copiar e seguir. Se assim fosse, estaria prevalecendo a ideia da predestinação, o que contraria o princípio da lei do esforço pessoal. Para que haja crescimento é preciso que existam escolhas, erros e acertos, que serão elementos necessários na aquisição de experiência.

As espécies biológicas que surgiram e desaparecerem devem ser colocadas na conta de ensaios biológicos experimentados pelo princípio inteligente, que buscava o melhor caminho para chegar ao seu destino.

Não há um plano determinado; as coisas poderiam ter-se dado de uma forma diferente. Alguns caminhos poderiam ter sido tentados até que verificassem que eram becos sem saída. A evolução é criativa e não prefixada.

Quanto às destruições em massa, é preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar, pois isso a que chamamos destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e a melhoria dos seres vivos.

A destruição em massa dos grandes répteis permitiu que um pequeno símio, do tamanho de um camundongo, que vivia fugindo dos dinossauros, encontrasse espaço para viver livremente. Esses minúsculos símios, alguns milhões de anos depois, se diversificaram nos grandes primatas que foram a matriz para o surgimento da espécie humana, há cerca de 3 milhões de anos.

Concluindo: o homem, sob certo aspecto, é filho da grande tragédia que culminou com a extinção em massa dos répteis pré-históricos.

Referências:

1. A Caminho da Luz, Emmanuel/Chico Xavier.
2. A Evolução Anímica, Gabriel Delanne.
3. A Gênese, de Allan Kardec.
4. Breve história de quase tudo, Bill Bryson.
5. Criação Imperfeita, Marcelo Gleiser.
6. Evolução em dois mundos, André Luiz/Chico Xavier.
7. Iluminação Interior, Joanna de Ângelis/Divaldo P. Franco.
8. Impulsos criativos da evolução, Jorge Andrea.
9. O Consolador, Emmanuel/Chico Xavier.
10. O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.
11. O Relojoeiro Cego, Richard Dawkins.
12. O Tao da Libertação, Mark Hathaway e Leonardo Boff.

Exilados de Capela e a revolução cultural do paleolítico superior

No livro *Uma Breve História do Mundo*, o professor Geoffrey Blainey escreveu:

Há cerca de 60 mil anos, surgiram sinais de um despertar da humanidade. Recuando no tempo, os pré-historiadores e arqueólogos colheram evidências de uma lenta sucessão de mudanças que, nos 30 mil anos seguintes, chegaram a merecer descrições como “O Grande Salto” ou “A Explosão Cultural”. Há muita controvérsia sobre quem teria provocado essa explosão. Provavelmente as mudanças estiveram a cargo de um novo grupo humano que surgiu na África e depois migrou para a Ásia e a Europa. O que é digno de nota é a existência da criatividade humana em várias frentes.

O período citado pelo professor Blainey corresponde ao Paleolítico Superior (de 40 a 10 mil anos atrás) e o salto evolutivo descrito por ele recebeu também a denominação de *Revolução criativa do Paleolítico Superior*. O *Homo sapiens* já havia deixado a África, após a diáspora africana verificada há cerca de 50 mil anos, e se estabelecera da Ásia e na Europa, quando uma série notável de acontecimentos se deu.

De acordo com Paulo Dalgalarondo, no livro *Evolução do Cérebro*, verificou-se naquele período uma verdadeira revolução tecnológica e cultural, tais como a domesticação do cão. Além do conjunto de ferramentas inventadas à época (lâminas, machados, buris, raspadores), encontram-se também pontas de projéteis, instrumentos musicais e uso frequente de osso, marfim e chifres. Testemunha-se ainda a eclosão de tradições, estilos e estéticas locais. Foi uma mudança rápida e sem precedentes no registro arqueológico. Encontram-se, nos sítios arqueológicos, muitos objetos de adorno corporal, como contas e pingentes, assim como pigmentos para pintura do corpo (de vivos e mortos), e o surgimento de esculturas, entalhes e pinturas em cavernas. Seguramente, segundo Dalgalarondo, o material arqueológico encontrado ali indica comportamentos sociais mais complexos, um plano mental mais preciso e mais habilidade de manipulação na produção material.

Esses hominídeos primitivos revelavam comportamentos tipicamente humanos, ou seja, eram capazes de produzir cultura simbólica: pintura rupestre, ornamentação corporal, escultura, sepultamento elaborado e simbólico, decoração detalhada de objetos, música e compreensão sutil de diversos materiais. Possuíam, possivelmente, a capacidade de simbolização complexa, uma das marcas centrais da cultura e da própria condição humana, tal como se compreende hoje.

O que poderia justificar tal explosão cultural? Os estudiosos se calam quanto às causas do estranho fenômeno sociológico. As informações espirituais, todavia, sinalizam para um grande acontecimento que se verificou em algum momento da pré-história: a migração para a Terra de uma falange de Espíritos oriunda de um orbe da constelação de Cocheiro, denominada Cabra ou Capela.

No livro *A Gênese*, Kardec já se referia a Emigrações e Imigrações de Espíritos entre os diferentes mundos habitados, que podem responder pela introdução na população nativa de elementos inteiramente novos. O Codificador do Espiritismo faz alusão a uma colônia de Espíritos que chegaram à Terra há alguns milhares de anos, quando o planeta já estava povoado desde tempos imemoriais. Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, essa raça, denominada por ele de *Raça Adâmica*, impeliu ao progresso todas as outras.

Tal acontecimento foi ainda relatado pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz, respectivamente, nos livros *A Caminho da Luz* e *Evolução em Dois Mundos*. Emmanuel, examinando o fato, escreve o seguinte: “*Com o auxílio desses Espíritos degredados, naquelas eras remotíssimas, as falanges do Cristo operavam ainda as últimas experiências sobre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biológicos das raças humanas. Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleciam-se fatores definitivos na história etnológica dos seres*”.

André Luiz escreveu: “*Grande massa de Espíritos ilustrados, mas decaídos de outro sistema cósmico, renasceu no tronco genealógico das tribos terrestres, qual enxerto revitalizador, embora isso representasse para eles amarga penitência expiatória. Constitui-se desse modo a raça adâmica, instilando no homem renovadas noções de Deus e da vida*”.

Como se deu essa mudança? Podemos entendê-las a partir do conceito de *mutações dirigidas*. Em 1988, John Cairns e sua equipe da Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard publicaram, no periódico *Nature*, um trabalho em que atribuíam a bactérias um certo mecanismo desconhecido de “escolher” quais mutações genéticas iriam ocorrer em seu material genético, de acordo com as situações que o ambiente se apresenta. Tal fenômeno foi denominado *mutação dirigida*.

Esse conceito referia-se à capacidade da bactéria “observar”, no meio de cultura em que estava, a presença da lactose como fonte de energia, tipo de açúcar para o qual ela não era dotada metabolicamente de condições de utilizar. Eis que então essa bactéria poderia ter escolhido uma mutação em seus genes para se tornar apta a utilizar a lactose. O artigo gerou uma onda de revolta na comunidade científica, pois ia de encontro a um grande dogma da biologia – as mutações são sempre aleatórias, ou seja, não tem propósito, objetivo ou finalidade de qualquer espécie.

Cairns e seus colegas se retrataram e procuraram justificar o fenômeno de outra forma. Embora a biologia acadêmica não admita a possibilidade de mutações dirigidas, essa é a principal explicação espírita para os saltos evolutivos. O psiquismo do Espírito reencarnado e intervenções de Técnicos da Espiritualidade na área da Reprodução são os principais responsáveis pelas mutações que se dão de tempos em tempos e respondem pela diferenciação dos organismos vivos e surgimento de novas espécies.

Emmanuel, no livro já citado, explica que, em muitas oportunidades, as hostes do invisível operam modificações no corpo perispiritual dos desencarnados, habilitando-os às modificações que se verificarão nos corpos físicos no futuro.

A chegada na Terra, portanto, de Espíritos intelectualmente desenvolvidos e sua encarnação em corpos humanos foi o fator indutor de transformações positivas nos cérebros primitivos dos habitantes de então, que, com o tempo, puderam demonstrar a sua criatividade, conforme atestam os estudos dos nobres pesquisadores.

Referências bibliográficas:

- 1 - Evolução do Cérebro, Paulo Dalgalarondo
- 2 - Uma Breve Historia da Humanidade, Geoffrey Blainey
- 3 - Sem Fronteiras, Nayan Chanda
- 4 - A Gênese, Allan Kardec, cap. XI
- 5 - A Caminho da Luz, Emmanuel/Chico Xavier, cap. III
- 6 - Evolução em Dois Mundos, André Luiz/Chico Xavier e Waldo Vieira, cap. XX.

Raízes da perversidade humana

André Comte-Sponville, filósofo francês contemporâneo, expõe no seu livro **O Espírito do Ateísmo** seis motivos por que não acredita em Deus. Um dos motivos apresentados por ele é a mediocridade humana. *Quanto mais conheço os homens, menos posso crer em Deus, diz em certo trecho do livro, é mediocridade demais por toda parte, pequenez demais, nulidade demais. Que belo resultado para um ser onipotente!*

O estudo da evolução humana, a partir dos princípios espíritas, refuta tal argumento, pois não foi Deus o criador da perversidade humana, já que criou-nos simples e ignorantes, portanto desprovidos de virtudes e defeitos.

Os defeitos humanos, tampouco, podem ser considerados como opções novas de homens que escolheram o caminho do mal. Devemos entendê-los, sim, como resíduos de reações instintivas, adquiridas durante o longo estágio do princípio espiritual pelo reino animal e ainda não dissolvidos pelo esforço na construção do bem.

Podemos chegar a tal constatação examinando os mais recentes estudos na área do comportamento dos grandes primatas (orangotangos, gorilas e chimpanzés), nossos parentes mais próximos na escada evolutiva.

Uma síntese dos estudos de primatologistas da área do comportamento foi apresentada por Draúzio Varela, na série **Folha Explica**, e que recebeu o título de **Macacos**.

Os estudos nos surpreendem, pois mostram que grande parte das graves atitudes humanas no campo da ética e do comportamento era corriqueira entre os grandes primatas.

Orangotangos

Os orangotangos, primatas asiáticos de pelo avermelhado e rosto lilás, são extremamente intolerantes uns com os outros. Não existe sombra de associação mútua, nem defesa de comunidade. Quando percebem que o outro está perto, ambos desviam o caminho, um deles se retira ou os dois partem para o confronto violento. As lutas são ferozes: machos adultos apresentam alta incidência de cicatrizes no corpo, olhos vazados, dedos e dentes quebrados.

Alguns orangotangos são bem menores que os outros e são denominados de subadultos, embora sejam adultos mesmo. Como são menores, vivem marginalizados pelos machos e fêmeas, sendo que as últimas não se interessam por eles. Como fazem então para se reproduzir, se os machos ciumentos na vizinhança são o dobro deles? Em silêncio, surpreendem a fêmea desprotegida e tentam à força o que por bem não lhes seria concedido. As fêmeas reagem como podem: gritos, mordidas, socos e pontapés. Embora fracos quando comparados aos dominantes, os subadultos são mais fortes do que elas. O estupro é a estratégia reprodutiva. O primatólogo John Mitani, citado por Draúzio Varela, testemunhou 179 acasalamentos: estupro em 88% deles.

Gorilas

Os gorilas são os maiores primatas, chegando a pesar 200 quilos. Vivem na África. Nos movimentos em busca de áreas alimentares, os caminhos dos grupos de gorilas se interseccionam com frequência. Esses encontros muitas vezes fazem desabar o mito da docilidade dos gorilas, pois quase sempre terminam em combates mortais. Nesses combates, o macho intruso muitas vezes mata os filhotes do outro. O infanticídio

rende dividendos imediatos: as fêmeas que perderam seus filhotes tendem a abandonar o macho que não foi capaz de protegê-los, e seguir o agressor.

Chimpanzés

São os primatas cuja inteligência e aparência física mais se identificam com os humanos. Os chimpanzés se reúnem em bandos para matar seus semelhantes premeditadamente. Não são exclusivamente vegetarianos; ao contrário, têm paixão pela carne e são exímios caçadores. Suas vítimas, pássaros e pequenos macacos, são devoradas com osso e tudo, às vezes, ainda com vida. São canibais e o infanticídio está fartamente documentado entre eles. Há muitos relatos de machos matando a dentadas o filhote de uma fêmea. Se apanham na briga, têm o mau gosto de descontar num mais fraco, fêmea, adulto ou filhote. Por essa razão, assim que os conflitos começam, as mães escondem-se com os filhotes nos galhos. A disputa pela dominância é uma obsessão na vida dos chimpanzés e faz emergir o que a política tem de pior. Por exemplo, quando morre o dominante, e sua sucessão é disputada por dois ou três machos com hierarquia mal definida entre eles, é comum vê-los subir nas árvores e atirar as frutas mais apreciadas para o resto do bando, no chão. Uma vez eleitos para o posto de comando, jamais repetirão o gesto demagógico.

Como se vê, o homem tem um lado animal em sua personalidade, despótico, sanguinário, herdado de seus ancestrais primitivos.

Objetivo da evolução

A diferença fundamental, no entanto, é que os grandes primatas citados fazem o que fazem por instinto, sem a noção do certo e errado, do bem e do mal. A criatura humana, alçada à razão, faz o que faz com conhecimento de causa.

O objetivo final da evolução não está, portanto, na conquista da razão; o surgimento da razão e da inteligência deve abrir as portas para outras conquistas vindouras.

Ao incorporar em sua individualidade a inteligência, o senso moral e a ciência da reflexão, o Espírito encontra-se estruturado para alçar-se a voos mais altos. De acordo com Allan Kardec, o ápice da evolução espiritual está na soma completa das virtudes e no conhecimento de todas as coisas, ou seja, no pleno desenvolvimento intelecto-moral (**LE, itens 112 e 113**).

Compete, então, ao Espírito desenvolver, após, a aquisição da consciência de si mesmo:

- a) as múltiplas inteligências, hoje estruturadas didaticamente por Howard Gardner, de Harvard, nas seguintes modalidades: linguística, lógico-matemática, musical, físico-cinestésica, espacial, naturalística, interpessoal, intrapessoal e a inteligência existencial;
- b) os valores do sentimento, ou seja, as virtudes humanas: a generosidade, a humildade, a tolerância, a perseverança, a fé, a gratidão, o bom humor, a boa vontade, dentre outras;
- c) a sublimação do instinto sexual, direcionando as forças da libido para atividades nobres em prol do engrandecimento coletivo;
- d) as funções mentais responsáveis pela aquisição, organização, interpretação e armazenamento de informações do mundo externo, ou seja, a cognição, representadas pela atenção, orientação, sensopercepção, memória, e outras;
- e) as forças psíquicas ditas paranormais, como a clarividência, a clariaudiência, a precognição, a retrocognição e a psicocinesia;

f) as emoções positivas como a esperança, a serenidade, a paciência, a coragem, a gentileza, a afeição e o amor.

O preço da evolução

Até a época recuada do paleolítico, informa André Luiz, as Inteligências Divinas interferiram para que se lhe estruturasse o veículo físico, dotando-o com preciosas reservas para o futuro imenso; envolvido agora na luz da responsabilidade, conferiram-lhe o dever de conservar e aprimorar o patrimônio recebido e entregaram-lhe a obrigação de atender ao aperfeiçoamento de seu corpo espiritual (**Evolução em dois Mundos, parte I, cap. XX**).

A conquista da razão e o desenvolvimento da inteligência possibilitaram ao homem a maioria espiritual.

As Forças do Bem que coordenam a evolução do orbe afrouxaram sua tutela, embora ainda intervenham na melhoria das formas evolutivas do planeta (**Evolução em Dois Mundos, parte II cap. XVIII**), pois o trabalho evolutivo no aperfeiçoamento fisiológico das criaturas terrestres ainda não foi terminado, prosseguindo, como é natural, no espaço e no tempo (**Evolução em dois Mundos, parte II, cap. XII**). Mas com a conquista da razão, tornou-se ele responsável pelos próprios atos. Compete-lhe prosseguir com o próprio esforço. A noção do certo e errado insculpiu em sua consciência a lei de causa e efeito, que deverá nortear as suas decisões.

Escreveu André Luiz:

Entendamos, assim, que tanto a regeneração quanto a evolução não se verificam sem preço.

O progresso pode ser comparado a montanha que nos cabe transpor, sofrendo-se naturalmente os problemas e as fadigas da marcha, enquanto que a recuperação ou a expiação podem ser consideradas como essa mesma subida, devidamente recapitulada, através de embaraços e armadilhas, miragens e espinheiros que nós mesmos criamos.

Se soubermos, porém, suar no trabalho honesto, não precisaremos suar e chorar no resgate justo.

*E não se diga que todos os infortúnios da marcha de hoje estejam debitados a compromissos de ontem, porque, com a prudência e a imprudência, com a preguiça e o trabalho, com o bem e o mal, melhoramos ou agravamos a nossa situação, reconhecendo-se que todo dia, no exercício de nossa vontade, formamos novas causas, refazendo o destino (**Evolução em dois Mundos, parte I, cap. XIX**).*

As origens do bem

Charles Darwin considerava o problema do altruísmo – o ato de ajudar alguém – como um desafio potencialmente fatal para sua teoria da seleção natural. Se a vida fosse uma cruel “luta pela existência”, como um indivíduo altruísta poderia viver o tempo suficiente para se reproduzir? Por que a seleção natural iria favorecer um comportamento que reduz nossas chances de sobreviver? Em *A Origem do Homem*, Darwin escreveu: “Os indivíduos que preferiam se sacrificar a trair seus companheiros – como muitos selvagens faziam – frequentemente não deixavam descendentes que pudessem herdar sua natureza nobre”. E, no entanto, como Darwin sabia, o altruísmo está por toda parte. Os morcegos alimentam seus companheiros famintos; as abelhas cometem suicídio dando ferroadas para defender a colmeia; os pássaros criam filhotes que não são seus; o ser humano pula nos trilhos do metrô para salvar gente estranha. A onipresença desses comportamentos sugere que a bondade não é uma estratégia derrotista para a vida e, no entanto, sob o aspecto da biologia evolutiva, o bem é uma estupidez, pois dá força e recurso **ao outro** na luta pela vida, reduzindo nossa possibilidade de sobrevivência.

Como entender isso? Uma hipótese elegante foi apresentada recentemente (2012) pelo biólogo de Harvard, Edward Wilson, no livro “A Conquista Social da Terra”. O autor indaga: as pessoas são inerentemente boas, mas corruptíveis pelas forças do mal? Ou, pelo contrário, são intrinsecamente malvadas, só podendo ser redimidas pelas forças do bem?

Ele mesmo responde: as pessoas são ambas as coisas. O dilema humano, segundo ele, foi preordenado pela forma como nossa espécie evoluiu, sendo, portanto, uma parte da natureza humana.

Explica o autor citado acima que o dilema do bem e do mal foi criado por aquilo que ele denomina de *seleção multinível*, ou seja, a seleção natural que se dá em duas dimensões: individual e de grupo. A seleção individual e a seleção de grupo agem conjuntamente sobre o mesmo indivíduo, mas em grande parte em oposição uma à outra. A seleção individual é o resultado da competição por sobrevivência e reprodução entre membros do mesmo grupo. Ela molda instintos em cada membro que é fundamentalmente egoísta em referência aos demais membros. Em contraste, a seleção de grupo consiste na competição entre sociedades, por meio do conflito direto e da competência diferencial na exploração do meio ambiente. A seleção de grupo molda instintos que tendem a tornar os indivíduos altruístas entre si. A seleção individual é responsável por grande parte do que chamamos de pecado, acrescenta Wilson, enquanto a seleção de grupo é responsável pela maior parte da virtude. Juntas criaram o conflito entre o anjo e o demônio de nossa natureza.

Existe, segundo ele, uma regra férrea na evolução social humana: grupos altruístas derrotam grupos egoístas. Os seres humanos foram obrigados a buscar a moralidade – a fazer a coisa certa, se refrear, ajudar os outros, às vezes correndo risco pessoal – porque a seleção natural favoreceu essas interações dos membros do grupo que beneficiam o grupo como um todo.

A seleção de grupo pode ser invocada para explicar a cooperação, um traço importante da natureza humana. O altruísmo aumenta a força e a competitividade dos grupos e tem sido favorecido durante a evolução humana. O altruísmo autêntico se baseia num instinto biológico pelo bem comum da tribo.

Tendo como base O LIVRO DOS ESPÍRITOS, podemos sugerir as ideias seguintes:

Durante suas vivências reencarnatórias, o princípio espiritual foi incorporando instintos, que passaram a fazer parte de sua individualidade. Conviveu com o mal, mas também necessitou conhecer o bem para sobreviver; dependeu do egoísmo como elemento indispensável à sobrevivência no reino animal e nos períodos que precederam a conquista da razão, mas se identificou igualmente com instintos relacionados

com a cooperação, a renúncia e a generosidade, adquirindo experiências e escrevendo em sua consciência as leis de Deus (LE, item 621).

Essas leis deveriam oportunamente lhe ser lembradas, pois as tinha esquecido e desprezado (LE, item 621-a). Os maus instintos fazem frequentemente que ele esqueça a lei de Deus (LE, item 620). Deus, no entanto, tem confiado a muitos homens a missão de revelar sua lei. (LE, item 622).

Ao perguntar aos Espíritos Superiores por que Deus não criou a Humanidade em melhores condições, Kardec recebeu deles a seguinte resposta:

Os Espíritos foram criados simples e ignorantes. Deus deixa ao homem a escolha do caminho. Tanto pior para ele, se toma o mau caminho: sua peregrinação será mais longa. Se não existissem montanhas, o homem não compreenderia que se pode subir e descer; e se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito adquira experiência e, para isso, é necessário que conheça o bem e o mal (LE, item 634).

Um mundo mais informado é um mundo menos violento

Talvez estejamos ficando melhores porque estamos ficando mais inteligentes, conclui o neurocientista Steven Pinker, professor da Universidade Harvard (EUA), após exaustiva pesquisa sobre a impressionante queda da violência humana nos últimos séculos.

A pesquisa do professor Pinker redundou em uma obra de mais de mil páginas intitulada *Os anjos bons da nossa natureza*, que, contrapondo-se ao senso comum, mostra que a violência em quase todas as escalas – na família, nos bairros, entre tribos e outras facções armadas e entre nações e Estados importantes – vem sofrendo evidente redução. O século XX não foi um mergulho permanente na perversidade. Ao contrário, a tendência moral duradoura deste século foi um humanismo avesso à violência que se iniciou nos séculos XVII e XVIII (“das Luzes”). Apesar das duas grandes guerras, as grandes potências mundiais não lutam entre si desde 1945. Um período de paz tão longo entre os Estados mais poderosos não tem precedentes.

Tal constatação não é resultado de uma opinião pessoal, mas de dados estatísticos indiscutíveis. O autor confessa seu assombro diante dos dados: viver na civilização reduz em cinco vezes as chances de uma pessoa ser vítima de violência. O lugar mais seguro na história humana, a Europa Ocidental, desde a virada do século XXI, vem tendo uma taxa de homicídios de um por 100 mil. No século XIV tal taxa era da ordem de 110 homicídios por 100 mil habitantes. A estarrecedora parcela de 26% dos homens aristocratas morria por violência nos séculos XIV e XV. A taxa caiu para a casa de um dígito na virada do século XVIII, e hoje, obviamente, está quase zerada. A Inglaterra do século XX era 95% menos violenta do que do século XIV. Uma cultura da honra – a prontidão para vingar-se – deu lugar a uma cultura da dignidade – a prontidão para controlar as emoções.

No decorrer de pouco mais de um século, práticas cruéis que por milênios haviam sido parte da civilização foram subitamente abolidas, como a execução de bruxos, a tortura oficial de prisioneiros e a perseguição a hereges e estrangeiros. As revoluções por direitos nas últimas décadas mudaram, de forma radical, a forma de ver e se conduzir diante das mulheres e crianças, dos negros, dos animais e dos homossexuais. O fim de grande parte das ditaduras militares ou civis acompanhou essas revoluções liberais. Do mesmo modo que fumar em escritórios e salas de aula passou de coisa comum a proibida e depois a impensável, práticas como a escravidão e o enforcamento público tornam-se tão inimagináveis que nem sequer são assuntos de debate.

O que mudou no ambiente das pessoas que poderia ter desencadeado tal revolução humanitária? Ao analisar as causas do fenômeno, o autor acredita que a mais abrangente mudança nas sensibilidades comuns deixada por essa revolução é a reação ao sofrimento de outros seres vivos. As pessoas de hoje estão longe de ser moralmente imaculadas, mas a maioria não tem vontade alguma de ver um cão e muito menos uma pessoa, morrer queimado.

E o que teria levado a isso? Steven Pinker relaciona várias causas, mas chama a nossa atenção para uma delas: o aumento na produção de livros, o hábito da leitura, o esclarecimento e o incremento das informações, além de um notável aprimoramento do raciocínio abstrato, verificado nos testes de QI, realizados nas últimas décadas.

Afirma o autor citado que a expansão da mente, decorrente de boas leituras deve ter adicionado uma dose de humanitarismo às emoções e crenças das pessoas. Ler é uma tecnologia para mudança de perspectiva. Quando nós temos na cabeça os pensamentos de outra pessoa, observamos o mundo do ponto de vista dessa pessoa, o que nos seduz a pensar e sentir como pessoas muito diferentes de nós mesmos. Revisitem o que deu errado no mundo Islâmico, opina o professor Pinker, pode ter sido a rejeição à imprensa escrita e a resistência à importação de livros e ideias neles contidos.

A difusão de boas ideias resulta em reformas que reduzem a violência por vários caminhos. O mais óbvio é o desmascaramento da ignorância e da superstição. Cita Voltaire quando afirma que aqueles que conseguem fazer você acreditar em absurdos podem fazer você cometer atrocidades. Outro caminho é um incremento dos convites à adoção dos pontos de vista de gente diferente de nós, acelerando o processo de tolerância nas relações humanas.

Existe um terceiro caminho pelo qual a informação pode fecundar o progresso moral: incrementando o progresso tecnológico e a melhoria das condições de vida das pessoas. Sociedades tecnologicamente atrasadas tendem a ser moralmente atrasadas também.

As conclusões de Steve Pinker são admiravelmente coincidentes com o pensamento Kardequiano, embora a distância de mais de 150 anos entre os dois pensadores.

No que se refere à queda dos índices de violência, Kardec provocou os Espíritos, indagando: como é bastante grande a perversidade do homem, não parece que, pelo menos do ponto de vista moral, ele, em vez de avançar, caminha aos recuos?

A resposta dos Espíritos, conforme se lê no item 784 de O Livro dos Espíritos, é essa: – “Enganas-te. Observa bem o conjunto e verás que o homem se adianta, pois que melhor compreende o que é mal, e vai dia a dia reprimindo os abusos”.

No que tange à importância do desenvolvimento tecnológico no desenvolvimento dos caracteres morais, os Espíritos foram igualmente concordantes com o autor que ora visitamos, pois quando Allan Kardec indaga se o progresso moral acompanha sempre o progresso Intelectual, eles respondem:

– “Decorre deste, mas nem sempre o segue imediatamente”. (O Livro dos Espíritos, item 780.)

E acrescentam que pode o progresso intelectual engendrar o progresso moral fazendo compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos. (O Livro dos Espíritos, item 781)

Numa bela análise das reformas em processo na Terra, Kardec, no último capítulo do livro A Gênese, revalida o pensamento apresentado pelos Benfeitores em O Livro dos Espíritos, conforme as anotações abaixo:

Moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens para isso concorrem pelos esforços de sua inteligência. Saneiam as regiões insalubres, tornam mais fáceis as comunicações e mais produtiva a terra. Depois de se haver, de certo modo, considerado todo o bem-estar material, produto da inteligência, logra-se compreender que o complemento desse bem-estar somente pode achar-se no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, tanto mais se sente o que falta, sem que, entretanto, se possa ainda definir claramente o que seja: é isso efeito do trabalho íntimo que se opera em prol da regeneração. Surgem desejos, aspirações, que são como que o pressentimento de um estado melhor.

Lembra, todavia, o nosso Codificador, que há muito que ser feito, pois falta a essas reformas uma base que permita se desenvolvam, completem e consolidem; falta uma predisposição moral mais generalizada, para fazer que elas frutifiquem e que as massas as acolham.

Refere-se Kardec ao papel da fé raciocinada, da crença fundamentada na razão e em uma espiritualidade que seja elemento de construção de mais fraternidade, entendimento e boa vontade entre os homens:

A destruição do materialismo, que é uma das chagas da sociedade. O Espiritismo pode fazer com que os homens compreendam onde estão seus verdadeiros interesses. Como a vida futura não mais será velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que pode garantir seu futuro por meio do presente. Destruindo os preconceitos de seitas, castas e cores, o Espiritismo ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos. (O Livro dos Espíritos, item 799.)

Religião faz bem pra saúde

Pra que servem as religiões? Daniel Dennett, filósofo norte-americano, apresenta a indagação acima no livro *Quebrando o Encanto*, e ele mesmo responde: os três objetivos preferidos para a religião são confortar-nos nos sofrimentos e acalmar nosso medo da morte; explicar coisas que não conseguimos explicar de outro modo; e encorajar a cooperação em grupo diante de problemas e inimigos.

A conceituação de Dennett, todavia, deixa escapar algo que as últimas décadas de pesquisa científica têm revelado: religião faz bem pra saúde, pois as pessoas que oram, estudam a Bíblia ou vão à Igreja pelo menos uma vez por semana adoecem menos e vivem mais e melhor.

Estudos científicos bem delineados e bem vistos pela comunidade científica internacional atestam que a religião tem o potencial de influenciar a saúde mental e física. Um dos mais eminentes pesquisadores de espiritualidade e saúde, o Dr. Harold Koenig, psiquiatra da Universidade de Duke, EUA, apresentou uma elegante síntese das principais descobertas dessa área de pesquisa no seu livro *Medicina, Religião e Saúde*, recentemente traduzido para o nosso idioma.

Os estudos têm mostrado que pessoas religiosas têm menos predisposição à hipertensão arterial, acidente vascular cerebral, doença coronariana, demência de Alzheimer, depressão e infecções.

No que se relaciona a longevidade – excelente medida da saúde de uma população – os estudos mostram que o envolvimento religioso, sobretudo a participação em serviços religiosos, está associado a um menor risco de mortalidade com base em relatos com acompanhamento de indivíduos por até três décadas. A participação religiosa uma vez por semana conferiu dois a três anos adicionais de vida, comparados com 3 a 5 anos de vida com exercícios físicos regulares e 2,5 a 3,5 anos de vida para medicamentos para redução do colesterol.

O mecanismo pelo qual se acredita que o envolvimento religioso afete a saúde é por vias psicológicas, sociais e comportamentais, ou seja, ajudando as pessoas a enfrentar o estresse, aumentando o suporte social e incentivando estilos de vida e hábitos mais saudáveis.

Pesquisadores verificaram em acompanhamento de grande número de pessoas por 28 anos que, frequentadoras assíduas dos cultos religiosos, tinham probabilidade 90% maior de parar de fumar, 38% maior de aumentar o volume de exercícios, 79% maior de continuar casado, 58% maior de aumentar a participação comunitária fora da Igreja e 50% maior de aumentar o número de amigos.

Palavras proféticas a do apóstolo Tiago, quando recomendou em sua epístola, capítulo 5, versículo 13, que deveríamos orar uns pelos outros a fim de que curássemos as nossas enfermidades.

Há mesmo vida fora da Terra?

Considera-se a existência de vida orgânica em diferentes mundos do Universo um dos postulados basilares da Doutrina Espírita. Em comentário à resposta dada à questão 55 de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec assim se expressa:

Deus povoou de seres vivos os mundos, concorrendo todos esses seres para o objetivo final da Providência. Acreditar que só os haja no planeta que habitamos fora duvidar da sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil. Certo, a esses mundos há de ele ter dado uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Aliás, nada há, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, que possa induzir à suposição de que ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de milhões de mundos semelhantes.

Esse indiscutível princípio do Espiritismo reveste-se de discussões e controvérsias, originadas sobretudo de informações mediúnicas, particularmente sobre pormenores das características físicas e do modo de vida fora de nosso planeta. À época de nosso Codificador, algumas psicografias excessivamente fantasiosas geraram confusão a respeito do assunto. Posteriormente, mensagens mediúnicas versando sobre o tema foram alvo de críticas por se posicionarem na contramão das evidências científicas.

Na edição do jornal *Folha Espírita* em agosto de 1976 (texto reproduzido no livro *Lições de Sabedoria*), Chico Xavier foi interrogado quanto às descobertas das naves espaciais Viking 1 e 2 que mostraram não existir em Marte vida tal qual informavam algumas mensagens mediúnicas recebidas por ele. Respondeu o nosso querido Chico que tais mensagens mediúnicas referiam-se provavelmente à **vida na dimensão espiritual**, intensa em regiões que o homem físico designe como despovoadas.

O que Chico Xavier disse a respeito – Interrogado especificamente quanto à mensagem do Espírito Humberto de Campos recebida em 1939, na qual o benfeitor desencarnado descreve organizações cidadinas marcianas com sofisticada tecnologia, Chico assim se expressa:

Humberto de Campos, na Espiritualidade, sempre revela desde o princípio dos comunicados dele, por nosso intermédio, admirável lucidez. Muito mais razoável admitir que o erro, no assunto, se houve erro, deve ser atribuído à minha leviandade ou imperícia, no trato da mediunidade, porquanto, no início da tarefa mediúnica era eu uma pessoa com muita preocupação sobre a vida em outros planetas.

Prosseguindo na resposta, Chico volta a referir-se à possibilidade de que tais descrições se refiram à **dimensão espiritual**, onde a vida existe em vibrações desconhecidas da ciência acadêmica. E conclui o médium:

Apesar disso, conservando essa certeza íntima e intransferível, posso perguntar tranquilamente a mim mesmo se em 1939, com uma diferença de trinta e sete anos em minhas experiências de trabalho, não terei interferido inconscientemente na psicografia da mensagem do nosso distinto escritor, truncando nomes ou situações, sem a mínima intenção de me intrometer nas transmissões que vinham dele.

A admirável resposta de Chico denota nobreza e profunda retidão de caráter e mais uma vez chama a atenção dos estudiosos da Doutrina Espírita para a complexa interação Espírito/Médium. Sendo assim, todos nós, ao nos reportarmos a detalhes dessa possível biologia cósmica, devemos ponderar bastante, sob o risco de nos tornarmos fantasiosos e veicularmos informações equivocadas.

Evidências de vida fora da Terra – O que a ciência oficial tem dito a respeito do tema? Uma importante contribuição sobre o assunto foi dada recentemente por Hernani L. S. Maia, professor de química da Universidade do Minho, em Portugal, através do livro *Origem da Vida: Recentes Contribuições para um Modelo Científico*. Reproduzimos abaixo as principais considerações dessa obra.

Não se encontrou, até o momento, nenhuma forma de vida, no sistema solar, excluindo nosso orbe. Fragmentos de solo recolhidos da Lua e de Marte nada encontraram. Fotografias de diferentes astros tampouco nada identificaram. Nenhum cientista acredita que possam existir formas de vida complexas, inteligentes (como a humana), no sistema solar, mas não excluem a possibilidade da existência de formas rudimentares de vida, microscópicas.

Quanto à evidência de vida orgânica fora do sistema solar, nada existe de palpável. Acredita-se que um número considerável de planetas possa ter as mesmas características físicas da Terra, em condições de abrigar formas de vida que possam se assemelhar à nossa, mas isso não passa de conjecturas, sem nenhuma evidência científica.

E quanto ao sistema solar, com seus oito planetas e alguns satélites, quais as evidências coletadas?

São as seguintes:

Primeira: moléculas orgânicas, como aminoácidos, açúcares e bases nitrogenadas existem nos cometas e no espaço interestelar. Essa foi uma das maiores descobertas das últimas décadas. Os compostos químicos encontrados nos seres vivos existem fora da Terra. Cerca de 140 moléculas orgânicas foram detectadas flutuando pelo espaço interestelar. Tais achados levaram ao ressurgimento da hipótese da Panspermia Cósmica, segundo a qual a vida na Terra poderia ter-se originado em outros planetas.

A teoria de Leslie Orgel e Francis Crick – O astrônomo inglês Frederick Hoyle defendeu que os “esporos da vida” fazem parte das nuvens interestelares e que os cometas seriam reservatórios destes esporos, transportando-os até aos planetas quando eles se chocam. Os microrganismos originais teriam chegado à Terra a bordo de um cometa.

Em meados de 1970, Leslie Orgel e Francis Crick, dois renomados cientistas, propuseram que a vida teria surgido na Terra por meio de esporos transportados por uma nave espacial. Esta nave teria sido enviada por seres inteligentes alienígenas para colonizarem o nosso planeta. Tal ideia foi alvo de muitas discussões e teve grande impacto entre os amantes da ficção científica, numa época em que se falava muito de OVNI e de extraterrestres. Porém, não passava de mera especulação, até porque não havia nem há nenhuma evidência da existência de seres vivos inteligentes fora da Terra. Essas ideias obviamente não encontram aceitação no seio da comunidade científica, no entanto a possibilidade de que as moléculas orgânicas trazidas por meteoritos possam estar relacionadas com o aparecimento dos primeiros seres vivos na Terra vem sendo considerada seriamente. Ora, se existem moléculas orgânicas no espaço ou circulando juntamente com os cometas, a vida poderia ter-se originado em outros locais. Curiosamente os Espíritos Superiores, respondendo à indagação de número 45 de *O Livro dos Espíritos*, disseram que os *elementos orgânicos, antes da formação da Terra, encontravam-se, por assim dizer, em estado de fluido no espaço, no meio dos Espíritos ou em outros planetas esperando a formação da Terra para começarem uma nova existência em um novo globo.*

Segunda: a descoberta de seres vivos, principalmente bactérias, que vivem em condições inóspitas – denominados extremófilos.

O que é necessário para que haja vida – A descoberta dos extremófilos mostrou que a vida pode existir fora das condições que até então se acreditava fossem indispensáveis, como acidez próxima da neutralidade

(pH 7), temperaturas de cerca de 37°C, força iônica semelhante à do nosso sangue, pressão de uma atmosfera, presença de oxigênio e ausência de radiação.

A descoberta de microrganismos capazes de violarem essa “crença” veio mostrar que a vida pode existir longe da energia solar e em ambientes muito diferentes daqueles que se pensava serem necessários à evolução biológica.

Também neste particular encontramos referências na obra kardequiana. Nos itens 56 a 58 de *O Livro dos Espíritos*, os Espíritos Superiores disseram que, *sendo diferente a constituição física dos mundos, igualmente diferentes devem ser os seres que habitam esses mundos.*

Terceira: há fortes evidências de existência de água, condição primordial para a vida, como a conhecemos, em outros astros. Os cientistas estão praticamente convencidos de que existe água em estado sólido na Lua, em Marte e em Europa, um dos satélites de Júpiter. Em Europa aventa-se até mesmo a possibilidade de que a água exista em estado líquido. Se na Terra são encontrados micro-organismos que vivem em condições tão desfavoráveis, é bem possível que em locais como as calotas polares de Marte os oceanos gelados das luas de Júpiter ou ainda os possíveis mares de metano e etanol de Titã (satélite de Saturno) possam, agora, ser achados habitats de espécies extremófilas.

Concluindo, a ciência convencional avança em suas pesquisas e nós espíritas aguardamos serenamente que chegue o dia em que se proclamará a existência de formas de vida orgânica fora de nosso planeta. Estamos convencidos de que esse dia chegará.

Responsabilidade humana nas deformidades congênitas dos animais

O sofrimento dos animais é tema intrigante, que tem gerado especulações. Sabemos que não há expiações para eles (*O livro dos Espíritos, item 602*), pois não tendo conhecimento do bem e do mal, não podem responder, perante o tribunal da consciência, por suas ações. No entanto, são seres sencientes, suas dores e limitações são reais, muitos nascem mutilados, cegos etc. O que pensar a respeito?

André Luiz, quando examina as diferentes modalidades de sofrimento, no livro *Ação e Reação*, cap. 19, apresenta o conceito de *dor-evolução*, caracterizada, segundo ele, *por agir de fora para dentro, aprimorando o ser, sem a qual não existiria progresso*. Diferente da *dor-expiação*, que age de dentro para fora, a *dor-evolução* não se enquadra no conceito de causa e efeito, portanto não se vincula a erros cometidos por aqueles que a vivenciam.

O sofrimento dos animais e das plantas, que experimentam enfermidades peculiares, é colocado, por André Luiz, na categoria *dor-evolução*, que tem como finalidade impulsionar o progresso do princípio inteligente que vem vivenciando experiências nesses seres mais simples da natureza. A dor e as dificuldades colocam o princípio inteligente diante de condições que funcionam como estímulos ao desenvolvimento de sua consciência rudimentar.

Observações igualmente importantes foram feitas por Chico Xavier/Emmanuel em uma série de entrevistas publicadas pela *Folha Espírita*, de São Paulo, nas décadas de 1970, 80 e 90. Essas entrevistas podem ser consultadas no livro *Lições de Sabedoria*.

Segundo Chico, as plantas e os animais passam por esses traumas dolorosos para que possam adquirir memória e sensibilidade. Conta que certa feita ele estava diante de uma floresta, ventava muito, muitos galhos das árvores foram quebrados, os frutos e as flores foram arrancados. Ficou então pesaroso e perguntou: qual a razão deste quadro destruidor? E os Espíritos amigos responderam que as árvores estavam aprendendo a memória, diante da tempestade. E acrescentaram que o sofrimento é um ingrediente necessário, porque é muito difícil um despertar sem ele.

Indagado especificamente a respeito das deformidades congênitas que acometem várias espécies de animais, Chico Xavier se manifestou:

Nossos benfeitores espirituais nos esclarecem que é preciso que todos nós consideremos que os animais diversos, a nos rodearem a existência de seres humanos em evolução no planeta Terra, são nossos irmãos menores, desenvolvendo em si mesmos o próprio princípio inteligente. E o que é que nós estamos fazendo com esta responsabilidade santa de proteger e guiar o reino animal? Como é que esta humanidade terrestre tem agido em relação aos animais, nos inúmeros séculos de nossa história? Porventura nós, os homens, não temos nos convertido em algozes impiedosos dos animais ao invés de seus protetores fiéis? Quem ignora que a vaca sofre imensamente a caminho do matadouro? Quem desconhece que minutos antes do golpe fatal os bovinos derramam lágrimas de angústia? Não temos treinado determinadas raças de cães exaustivamente para o morticínio e o ataque? Que dizermos das caçadas impiedosas de aves e animais silvestres, unicamente por prazer esportivo? Que dizermos das devastações inconsequentes ao meio ambiente? Tudo isto se resume em graves responsabilidades para os seres humanos! A angústia, o medo e o ódio que provocamos nos animais lhes alteram o equilíbrio natural de seus princípios espirituais, determinando ajustamento em posteriores existências, a se configurarem por deformidades congênitas. A responsabilidade maior recairá sempre nos desvios de nós mesmos, os seres humanos, que não soubemos guiar os animais à senda do amor e do progresso, segundo a vontade de Deus.

E acrescenta:

Agora, vejamos, se determinado cão é treinado para o ataque e a morte com requintes de crueldade, se ele é programado para o mal, pode ocorrer que em determinado momento de superexcitação este mesmo cão, treinado para atacar os estranhos, ataque as crianças de sua própria casa ou os próprios donos. Aí teremos um desajuste induzido pela irresponsabilidade humana. Ora, este mesmo cão aspira crescer espiritualmente para a inteligência e o livre-arbítrio. Mas, para isso, ele precisará experimentar o sofrimento que lhe reajuste o campo emotivo, aprendendo pouco e pouco a Lei de ação e reação. Assim, ele provavelmente renascerá com sérias inibições congênitas. A responsabilidade de tudo isto, no entanto, dever-se-á à maldade humana.

O tema é complexo e está aberto a reflexões. Fica a opinião de Chico como móvel a novos estudos e discussões.

Envelhecer e morrer

Uma abordagem biológica e espiritual

Parte 1

Uma das propriedades dos seres vivos multicelulares é sua inserção em um ciclo vital, caracterizado pelas seguintes fases: nascimento, crescimento, reprodução, envelhecimento e morte. Enfermar, envelhecer e morrer são determinismos biológicos, resultados da fragilidade da matéria orgânica e da finitude da vida biológica. Como isso se verifica tem sido objeto de discussões em diferentes áreas do conhecimento humano.

Jared Diamond, biólogo e pesquisador da Universidade da Califórnia, Estados Unidos, comenta:

“Algo na nossa fisiologia torna o envelhecimento inevitável. O envelhecimento pode ser encarado simplesmente como um dano não reparado ou uma deterioração. Uma teoria atribui o envelhecimento às progressivas dificuldades que nosso sistema imunológico supostamente encontra para distinguir entre as nossas próprias células e células estranhas. Outras teorias relacionam o envelhecimento a mudanças hormonais e degeneração neuronal [...] do ponto de vista da biologia evolutiva, o envelhecimento é resultado da relação entre os custos da reparação e as vantagens reprodutivas de manter-se vivo. A evolução parece ter feito um arranjo para que todos os nossos sistemas se deteriore, e só investimos em reparar até onde vale a pena”. (*O terceiro chimpanzé.*)

Acreditamos que as enfermidades, o envelhecimento e a morte são o resultado do somatório de três fatores: genéticos, reencarnatórios e comportamentais.

Fatores genéticos

Fatores genéticos possuem uma óbvia importância na longevidade e na expectativa de vida de um indivíduo. (*Genética essencial.*) Lembra Jared Diamond que, evidentemente, nossa capacidade de sobreviver até a idade madura dependeu em grande medida dos avanços culturais e tecnológicos. É mais fácil defender-se de um leão se você carregar um rifle poderoso do que uma lança ou uma pedra. Contudo, os avanços culturais e tecnológicos não teriam sido suficientes, a menos que o nosso corpo também tivesse sido redesenhado para viver mais tempo. Nenhum primata antropoide enjaulado num zoológico chega aos 80 anos, apesar dos benefícios da moderna tecnologia humana e da atenção veterinária. O camundongo terá sorte se chegar aos 2 anos, mesmo com comida abundante e atenção veterinária. (*Terceiro chimpanzé.*)

Provavelmente muitos genes e interações complexas de genes estão relacionados à longevidade. Tem-se relacionado o envelhecimento humano e algumas enfermidades ao encurtamento progressivo de uma região do cromossomo, denominado telômero. Os telômeros (do grego *telos*, final) representam as extremidades dos cromossomos, caracterizadas por uma grande concentração de DNA repetitivo e não codificante de proteínas.

Por que são valiosas as células-tronco adultas

Além de serem responsáveis por garantir a estabilidade das extremidades dos cromossomos durante o ciclo celular, minimizando a chance de rearranjos estruturais, os telômeros parecem estar associados à sinalização necessária para o pareamento correto dos cromossomos durante a divisão celular.

O tamanho dos telômeros é mantido por enzimas telomerasas capazes de restaurar o número de repetições presentes nas extremidades cromossômicas. No entanto, a maioria das células humanas tem quantidade limitada de telomerase e, a cada vez que a célula se divide, ocorre um encurtamento natural das regiões teloméricas, até o ponto em que a célula perde a capacidade de divisão e caminha para a morte celular. Por esse motivo, o encurtamento dos telômeros tem relação direta com o envelhecimento e com vários tipos de câncer, já que favorece a ocorrência de rearranjos envolvendo as extremidades dos cromossomos. (*Genética essencial.*)

Segundo Henne Holstege, pesquisadora do Centro Médico da Universidade Vrije, em Amsterdã, que conduz estudos sobre a longevidade, continuamos vivos apenas pelo tempo em que nossas células-tronco são capazes de regenerar tecidos vitais. Morremos no momento em que elas se “cansam”. Células-tronco adultas estão presentes em todos os nossos órgãos. São valiosas pela capacidade única de se dividir.

Função das células-tronco adultas

Enquanto as células-tronco embrionárias são capazes de dar origem a qualquer célula do corpo, a função das células-tronco adultas é se dividir, por meio de um processo chamado mitose, de modo a criar novas células daqueles mesmos órgãos em que nasceram. Células-tronco sanguíneas, por exemplo, dão origem a novas células do sangue. Dessa maneira, elas são capazes de repor células mortas e regenerar tecidos danificados.

Em um dado momento, nossas células-tronco atingem um ponto de esgotamento. A partir daí, tornam-se cada vez menos produtivas até o ponto em que não são mais capazes de regenerar os tecidos vitais.

Segundo Holstege, estima-se que as pessoas nasçam com algo em torno de 20 mil células-tronco sanguíneas. A cada nova divisão celular, o tamanho dos telômeros diminui, encolhendo até o ponto de exaustão, quando a célula morre. Um traço das células de pessoas longevas que tem surpreendido os pesquisadores é a ausência de mutações nocivas.

Ao longo da vida, erros ocasionados no processo de divisão celular podem ocasionar mutações nocivas para a saúde, levando ao desenvolvimento de tumores, por exemplo. Longevos estudados pelo grupo da professora Holstege pouco sofriam desse problema. As mutações encontradas em suas células são inofensivas, um sinal de que, provavelmente, o corpo deles possui um sistema imunológico eficiente, capaz de se livrar de células danificadas antes que elas causem algum mal. (*Olhar direto, Ciência e saúde, 24/4/2014.*)

Fatores reencarnatórios

A expectativa de vida física de um Espírito reencarnado depende de fatores relacionados ao seu passado reencarnatório. O Espírito, através de suas irradiações mentais, reflete sua identidade evolutiva, necessidades de desenvolvimento e problemas pessoais a serem resolvidos. Esses fatores estão relacionados à predisposição às enfermidades a que o Espírito, enquanto encarnado, poderá estar exposto e, obviamente, à expectativa de vida da atual experiência reencarnatória.

Situações especiais existem em que a desencarnação surpreende o indivíduo em condições absolutamente independentes de sua vontade e de seu comportamento, como, por exemplo, desencarnação na infância ou resultado de acidentes ou violência em que o envolvido nenhuma responsabilidade tenha no ocorrido. Nessas situações particulares, os fatores reencarnatórios são quase absolutos.

Em *O Livro dos Espíritos* lê-se:

- Algumas pessoas só escapam de um perigo mortal para cair em outro. Parece que não podiam escapar da morte. Não há nisso fatalidade?

“Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não podeis furtar-vos.” (*O Livro dos Espíritos, item 853.*)

- Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, se a hora da morte ainda não chegou, não morreremos?

“Não; não perecerás e tens disso milhares de exemplos. Quando, porém, soe a hora da tua partida, nada poderá impedir que partas. Deus sabe de antemão de que gênero será a morte do homem e muitas vezes seu Espírito também o sabe, por lhe ter sido isso revelado, quando escolheu tal ou qual existência.” (*LE, item 853-a.*)

Influência dos Espíritos na gênese das doenças

Emmanuel, examinando o determinismo da morte, esclarece:

“Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra.” (*O Consolador, pergunta 146.*)

Como o Espírito poderia interagir com a genética, definindo o tempo de sua permanência na dimensão física? Podemos aventar que o Espírito, carregando em seu psiquismo sua condição evolutiva e suas necessidades cármicas, exerceria poderosa influência sobre os genes responsáveis pela expressão das enzimas telomerasas, responsabilizando-se diretamente pela síntese dessa enzima e consequentemente pela restauração dos telômeros. Poderia intervir, também, no número de células-tronco e na dinâmica das mutações. O processo de envelhecimento estaria então vinculado à personalidade reencarnada, através, obviamente, dos processos biológicos naturais, citados acima.

Não se pode desconsiderar, todavia, a influência de Espíritos desencarnados na manutenção da saúde e na gênese das doenças nas entidades domiciliadas na dimensão física. Espíritos perturbados e enfermos, em simbiose psíquica com os encarnados, podem carrear para eles vibrações espirituais de natureza enfermiga, concorrendo para o surgimento de uma série de doenças físicas ou mentais, que podem eventualmente levá-los à desencarnação.

Por outro lado, Espíritos superiores podem intervir de forma positiva, contribuindo para a saúde dos seus tutelados, bem como atuando direta ou indiretamente em suas organizações físicas, antecipando ou prolongando o momento da morte, em benefício deles mesmos, ou de pessoas vinculadas a eles. (*Continua no próximo número.*)

Envelhecer e morrer

Uma abordagem biológica e espiritual

Parte 2 e final

As intervenções espirituais, obviamente, se verificam dentro de certos limites.

No livro *O céu e o inferno*, Allan Kardec coloca:

Certamente, em dadas condições, pode um Espírito encarnado prolongar a existência corporal a fim de terminar instruções indispensáveis ou, ao menos, por ele como tais julgadas — é uma concessão que se lhe pode fazer, como no caso vertente, além de muitos outros exemplos. Esta dilação de vida não pode, porém, deixar de ser breve, visto como é defeso ao homem inverter a ordem das leis naturais, bem como retornar de moto próprio à vida, desde que ela tenha atingido o seu termo. É uma sustação momentânea apenas. Preciso é, no entanto, que da possibilidade do fato não se conclua a sua generalidade, tampouco que dependa de cada qual prolongar por este modo a sua existência. Como provação para o Espírito ou no interesse de missão a concluir, os órgãos depauperados podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita prolongar de alguns instantes a manifestação material do pensamento. Esses casos são excepcionais e não fazem regra. Tampouco se deve ver nesse fato uma derrogação de Deus à imutabilidade. (*O céu e o inferno, parte II, cap. III.*)

Um caso de moratória

André Luiz faz alusão ao prolongamento da hora da morte na obra *Missionários da luz, cap. 7*, ao descrever a situação de Antônio, cidadão com a idade aproximadamente de 70 anos, vitimado por grave aterosclerose, com risco de morte iminente, em virtude de uma trombose cerebral. Antônio foi beneficiado com a intervenção de técnicos da dimensão espiritual, resultando para ele em sobrevida de cerca de cinco meses. Tal moratória lhe foi oferecida em virtude de negócios urgentes, relacionados à família, que precisavam ser resolvidos.

A respeito da antecipação da hora da morte, André Luiz relata no livro *No mundo maior, cap. 12*, a atuação de Benfeitores desencarnados sobre Fabrício, indivíduo no limiar da loucura, resultado de atitudes moralmente comprometedoras perpetradas durante a encarnação.

Caso a condição de alienação psíquica se consumasse, o núcleo familiar de Fabrício receberia uma cota extra de problemas e preocupações, de que seus familiares não seriam mercedores.

Assim, os técnicos da dimensão espiritual intervêm magneticamente no sistema circulatório do envolvido, precipitando uma trombose arterial, que seria a causa de sua morte prematura.

Fatores comportamentais

Além dos fatores cármicos e genéticos, existem outros, relacionados ao comportamento da individualidade reencarnada, seu modo de vida, suas escolhas e a postura que adota nas diferentes situações de sua encarnação.

O tempo de vida física, portanto, do Espírito, em cada encarnação, de uma maneira geral, não pode ser explicitado de forma absoluta, antes de sua inserção na dimensão física, porque depende também de condições que não se vinculam diretamente ao seu passado reencarnatório e sim às suas opções de vida.

Está registrado em *O Livro dos Espíritos*:

Pode o homem, por sua vontade e por seus atos, fazer que se não deem acontecimentos que deveriam verificar-se e reciprocamente?

“Pode-o, se essa aparente mudança na ordem dos fatos tiver cabimento na sequência da vida que ele escolheu. Acresce que, para fazer o bem, como lhe cumpre, pois que isso constitui o objetivo único da vida, facultado lhe é impedir o mal, sobretudo aquele que possa concorrer para a produção de um mal maior.” (*LE, item 860.*)

Kardec adverte:

Grandes probabilidades tem de se afogar quem pretender atravessar a nado um rio, sem saber nadar. (*LE, item 862.*)

E ainda:

A fatalidade, que algumas vezes há, só existe com relação àqueles sucessos materiais, cuja causa reside fora de vós e que independem da vossa vontade. Quanto aos atos da vida moral, esses emanam sempre do próprio homem que, por conseguinte, tem sempre a liberdade de escolher. No tocante, pois, a esses atos, *nunca* há fatalidade. (*LE, item 861.*)

Principais causas de óbito

Segundo Harold Koenig, psiquiatra de Duke University, embora os fatores genéticos possam ser relacionados a uma grande variedade de enfermidades e à expectativa de vida de uma pessoa, a genética tem limites, sobretudo para ajudar a entender o que causa uma vida longa e saudável. As pesquisas mostram que apenas um quarto da expectativa de vida pode ser atribuído a causas genéticas, e os genes têm pouca influência sobre a longevidade antes dos sessenta anos. Mesmo essa influência é questionada. Por exemplo, alguns pesquisadores dizem que a longevidade dos pais tem pouca associação com a expectativa de vida dos filhos.

Lembra o Dr. Koenig que segundo James W. Vaupel, diretor do *Laboratório de sobrevida e longevidade no Instituto Max Plank para pesquisa demográfica* em Rostock, Alemanha, a duração de vida dos pais explica apenas cerca de 3% da expectativa de vida dos filhos. Além da idade e acesso ao atendimento médico, outros fatores que podem influenciar a longevidade são psicológicos, sociais e comportamentais.

As principais causas de óbito em todo o mundo são doença cardíaca, câncer, distúrbios cerebrovasculares e doenças infecciosas. Não existem mais dúvidas de que esses problemas médicos são afetados diretamente por emoções negativas, estresse psicológico e social e comportamentos de saúde deficientes, bem como por influências genéticas.

Relação entre saúde e envolvimento religioso

Qualquer ação que melhore o enfrentamento do estresse, que reduza as emoções negativas e que incentive comportamento de saúde positivo, deve influenciar os índices de mortalidade dessas doenças e afetar a mortalidade geral. Um desses fatores podem ser a crença e a prática religiosa.

O mecanismo pelo qual se acredita que o envolvimento religioso afete a saúde é por vias psicológicas, sociais e comportamentais, ou seja, ajudando as pessoas a enfrentar o estresse, aumentando o suporte social e incentivando estilos de vida e hábitos mais saudáveis. (*Medicina, religião e saúde.*)

Emmanuel, fazendo uma interação entre os fatores reencarnatórios e comportamentais, escreveu:

Desde a fase embrionária do instrumento em que se manifestará no mundo, o Espírito nele plasma os reflexos que lhe são próprios.

Criaturas existem tão conturbadas além-túmulo com os problemas decorrentes do suicídio e do homicídio, da delinquência e da viciação, que, trazidas ao renascimento, demonstram, de imediato, os mais dolorosos desequilíbrios, pela disfunção vibratória que os cataloga nos quadros da patologia celular.

A importância da prática do bem

As enfermidades congênitas nada mais são que reflexos da posição infeliz a que nos conduzimos no pretérito próximo, reclamando-nos a internação na esfera física, às vezes por prazo curto, para tratamento da desarmonia interior em que fomos comprometidos.

Surgem, porém, outras cambiantes dos reflexos do passado na existência do corpo, da culpa disfarçada e dos remorsos ocultos.

São plantações de tempo certo que a lei de ação e reação governa, vigilante, com segurança e precisão.

É por isso que muitas vezes, consoante os programas traçados antes do berço, na pauta da dívida e do resgate, a criatura é visitada por estranhas provações, em plena prosperidade material, ou por desastres fisiológicos de comovente expressão, quando mais irradiante se lhe mostra a saúde. Contudo, é imperioso lembrar que reflexos geram reflexos e que não há pagamento sem justos atenuantes, quando o devedor se revela amigo da solução dos próprios débitos.

A prática do bem, simples e infatigável, pode modificar a rota do destino, de vez que o pensamento claro e correto, com ação edificante, interfere nas funções celulares, tanto quanto nos eventos humanos, atraindo em nosso favor, por nosso reflexo melhorado e mais nobre, amparo, luz e apoio, segundo a lei do auxílio. (*Pensamento e vida, cap. 14.*)

Doença mental ou doença cerebral?

Uma visão espírita

O entendimento dos transtornos “mentais” passa pela compreensão do mecanismo de reparação dos desatinos pretéritos e atuais, através da lei de causa e efeito.⁽¹⁾

Ao retornar à dimensão física, a Individualidade reencarnante traz, em seu perispírito, marcas cármicas constituídas por vibrações desarmônicas, relacionadas a débitos e culpas, adquiridos em vivências anteriores. Essas marcas energéticas, em virtude de sua natureza cármica, irão plasmar, em seu corpo físico, regiões de fragilidade. Essas regiões encontram-se mais suscetíveis ao desenvolvimento de enfermidades que, em última análise, estarão relacionadas ao carma a que está vinculada a Individualidade. Obviamente, o surgimento dessas enfermidades depende também da conduta atual do Espírito domiciliado no plano físico.

Vejamos um exemplo: determinado Espírito comprometeu-se, em existências passadas, com o abuso de bebidas alcoólicas e cometeu falhas morais em virtude desse vício. Ele poderá reencarnar então com marcas nas áreas do perispírito que são responsáveis pela vitalização do aparelho digestivo. Essas marcas estarão criando uma predisposição ao aparecimento de enfermidades, como a gastrite crônica ou disfunções hepáticas. Assim, o Espírito reencarna com “pontos fracos” em seu perispírito, que determinam os órgãos que estarão mais predispostos a adoecer. Se o Espírito vai enfermar, ou não, isso dependerá, naturalmente, do estilo de vida e da conduta moral que adotar enquanto encarnado.

Conceito equivalente pode ser aplicado à gênese dos transtornos “mentais”, pois o cérebro é um órgão como outro qualquer. Assim, se no passado, o Espírito adquiriu débitos em virtude do mau uso de seus atributos intelecto-morais, pode criar marcas cármicas em seu perispírito na região correspondente ao cérebro. Ao reencarnar, trará consigo tendências a desequilíbrios químicos em seus neurotransmissores cerebrais. Se esse desequilíbrio neuroquímico se verificar, a Individualidade reencarnada poderá vir a padecer de enfermidades ditas “mentais”, como a depressão, o transtorno obsessivo-compulsivo, as fobias, a esquizofrenia etc. Tais doenças nada mais são do que *doenças do cérebro*. Não se tratam de doenças da mente ou do Espírito, embora sua causa seja espiritual. Se o transtorno dito “mental” estivesse radicado no Espírito, não se verificariam respostas favoráveis aos psicofármacos (medicamentos que agem reorganizando a química do cérebro). Essa é a prova de que tais doenças estão, de fato, no cérebro, apesar da ciência atual ainda não ter recursos para perscrutar as sutis alterações que ocorrem na intimidade das células nervosas e em seus trilhões de conexões.

Ao examinar as origens da loucura, em *O Livro dos Espíritos*, item 375-a, Kardec reproduz o pensamento dos Benfeitores espirituais: *é sempre o corpo, e não o Espírito que está desorganizado*.

Entretanto, apesar das ditas doenças “mentais” serem, em verdade, *doenças cerebrais*, isso não significa que tudo se reduz ao cérebro. Pelo contrário, é o Espírito - com suas vibrações desarmônicas - que cria o desequilíbrio no cérebro, por intermédio do perispírito. Desta maneira, o Espírito não seria a sede das doenças ditas mentais, mas seria, sim, sua causa.

Importante ressaltar que, também na gênese das enfermidades “mentais”, a conduta moral do Espírito reencarnado, suas escolhas e atitudes, seu papel perante o outro e a vida têm indiscutível valor. Inserido, muitas vezes, em situações conflituosas, como relacionamentos desprazerosos, carência afetiva, problemas vocacionais, doenças incapacitantes, situações humilhantes ou derrocada econômica, o Espírito que não se habilita à superação das provas citadas coloca-se em situação psíquica desfavorável, que pode contribuir para o desiderato infeliz da enfermidade “mental”.

Outras vezes, a situação cármica é tão grave que tais doenças já se manifestam independentemente do concurso de fatores ambientais.

⁽¹⁾ Colaborou neste artigo Carlos Alberto Mourão Júnior que, tal como Ricardo Baesso de Oliveira, é médico radicado na cidade de Juiz de Fora (MG).

Fisiologia da reencarnação

Parte 1

O estudo do processo de reencarnação dos Espíritos pode ser feito, de forma didática, a partir do exame de cinco indagações: Para que reencarnamos? Por que reencarnamos? Quando reencarnamos? Onde reencarnamos? Como reencarnamos?

1 - Para que reencarnamos?

Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, coloca a reencarnação como um *impositivo natural* ^[ii], ou seja, uma condição à qual o Espírito não pode furtar-se, um determinismo evolutivo, estabelecido por leis específicas. Para que o princípio inteligente, criado simples e ignorante, se identifique com o projeto de perfectibilidade, que lhe é inato, é imperativo que se submeta, durante longo período de sua história, à lei da reencarnação. Esta é uma lei natural, cósmica, espiritual e biológica, inerente a todos os seres, que tem como finalidade o desenvolvimento do princípio espiritual.

Segundo Kardec:

[...] a reencarnação surge como uma necessidade absoluta, como condição inerente à humanidade; numa palavra: como lei da Natureza. ^[iii]

E ainda o codificador:

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. ^[iii]

E também Kardec:

Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de ele desenvolver a sua inteligência [...] aquele que trabalha ativamente pelo seu progresso moral, além de abreviar o tempo da encarnação material, pode também transpor de uma só vez os degraus intermédios que o separam dos mundos superiores. ^[iv]

2 - Por que reencarnamos?

A literatura mediúnica mostra-nos que a evolução se verifica também na dimensão espiritual. Por que então a obrigatoriedade das experiências na dimensão física? Não poderia o princípio inteligente desenvolver todas as suas potencialidades exclusivamente na dimensão espiritual? Isso não é possível, e pode ser explicado em razão de determinadas características particulares da dimensão física, que a diferenciam da dimensão espiritual. Essas características tornam as experiências na dimensão física essenciais ao desenvolvimento das potencialidades do Espírito.

A **dimensão física** se diferencia da **dimensão espiritual** pelos seguintes aspectos:

- 1- **A inserção em um ciclo vital** que é próprio da biologia reencarnatória: nascer, crescer, reproduzir-se, criar filhos, envelhecer, vivenciar enfermidades que são exclusivas da vida física.
- 2- **A luta pela vida:** a inserção na dimensão física coloca o Espírito em um meio em que a

atividade e o trabalho são praticamente obrigatórios, do contrário, vem a fome, a doença e a morte. Tal estado de coisas não parece existir na dimensão espiritual.

3- **O período da infância** tornando o Espírito mais acessível ao burilamento de seu caráter, através da educação e dos bons exemplos dos pais, professores e outras pessoas podem auxiliar na transformação moral da individualidade. Não existe infância, como a conhecemos, na erraticidade.

4- **O esquecimento do passado**, que permite à individualidade conviver com seus desafetos, sem recordar-se dos desatinos perpetrados reciprocamente. Tais recordações poderiam reviver animosidades, criando embaraços à harmonização dos relacionamentos.

5- **A convivência com pessoas de nível evolutivo diferente.** Na dimensão espiritual, a lei de sintonia é absoluta. Os iguais se buscam na imensidão do espaço e vivem entre si. Na dimensão física, isso não se dá – vivem todos em um “balaio de gato”. A convivência na diversidade estimula o progresso. Os que se acham em condição evolutiva inferior têm, em seus superiores, o exemplo e o estímulo para a autossuperação. Os últimos encontram, na convivência com os primeiros, oportunidades para exercitar a tolerância, a paciência e a perseverança.

3 - Quando reencarnamos?

Considerando a condição de a individualidade encontrar-se na dimensão espiritual, que fatores determinam o momento em que seu retorno ao cenário físico deverá verificar-se?

Em *O Livro dos Espíritos* se lê:

[...] *a fatalidade só consiste nestas duas horas: aquelas em que deveis aparecer e desaparecer neste mundo.* ^[v]

Os Benfeitores colocam, então, o *momento* em que devemos *aparecer no mundo*, ou seja, a reencarnação, como uma fatalidade, algo que está determinado por princípios bem definidos. Isso porque a reencarnação é uma necessidade da vida espiritual, como a morte é uma necessidade da vida corporal. Assim os Espíritos pressentem a época em que reencarnarão como o cego sente o fogo que se aproxima. Embora nem todos se preocupem com ela, pois há os que não pensam nela e que nem mesmo a compreendem, cedo ou tarde o Espírito sente a necessidade de progredir, pois a condição de desencarnado não pode se prolongar indefinidamente.

Acredita o psiquiatra e escritor espírita Jorge Andréa que a “estrutura energética do Espírito”, com o passar dos anos na dimensão espiritual, vai tendo maior dificuldade em se “reabastecer”, impossibilitando a permanência da individualidade desencarnada na dimensão espiritual, por um período de tempo superior à sua capacidade de renovação fluídica. Quanto mais primitiva for a condição evolutiva da entidade espiritual, mais brevemente deverá retornar à dimensão física. Ocorre, segundo ele, um desgaste progressivo das “unidades energéticas”, que passam a “vibrar mais lentamente”. Os Espíritos menos evoluídos, estando mais necessitados do retorno à gleba planetária, reencarnariam com intervalo de tempo menor; os mais evoluídos reencarnariam com maior intervalo de tempo, pela possibilidade de mais fácil aquisição de material necessário ao metabolismo do psicossoma e por possuírem, em potencial, qualidades energéticas que lhe permitiriam “viver” mais tempo no estágio dimensional em que se encontram. ^[vi]

O tempo de permanência do Espírito desencarnado na dimensão espiritual é, segundo André Luiz, diretamente proporcional à sua condição evolutiva:

A percentagem de tempo no plano espiritual para as criaturas de evolução mediana varia com o grau de aproveitamento de tempo no estágio recente que desfrutaram no corpo físico. Quão mais vasta a provisão

de conhecimento e maior a aquisição de virtudes, por parte do Espírito, mais largo período desfruta na Esfera Superior para obtenção de mais nobres recursos para mais alta ascensão. ^[vii]

À medida, então, que as vibrações espirituais se tornam mais “pobres”, em decorrência de uma espécie de “enfraquecimento espiritual”, comenta Jorge Andréa, observa-se uma redução progressiva das atividades do Espírito. Essa condição leva-o a um estado de torpor e fraqueza progressiva. A lei de causa e efeito, por mecanismos desconhecidos, o impele à vinculação ao aparelho genésico de uma mulher em idade fértil, com a qual o mesmo se relaciona por elos de afinidade espiritual. Desencadeia-se assim o mecanismo reencarnatório automático por necessidade imperiosa da entidade desencarnada de retornar à dimensão física, por absoluta falta de condições fisiopsíquicas de manter-se distante das vibrações materiais.

Léon Denis esclarece, em *Depois da morte*:

Quando chega a ocasião de reencarnar, o Espírito sente-se arrastado por uma força irresistível, por uma misteriosa afinidade, para o meio que lhe convém.

E ainda Denis:

As leis inflexíveis da Natureza, ou antes, os efeitos resultantes do passado, decidem da reencarnação. O Espírito inferior, ignorante dessas leis, pouco cuidadoso de seu futuro, sofre maquinalmente a sua sorte e vem tomar o seu lugar na Terra sob o impulso de uma força que nem mesmo procura conhecer.

A hipótese apresentada por Jorge Andréa, segundo a interpretação que faz de algumas citações de Kardec e André Luiz, nos permite traçar um paralelo entre a necessidade de renovação do corpo físico que se dá com a morte física e a equivalente necessidade de renovação do corpo espiritual com a reencarnação. O vestuário físico de que se vale o Espírito enquanto encarnado se deteriora com o envelhecimento e as enfermidades, advindo daí a desencarnação. De forma semelhante, o corpo espiritual, impossibilitado de renovar-se indefinidamente na dimensão espiritual, necessita refazer-se, através do regresso à dimensão material.

Importante considerar que, em muitas ocasiões, o processo reencarnatório é efetivado bem antes do esgotamento dos recursos fisiopsíquicos, pois Espíritos lúcidos e almas mais evoluídas podem direcionar o processo encarnatório de seus tutelados, fazendo com que retornem à gleba planetária, em encarnações previamente organizadas, gerenciando todo o processo.

4 - Onde reencarnamos?

Os Espíritos formam famílias espirituais, cujos elos se devem a tendências e características comuns. A necessidade de estarem juntos faz com que eles se busquem, movidos por forças inconscientes. Kardec, examinando as relações entre indivíduos, perguntou aos Espíritos Superiores se *os encontros, que costumam dar-se, de algumas pessoas e que comumente se atribuem ao acaso, não serão efeito de certa relação de simpatia?* Eles responderam que *entre os seres pensantes há ligação que ainda não conhecemos, e que o magnetismo é o piloto desta ciência, que mais tarde compreenderemos melhor.* ^[viii] Relações magnéticas, ignoradas por nós, ligam os Espíritos uns aos outros, e o Espírito reencarnante tenderá a vincular-se a Espíritos “simpáticos” domiciliados na esfera física em condição de recebê-lo na condição de filho. *(Continua no próximo número.)*

^[i] Emmanuel/Chico Xavier: Roteiro

^[ii] Allan Kardec: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV, item 17

[\[iii\]](#) Allan Kardec. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV, item 25

[\[iv\]](#) Allan Kardec. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV, item 26

[\[v\]](#) Allan Kardec. *O Livro dos Espíritos*, item 859

[\[vi\]](#) Jorge André: Palingênese, a grande lei

[\[vii\]](#) André Luiz/ Chico Xavier. *Evolução em dois mundos*, parte II, cap. XVIII

[\[viii\]](#) Allan Kardec. *O Livro dos Espíritos*, item 338

Fisiologia da reencarnação

Parte 2 e final

Lembra Jorge Andréa que o processamento da aproximação mãe/futuro filho vai obedecer a uma conjuntura vibratória de afinidades, de sintonias, de verdadeira hipnose, com influências mútuas (mãe e reencarnante), de um mecanismo originário de vidas progressas.

Escreveu André Luiz:

Filhos e pais, indubitavelmente, ainda mesmo quando se cataloguem distantes uns dos outros, sob o ponto de vista moral, guardam sempre afinidade magnética entre si. ^[ii]

Eventualmente Espíritos não vinculados a determinadas famílias podem ser encaminhados a elas, atendendo a objetivos que atendem ao progresso de todos. Kardec comenta a esse respeito:

Deus permite que, nas famílias, ocorram essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de servir de prova para uns e, para outros, de meio de progresso. Assim, os maus se melhoram pouco a pouco, ao contato dos bons e por efeito dos cuidados que se lhes dispensam. O caráter deles se abranda, seus costumes se apuram, as antipatias se esvaem. É desse modo que se opera a fusão das diferentes categorias de Espíritos. ^[iii]

5 - Como reencarnamos?

A lei geral de evolução estabelece princípios básicos que norteiam o processo reencarnatório: um automatismo biológico-espiritual preside o processo.

Lembra André Luiz que:

[...] reencarnações e desencarnações, de modo geral, obedecem simplesmente à lei. Há princípios biogénéticos orientando o mundo das formas vivas ao ensejo do renascimento físico, e princípios transformadores que presidem aos fenômenos da morte, em todos os setores de manifestação. ^[iiii]

Esses “princípios biogénéticos”, citados pelo autor espiritual, seguem, na espécie humana, uma linha mais ou menos definida, particularizada nos processos seguintes:

1 - Embotamento e enfraquecimento geral da entidade em vias de reencarnar com miniaturização de seu corpo espiritual.

Um evento constituinte da fisiologia reencarnatória é o restringimento do corpo espiritual do Espírito reencarnante. Léon Denis elucidada:

A reencarnação realiza-se por aproximação graduada, por assimilação das moléculas materiais ao perispírito, o qual se reduz e se condensa [...] ^[v]

A condição de torpor e fraqueza do Espírito em vias de reencarnar e a necessidade imperiosa de vincular-se mais uma vez aos fluidos pesados do planeta se acompanham de redução “volumétrica” do corpo espiritual, que se deve, segundo André Luiz, a uma diminuição dos espaços intermoleculares. ^[vi]

André Luiz, referindo-se ao restringimento do perispírito, coloca:

Os candidatos à reencarnação, sem superioridade suficiente de modo a supervisioná-la com o seu próprio critério e distantes da inferioridade primitivista que deles faria escravos absolutos da herança física, são admitidos a instituições-hospitais em que magnetizadores desencarnados, bastante competentes pela nobreza íntima, se incumbem de aplicar-lhes fluidos balsamizantes que os adormeçam, por períodos variáveis, de conformidade com a evolução moral que enunciem, a fim de que os princípios psicossomáticos se adaptem a justo restringimento, em bases de sonoterapia. ^[vi]

2 - Vinculação psíquica a uma mulher em condições reprodutivas com quem guarda relações de afinidade e assimilação da entidade miniaturizada pelo centro genésico da futura mãe.

Após o restringimento do corpo espiritual, estando a individualidade junto ao campo magnético da futura mãe, o intercâmbio fluídico entre eles vai intensificar-se. As energias psíquicas do reencarnante passam a afunilar-se progressivamente dirigindo-se para a região do aparelho genital feminino.

André Luiz esclarece:

A reencarnação, tanto quanto a desencarnação, é um choque biológico dos mais apreciáveis. Unido à matriz geradora do santuário materno, em busca de nova forma, o perispírito sofre a influência de fortes correntes eletromagnéticas, que lhe impõem a redução automática. Constituído à base de princípios químicos semelhantes, em suas propriedades, ao hidrogênio, a se expressarem através de moléculas significativamente distanciadas umas das outras, quando ligado ao centro genésico feminino experimenta expressiva contração, à maneira do indumento de carne sob carga elétrica de elevado poder. Observa-se, então, a redução volumétrica do veículo sutil pela diminuição dos espaços intermoleculares. Toda matéria que não serve ao trabalho fundamental de refundição da forma é devolvida ao plano etereal, oferecendo-nos o perispírito esse aspecto de desgaste ou de maior fluidez. ^[vii]

3 - Geração de um campo magnético pelo Espírito reencarnante, com seleção magnética dos gametas, ligação à célula ovo e gerenciamento da formação fetal.

A individualidade reencarnante, com o seu corpo espiritual miniaturizado, acoplada ao centro genésico da futura mãe, gera um campo magnético, de importância fundamental, na seleção dos gametas que formarão seu futuro corpo, na fecundação e no desenvolvimento embrionário/fetal. O psiquismo do Espírito que retorna à gleba planetária, retratando sua condição evolutiva, sua identidade pessoal, seus gostos e tendências, virtudes e vícios, e sua necessidade de progresso, se projeta no espaço onde os fenômenos reprodutivos se darão, participando ativamente da fisiologia reencarnatória.

Como atua, então, o Espírito? A ligação inicial da entidade reencarnante com seu corpo espiritual miniaturizado será ao óvulo materno (gameta feminino). Os ovários da mulher possuem cerca de 400 mil óvulos quando da primeira menstruação. Mensalmente, um óvulo (os ovários se alternam ciclicamente), por influência de hormônios liberados pela glândula hipófise, sofre processo de amadurecimento e é liberado pelo ovário, sendo recolhido pela tuba uterina. Os cientistas admitem, até então, que a ovulação seja um processo aleatório, ou seja, não são conhecidos os fatores que determinam qual óvulo, em detrimento de outros, sofrerá processo de amadurecimento e liberação. Esse processo, todavia, não é aleatório. O psiquismo reencarnante, via seu campo magnético, sintoniza-se com o gameta feminino cujo conjunto de genes se identifica com as suas características pessoais, ou seja, sua identidade espiritual, onde se refletem, de forma automática, suas necessidades evolutivas. As energias da entidade reencarnante projetadas no óvulo “selecionado” vão magnetizar essa célula, disparando o mecanismo fisiológico conhecido pela biologia reprodutiva como *ovulação*.

Processo idêntico vai ocorrer quando da “seleção” do gameta masculino. No ejaculado humano, milhões de espermatozoides disputam o privilégio de unir-se ao gameta feminino ao término da disputada corrida, através do aparelho genital feminino. Qual espermatozoide vencerá a corrida? O mais apto, afirmam os

pesquisadores! Na verdade, vencerá a corrida o espermatozoide que carrega em seus vinte e três cromossomos os genes que sintonizam com o psiquismo reencarnante.

Final do processo

Ao fim da corrida, que se dá, via de regra, no terço posterior da tuba uterina, espermatozoide (carregando 23 cromossomos) e óvulo (igualmente com seus 23 cromossomos) fundem seus núcleos, dando origem à célula ovo, com os 46 cromossomos da espécie humana. Nesse instante, o Espírito reencarnante concentra suas energias na célula que acaba de se formar, ligando-se, então, de forma mais ostensiva, à dimensão material.

Ao término da fecundação, com a constituição da célula ovo, inicia-se o processo de multiplicação celular, que redundará na formação do embrião e posteriormente do feto. Segundo a ciência oficial, o desenvolvimento da célula ovo, a diferenciação das células e a migração das células para os específicos órgãos se dão a partir de uma intrincada interação de um conjunto complexo de genes, mecanismo esse muito pouco compreendido. O que se verifica, no entanto, é que o campo magnético gerado pelo psiquismo reencarnante participa ativamente na formação do embrião e do feto, atuando na diferenciação das células e na organização estrutural dos tecidos e órgãos do ser em desenvolvimento. Obviamente, há genes que respondem pelo processo de formação dos órgãos fetais, mas esses genes, como todos os outros, estariam sob a influência das poderosas irradiações do psiquismo reencarnante.

Kardec, examinando o processo encarnatório, comenta:

Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los.^[viii]

Segundo Emmanuel, no livro *Pensamento e vida*:

[...] as células germinais, por sementes vivas, reproduzem os nossos clichês da consciência no trabalho impalpável da formação de um corpo novo. Na câmara uterina, o reflexo dominante de nossa individualidade impressiona a chapa fetal ou o conjunto de princípios germinativos que nos forjam os alicerces do novo instrumento físico, selando-nos a destinação para as tarefas que somos chamados a executar no mundo, em certa quota de tempo.

E André Luiz:

Na mente reside o comando. A consciência traça o destino, o corpo reflete a alma. Toda agregação de matéria obedece a impulsos do espírito. Nossos pensamentos fabricam as formas de que nos utilizamos na vida.^[ix]

^[i] André Luiz/ Chico Xavier. *Entre a terra e o céu*, cap. 29

^[ii] Allan Kardec. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV, item 19.

^[iii] André Luiz,/Chico Xavier. *Obreiros da vida eterna*, cap. XI

^[iv] Léon Denis: *Depois da morte*

[\[v\]](#) André Luiz/ Chico Xavier. *Entre a terra e o céu*, cap. 29

[\[vi\]](#) André Luiz/ Chico Xavier: *Evolução em dois mundos*, parte I, cap. 19

[\[vii\]](#) André Luiz/ Chico Xavier. *Entre a terra e o céu*, cap. 29

[\[viii\]](#) Allan Kardec. *A Gênese*, cap. XI, item 11

[\[ix\]](#) André Luiz/ Chico Xavier. *Entre a terra e o céu*, cap. 29.

O que devemos entender por “provas”?

O termo *prova* é amplamente encontrado no vocabulário espírita. Eventualmente se encontra a palavra *provação*, que segundo o dicionário Michaelis tem o mesmo significado de *prova*. Como devemos entender, do ponto de vista espírita, tal vocábulo?

O dicionário Michaelis dá para o vocábulo *prova* várias definições. Nos detemos apenas em duas:

01- Aquilo que serve para estabelecer uma verdade por verificação ou demonstração, que mostra ou confirma a verdade de um fato, o mesmo que teste.

02- ensaio, experiência.

Embora admitamos que, eventualmente, Kardec se valeu da palavra *prova* como *teste/verificação de conhecimentos*, na sua acepção primitiva, tal como foi usada pelos Espíritos que assessoraram Kardec, a segunda definição – *ensaio, experiência* – nos parece mais adequada.

Não há lógica na ideia de que Deus nos envie à dimensão física para nos testar, no que quer que seja, pois, conhecendo o futuro, sabe de nossas possibilidades, se venceremos essa ou aquela situação existencial. As realidades particulares ou difíceis que encontramos durante a existência física são possibilidades de vivenciar determinadas situações, acumular experiências, desenvolver habilidades, reforçar as resistências morais. Não são testes na acepção comum do termo, mas sim experiências que contribuem para o nosso crescimento espiritual.

Essas ideias encontram ressonância no pensamento de Emmanuel. Chamado a diferenciar *provação de expiação*, na questão 246 do livro *O consolador*, assim se manifesta: *A provação é a luta que ensina ao discípulo rebelde e preguiçoso a estrada do trabalho e da edificação espiritual.*

Em *O Livro dos Espíritos*, na resposta à questão 634 encontramos:

[...] é necessário que o Espírito adquira a experiência, e para isso é necessário que ele conheça o bem e o mal; eis porque existe a união do Espírito e do corpo.

Ainda no mesmo livro, item 872, Kardec escreve:

[...] A vida corpórea lhe é dada para purgar-se de suas imperfeições através das provas que nela sofre [...]

Na questão 501, quando Kardec indaga por que a ação dos Espíritos em nossa vida é oculta, os Benfeitores respondem:

Se contásseis com o seu apoio não agiríeis por vós mesmos e o nosso Espírito não progrediria. Para que ele possa adiantar-se necessita de experiência e em geral é preciso que adquira à sua custa; é necessário que exercite as suas forças, sem o que seria como uma criança a quem não deixam andar sozinha.

E finalmente na resposta ao item 871:

[...] A prova não tem por fim esclarecer a Deus sobre o mérito do homem, porque Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas deixar ao homem toda a responsabilidade da sua ação, uma vez que ele tem a liberdade de fazer ou não fazer. Podendo o homem escolher entre o bem e o mal, a prova tem por fim colocá-lo ante a tentação do mal, deixando-lhe todo o mérito da resistência.

Os termos grifados por nós: *luta que ensina, adquira a experiência, purgar-se de suas imperfeições, necessita de experiência, adquira à sua custa, exercite as suas forças, responsabilidade da sua ação e mérito da resistência* nos parece relacionar-se bem com a definição de *prova* que defendemos.

Esperamos ter contribuído com o debate, que continua aberto para novas avaliações.

Experiências reencarnatórias e gênero sexual

Em torno da questão *gênero sexual* – masculino/feminino - Kardec tece importantes considerações em artigo publicado na *Revista Espírita* de janeiro de 1866, intitulado *As mulheres têm alma?*

As principais ideias apresentadas pelo nosso codificador são estas:

01- Os Espíritos não têm sexo, pois os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais; os Espíritos não se reproduzindo uns pelos outros, os sexos seriam inúteis no mundo espiritual;

02- Os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos, a fim de cumprir os deveres de cada uma dessas posições, e delas suportar as provas;

03- O Espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu caráter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõem esse mesmo organismo;

04- Essa influência não se apaga imediatamente depois da destruição do envoltório material, do mesmo modo que não se perdem instantaneamente os gostos e hábitos terrestres;

05- Não é senão o que ocorre a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização que a influência da matéria se apaga completamente;

A necessidade de vivenciar experiências reencarnatórias em ambas as polaridades sexuais, segundo Kardec, está relacionada aos *deveres* inerentes a cada uma dessas posições e as *provas* a elas vinculadas.

Recentes estudos na área da biologia do comportamento vieram trazer novas luzes sobre o tema, permitindo-nos uma melhor compreensão do pensamento de Allan Kardec.

Um resumo atual desses estudos foi apresentado pelo neurocientista de Harvard, Steven Pinker, no livro *Tábula rasa*:

01- Homens e mulheres possuem todos os mesmos genes, com exceção de um punhado no cromossomo Y. O corpo humano contém um mecanismo que faz com que o cérebro dos meninos e o das meninas difira durante o desenvolvimento fetal. O cromossomo Y desencadeia o crescimento de testículos em um feto masculino que secretam testosterona. A testosterona tem efeitos duradouros sobre o cérebro durante o desenvolvimento fetal, nos meses seguintes ao nascimento e durante a puberdade, e tem efeitos transitórios em outros períodos da vida. Os estrogênios, hormônios sexuais femininos, afetam também o cérebro por toda a vida. Receptores desses hormônios são encontrados em várias regiões do cérebro;

02 - Os cérebros dos homens diferem visivelmente dos das mulheres de vários modos. Os homens têm cérebros maiores, embora as mulheres possuam uma porcentagem maior de matéria cinzenta. Regiões do hipotálamo relacionadas ao comportamento sexual e à agressão são maiores nos homens;

03 - Quando mulheres em preparo para uma cirurgia de mudança de sexo recebem testosterona, melhoram nos testes de rotação mental e pioram nos de fluência verbal.

04 - Mulheres com níveis elevados de testosterona sorriem com menos frequência e têm mais casos extraconjugais, uma presença social mais marcante e até um aperto de mão mais forte. Quando os níveis de estrogênios estão altos tornam-se melhores em tarefas que tipicamente executam melhor como a fluência

verbal. Meninas com hiperplasia suprarrenal congênita, que têm produção excessiva de hormônios masculinos, crescem com jeito de moleque, brincam de luta, demonstram mais interesse em caminhões que em bonecas;

05 - Os homens têm preferência muito mais acentuada pelo sexo sem compromisso com várias parceiras ou parceiras anônimas, como vemos na prostituição e na pornografia visual. Os homens têm muito maior probabilidade de competir uns com os outros violentamente. A habilidade de manipular mentalmente objetos tridimensionais e o espaço também é bem maior nos homens. Embora os homens sejam, em média, melhores em fazer a rotação mental de objetos e mapas, as mulheres são melhores para lembrar pontos de referência e as posições dos objetos. Os homens têm melhor pontaria, as mulheres são mais jeitosas. Os homens são melhores na resolução de problemas matemáticos expressos em palavras, as mulheres são melhores para fazer cálculos. As mulheres são mais sensíveis a sons e odores e são muito melhores na leitura de expressões faciais e da linguagem corporal. As mulheres vivenciam emoções básicas com mais intensidade, excetuando-se, talvez, a raiva. As mulheres têm relacionamentos sociais mais íntimos, são mais preocupadas com eles e sentem mais empatia por seus amigos. Elas fazem mais contato visual, sorriem e riem com mais frequência. As mulheres são mais atentas ao choro corriqueiro de seus bebês e mais solícitas com os filhos em geral.

Concluindo, mostra-nos a Biologia comportamental que ambas as polaridades sexuais têm o que oferecer ao Espírito encarnado. Depende dele, portanto, aproveitar, ao máximo, aquilo que a evolução lhe propõe em suas experiências reencarnatórias, superando com coragem as “fraquezas” relacionadas a cada gênero sexual e desenvolvendo as possibilidades inerentes a eles.

O Espírito e a influência da matéria

Parte 1

Recentes estudos na área de Genética do comportamento têm trazido questões novas, com implicações importantes no entendimento da Doutrina Espírita. Procurando trazer à tona essas questões, escrevemos este artigo.

A encarnação coloca o Espírito em uma condição especial, que lhe impõe restrições e da qual é alvo de profundas influências. Kardec reconhece a importância desse estado quando afirma que o *Espírito encarnado está sob a influência da matéria*. (LE, Introdução, item VI.)

A que influências se refere o codificador? Acreditamos que essas influências se dão em dois níveis: cultural e biológico.

Influências culturais

São notáveis as influências que o ambiente exerce sobre a Individualidade reencarnada, sejam o ambiente *compartilhado* e o *não compartilhado*. O ambiente *compartilhado* é aquele que exerce influência sobre nós e nossos irmãos igualmente: nossos pais, nossa vida doméstica e nossa vizinhança. O ambiente *não compartilhado* ou *único* é todo o resto: qualquer coisa que influencie um irmão, mas não o outro, incluindo o favoritismo dos pais, a presença de outros irmãos, experiências únicas como cair de uma bicicleta ou ser infectado por um vírus, e, na verdade, qualquer coisa que nos aconteça no decorrer da vida que não necessariamente aconteça aos nossos irmãos.

Estudos em diferentes áreas do conhecimento humano têm mostrado que, quase invariavelmente, as pessoas moldam-se conforme seus iguais nos ambientes em que vivem ou se desenvolvem dentro das possibilidades que o meio que as cerca lhes oferece.

A relevância das influências do meio na formação da personalidade humana é notada no pensamento de Allan Kardec. Lembra ele que, embora o Espírito conserve, em suas novas existências, os traços do caráter moral das existências anteriores, isso nem sempre é evidente, pois sua posição social também pode não ser a mesma. Se de senhor ele se torna escravo, suas inclinações serão muito diferentes e teríamos dificuldades em reconhecê-lo. O Espírito sendo o mesmo, nas diversas encarnações, suas manifestações podem ter, de uma para outra, certas semelhanças. Estas, entretanto, serão modificadas pelos costumes da nova posição, até que um aperfeiçoamento notável venha a mudar completamente o seu caráter. (LE, item 216.)

Influências biológicas

O processo reencarnatório coloca o Espírito também sob importantes influências biológicas, vinculadas, especialmente, aos genes responsáveis pela organização e funcionamento de seu corpo, principalmente do cérebro, onde significativa parte do genoma é expressa.

O cérebro é o órgão de manifestação do pensamento, através do qual o Espírito interage com o meio e com as pessoas que o cercam. Ele funciona a partir de impulsos elétricos que conectam seus cerca de 85 bilhões de neurônios. Essas conexões, denominadas sinapses, dependem da interação de centenas de proteínas e neurotransmissores. Os genes especificam as proteínas que participam de todo o processo de construção e funcionamento do cérebro. Genes diferentes vão construir cérebros diferentes, daí sua importância.

Os estudos na área da genética comportamental têm mostrado que os genes desempenham um papel importante no comportamento (“como alguém é”). Até certo ponto, as pessoas criam suas próprias experiências por razões genéticas. A pesquisa genética sobre a personalidade é extensa e está descrita em vários livros. A mensagem básica é a seguinte: os genes têm uma contribuição importante para as diferenças individuais na personalidade. Traços de personalidade, como comportamentos de risco, frequentemente chamados de busca de sensações, uso e abuso de droga, timidez, obesidade, comportamento antissocial, inteligência e habilidades de aprendizagem, têm consistentemente substancial influência genética. (*Genética comportamental, Plomin.*)

Estudos mostram como podem ser espantosas as semelhanças entre gêmeos idênticos, que compartilham as receitas genéticas construtoras da mente. Suas mentes são assombrosamente semelhantes, e não só em medidas grosseiras como QI e em traços de personalidade como neuroticismo e introversão. Eles são semelhantes em talentos como soletração e matemática, nas opiniões sobre questões como apartheid, pena de morte e mães que trabalham fora, na escolha da carreira, nos hobbies, vícios, devoções religiosas e gosto para namoradas. Os gêmeos idênticos são muito mais parecidos do que os gêmeos fraternos, que compartilham apenas metade das receitas genéticas e, o que é mais surpreendente, os que são criados separadamente são quase tão parecidos quanto os que são criados juntos. Gêmeos idênticos separados ao nascer têm em comum características como entrar na água de costas e só até os joelhos, abster-se de votar nas eleições por sentirem-se insuficientemente informados, contar obsessivamente tudo o que está à vista, tornar-se capitão de brigada voluntária de incêndio, deixar pela casa bilhetinhos carinhosos para a esposa, dar a descarga antes e depois de usar o vaso ou espirrar por brincadeira em elevadores lotados. (*Como a mente funciona, Pinker.*)

Importante considerar também os efeitos indiretos dos genes: homens altos, em média, são promovidos em seus empregos mais rapidamente do que os baixos, e pessoas atraentes, em média, são mais autoconfiantes que as não atraentes. Em um experimento, sujeitos submetidos a uma falsa entrevista tiveram de ficar esperando durante uma interrupção encenada, quando o entrevistador foi chamado fora da sala. Os sujeitos sem atributos físicos aguardaram nove minutos antes de reclamar; os atraentes, três minutos e vinte segundos. (*Tábula rasa, Pinker.*)

A influência do corpo no comportamento do Espírito encarnado é amplamente demonstrada na obra de Kardec. Vejamos:

O Espírito é certamente influenciado pela matéria, que pode entravar as suas manifestações. (LE, item 846)

O Espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu caráter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõe esse mesmo organismo (RE, janeiro de 1866)

[...] um Espírito pacífico, ainda que num corpo bilioso, será sempre pacífico, e que um Espírito violento, mesmo num corpo linfático, não será brando; somente a violência tomará outro caráter. Não dispondo de um organismo próprio a lhe secundar a violência, a cólera tornar-se-á concentrada, enquanto no outro caso será expansiva. (ESE, cap.IX, item 10)

A inteligência depende do estado do corpo que adquirir. (LE, item 180)

Com a mudança dos corpos, podem perder-se certas faculdades intelectuais. (LE, item 220)

Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma. Essa manifestação está subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição dos respectivos órgãos. (LE, item 369)

Na loucura é sempre o corpo e não o Espírito que está desorganizado. (LE, item 375-a)

As duas naturezas existentes no homem oferecem às suas paixões duas fontes diversas: umas provêm dos instintos da natureza animal, outras das impurezas do Espírito encarnado. (LE, item 605-a)

No homem, somente existe do animal o corpo, as paixões que nascem da influência do corpo e o instinto de conservação inerente à matéria [...] (LE, item 611)

O temperamento é, ao menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. Dizemos em parte, porque há casos em que o físico evidentemente influi sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários de constituição, um mal-estar passageiro, etc. O moral do Espírito pode, então, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que sua natureza intrínseca seja modificada. (RE, março de 1869)

Há inclinações viciosas que, evidentemente, são inerentes ao Espírito, porque se devem mais ao moral do que ao físico; outras mais parecem consequência do organismo. (RE, março de 1869)

OBS.: todos os grifos são nossos.

O Espírito e a influência da matéria

Parte 2 e final

Influenciação sim, determinismo não

Embora os genes e o ambiente estejam relacionados a diversos traços do comportamento humano, isso não significa que haja um determinismo biológico ou cultural. Só porque um traço apresenta influência genética e ambiental não significa que nada possa ser feito para alterá-lo. Os traços comportamentais são em geral influenciados por múltiplos genes e múltiplos fatores ambientais, e, acima de tudo, tem-se que considerar o poderoso papel do Espírito, que, valendo-se do seu livre-arbítrio, pode exercer notável influência sobre os genes e o ambiente onde está inserido.

Atribuir as imperfeições humanas ao próprio organismo seria acreditar que o homem é uma máquina, joguete da matéria, sem responsabilidade sobre os seus atos, o que é um absurdo. Lembra Kardec que *não há arrastamento irresistível, quando se tem a vontade de resistir.* (LE, item 845.)

A influência dos genes no comportamento humano, assim como as influências do meio, vincula-se a tendências probabilísticas e não a uma programação predeterminada. Em outras palavras, a complexidade da maioria dos sistemas comportamentais mostra que os genes não são o destino e tampouco podemos responsabilizar a nossa criação por sermos como somos. O Espírito é “senhor” da matéria. Genes e ambiente exercem influência sobre o Espírito encarnado, mas ele é sempre o dono de suas próprias decisões, fazendo as escolhas e norteando seu caminho. Encontrar um gene que esteja associado a um transtorno não significa que o gene seja “ruim” e que deva ser eliminado. Por exemplo, um gene associado à busca de coisas novas pode ser um fator de risco para um comportamento antissocial, mas também pode predispor à criatividade científica. Assim, os genes que predisõem alguém à dependência química, podem predispor-lo a se tornar um artista talentoso, um cientista inovador ou um empresário criativo. O Espírito pode sempre “escolher” os caminhos para onde seus genes vão ser direcionados.

Crescer sem um pai em casa se correlaciona estatisticamente com problemas como abandono dos estudos, ociosidade e gravidez na adolescência, mas nem todos os jovens que crescem sem pai em casa apresentam essas condições citadas.

A ideia de que todos os malfeitores são maus porque tiveram uma vida difícil está desgastada entre especialistas e leigos. Muitos psicopatas cresceram em lares sem grandes problemas e personalidades maquiavélicas podem ser encontradas em todas as classes sociais. Uma velha piada fala de duas assistentes sociais conversando sobre uma criança problemática: “Joãozinho veio de um lar destruído”. “Pois é, Joãozinho destrói qualquer lar”.

André Luiz tece notáveis comentários sobre o tema:

[...] a criatura terrena herda tendências e não qualidades. As primeiras cercam o homem que renasce, desde os primeiros dias de luta, não só em seu corpo transitório, mas também no ambiente geral a que foi chamado a viver, aprimorando-se; as segundas resultam do labor individual da alma encarnada, na defesa, educação e aperfeiçoamento de si mesma nos círculos benditos da experiência. Se o Espírito reencarnado estima as tendências inferiores, desenvolvê-las-á, ao reencontrá-las dentro do novo quadro de experiência humana, perdendo um tempo precioso e menosprezando o sublime ensejo de elevação. Todavia, se a alma que regressa ao mundo

permanece disposta ao serviço de autoelevação, sobrepairará a quaisquer exigências menos nobres do corpo ou do ambiente, triunfando sobre as condições adversas e obtendo títulos de vitória da mais alta significação para a vida eterna. Em sã consciência, portanto, ninguém se pode queixar de forças destruidoras ou de circunstâncias asfixiantes, em se referindo ao círculo onde nasceu. Haverá sempre, dentro de nós, a luz da liberdade íntima indicando-nos a ascensão. Praticando a subida espiritual, melhoraremos sempre. Esta é a lei. (Missionários da luz, cap. 13)

E Emmanuel, por sua vez:

A maioria das moléstias, inclusive a dipsomania, é transmissível; porém, isso não implica um fatalismo biológico que engendre o infortúnio dos seres, porque inúmeros Espíritos, em traçando o mapa do seu destino, buscam, com o escolher determinado instrumento, alargar as suas possibilidades de triunfo sobre a matéria, como um fato decorrente das severas leis morais, que, como no ambiente terrestre, prevalecem no mundo espiritual. (livro “Emmanuel” cap. XXIV)

Na codificação Kardequiana encontramos as seguintes colocações:

Desculpar-se de suas más ações com a fraqueza da carne não é senão um subterfúgio para escapar à responsabilidade. A carne só é fraca porque o Espírito é fraco, o que derruba a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. (RE, março de 1869)

[...] Compenetrai-vos, pois, de que o homem não se conserva vicioso, senão porque quer permanecer vicioso; de que aquele que queira corrigir-se sempre o pode. De outro modo, não existiria para o homem a lei do progresso. (ESE, cap. IX, item 10)

Sem o livre-arbítrio o homem não tem culpa no mal, nem mérito no bem; e isso é de tal modo reconhecido que no mundo se proporciona sempre a censura ou o elogio à intenção, o que quer dizer à vontade; ora, quem diz vontade, diz liberdade. O homem não poderia, portanto, procurar desculpas no seu organismo para as suas faltas sem com isso abdicar da razão e da própria condição humana, para se assemelhar aos animais. Se assim é para o mal, assim mesmo devia ser para o bem. Mas, quando o homem pratica o bem, tem grande cuidado em consignar o mérito a seu favor e não trata de o atribuir aos seus órgãos, prova de que instintivamente ele não renuncia, malgrado a opinião de alguns sistemáticos, ao mais belo privilégio da sua espécie: a liberdade de pensar. (LE, item 872)

Genes e ambiente devem ser considerados como provas

Genes e ambiente, portanto, devem ser considerados como parte das provas a que o Espírito se vincula em suas experiências reencarnatórias. Genes que predisponham à obesidade levarão o Espírito à luta contra a compulsão alimentar. Genes relacionados à dependência química convidam o Espírito ao desenvolvimento do autocontrole e ao exercício da criatividade. De mesma forma, ambientes permissivos ou onde vicejam o banditismo são oportunidades de lutar contra tendências inferiores.

Kardec, respondendo a um leitor da Revista Espírita, que o inquiria quanto à origem de sua violência, escreve:

Para mim, é evidente que vosso Espírito é naturalmente irascível; mas como cada um traz consigo o seu pecado original, isto é, um resto das antigas inclinações, não é menos evidente que, em vossa precedente existência, tivésseis sido um homem de extrema violência, e que provavelmente tereis pago muito caro, talvez com a própria vida.

Na erraticidade, vossas outras boas qualidades vos ajudaram a compreender vossos erros; tomastes a resolução de vos vencer e, para isto, lutar em uma nova existência. Mas se tivésseis escolhido um corpo

débil e linfático, vosso Espírito, não encontrando nenhuma dificuldade, nada teria ganhado, o que para vós significaria ter de recomeçar. Eis por que escolhestes um corpo bilioso, a fim de ter o mérito da luta. (RE, julho de 1863)

E ainda Kardec:

O Espírito desligado da matéria, no estado errante, faz a escolha de suas futuras existências corpóreas segundo o grau de perfeição que tenha atingido. É nisso, como já dissemos, que consiste sobretudo o seu livre-arbítrio. Essa liberdade não é anulada pela encarnação. Se ele cede à influência da matéria, é então que sucumbe nas provas por ele mesmo escolhidas. (LE, item 872)

E finalmente:

Provar que o homem é responsável por todos os seus atos é provar a sua liberdade de ação, e provar a sua liberdade é resgatar a sua dignidade. (RE, março de 1869)

OBS.: todos os grifos são nossos

Preconceito: vivendo mentalmente no paleolítico

O Paleolítico é um período de nossa pré-história que antecede as construções de cidades, o cultivo de plantas para a alimentação e a domesticação dos animais. Vivíamos em bandos nômades constituídos de algumas dezenas de pessoas, como caçadores-coletores. O nosso grupo representava a nossa defesa contra animais predadores e outras tribos que se digladiavam por espaço, água, alimento e proteção. Era natural que vivêssemos armados uns contra os outros – tribos contra tribos. Tratava-se de uma questão de sobrevivência.

Muitos de nós cristalizamos em nossa maneira de ser e de pensar uma reação psicológica construída nesse distante período, e vivemos mentalmente armados contra o diferente, a outra tribo, uma espécie de tribalismo no qual as pessoas são neuroticamente leais a sua turma, a seu país, a sua etnia, a sua orientação sexual ou qualquer outro grupo social. Sob certo aspecto, o tribalismo alimenta a intolerância ante o diferente e todas as lamentáveis ocorrências derivadas dela: o racismo, o sexismo, a homofobia, a discriminação social, o preconceito relacionado à aparência física ou o jeito de vestir-se etc. Não nos apercebemos de que as diferenças existentes entre nós são a riqueza da humanidade, pois permitem a filosofia do diálogo. Se todos fôssemos iguais, onde o caldo de cultura que permite o desenvolvimento de nossas potencialidades?

A intolerância é grave problema social e precisamos examiná-la seriamente. Conversando, recentemente, com uma companheira do movimento espírita, contou-me ela o seguinte episódio: Foi convocada por um diretor de uma grande empresa de Juiz de Fora, onde ela desenvolve atividades profissionais nos recursos humanos, a selecionar, através de entrevista, um profissional para a função de jornalista. Dezenas de candidatos se apresentaram. Momento antes de iniciar a seleção, foi convocada à sala do presidente da empresa e ouviu dele a seguinte recomendação: “rapazes cabeludos ou com tatuagem e moças de piercing ou chinelinho de dedos *elimine de cara*”.

A expressão *elimine de cara* é cruel, pois significa o mesmo que *não ouça, não deixe que ele se mostre, não permita que ele demonstre seu talento, julgue unicamente pela aparência*, revelando uma lamentável atitude excludente. Estudos têm demonstrado que mulheres de boa aparência se dão muito melhor na carreira profissional que as outras e homens altos conseguem progressão nas empresas muito mais rapidamente que os de baixa estatura.

Até que ponto nós temos nos preocupado com o que o outro é na sua expressão profunda, sua competência, sua humanidade, suas virtudes? Até quando vamos permitir que pessoas sejam excluídas pela cor, pela idade, pela religião ou pela aparência?

Atendia certa feita, no consultório, quando entrou uma jovem portadora de grave obesidade mórbida. Ao entrar em minha sala, notei em seus olhos semblante de alívio, que ela justificou: “graças a Deus vou poder sentar em sua sala. Eu não caibo em cadeiras com proteção lateral. Por isso deixei de ir aos cinemas e tenho que permanecer de pé em muitos locais aonde vou”.

Minha esposa, que teve recusada sua pretensão a uma vaga como educadora em uma escola tradicional de nossa cidade, ouviu da responsável pela instituição a seguinte justificativa: “seu problema é que você não é simplesmente espírita, você é uma evangelizadora espírita. E, além disso, seu esposo é expositor espírita. Você entende como são essas coisas”.

Mantêm-se graves em nosso país problemas como a homofobia e a discriminação social e étnica. Um homossexual é morto por dia no Brasil em virtude da intolerância e 70% dos homoafetivos confessam que foram vítimas de situações constrangedoras, agressões físicas ou psíquicas. Rapazes e moças ainda são excluídos pela própria família por questões sexuais.

Matéria recente publicada no noticiário da UOL revela: homicídios de negras aumentam quase 20% e de brancas caem 12%. Segundo o artigo, entre 2003 e 2013, a taxa de homicídios de mulheres negras no Brasil aumentou 19,5%, enquanto a taxa de homicídios contra mulheres brancas caiu 11,9%. Os dados são do estudo Mapa da Violência 2015, produzido pela Flacso (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais).

Para o coordenador do estudo, Julio Jacobo Waiselfisz, a discrepância entre as mortes de mulheres negras e brancas é resultado de pelo menos três fatores: terceirização da Segurança Pública, politização da temática da segurança e o racismo. “Na prática, a população branca tem mais recursos para pagar por uma segurança extra. Isso acontece nas lojas, nos shoppings para onde esse público vai. Na realidade, a população branca acaba tendo acesso a duas formas de segurança: a do Estado e a privada”, explica Jacobo.

O pesquisador diz ainda que a segurança pública virou um tema muito caro aos políticos e que isso influencia a tomada de decisões dos gestores. “Quando uma empresária branca morre em um bairro nobre, a consequência imediata é que mais policiais são deslocados para aquela área como uma forma de atender ao clamor da opinião pública. O mesmo não acontece quando uma mulher negra é morta em uma favela. Essa politização da segurança gera distorções”, afirmou.

Para Jacobo, o racismo é o terceiro elemento que ajuda a explicar a diferença entre os índices de homicídios contra mulheres negras e brancas. “No Brasil, nem há tanta cordialidade e nem há a tal democracia racial que se prega. Há um coquetel onde o negro e a negra são mais visados no quesito violência. Isso se observa não apenas com relação às mulheres. Em geral, a população negra é mais afetada pela violência e isso, claro, vai atingir as mulheres.”

O Espiritismo tem muito a contribuir na dissolução de posturas tão lamentáveis. Uma doutrina universalista por natureza nos convoca a um grande movimento pela tolerância. Busquemos, em nossas relações, demonstrar o espírito de fraternidade que nos deve unir, consonante com o pensamento dos Espíritos superiores apresentado por Kardec no item 799 de *O Livro dos Espíritos*:

“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele [o Espiritismo] faz os homens compreenderem onde está o seu verdadeiro interesse. A vida futura, não estando mais velada pela dúvida, o homem compreenderá melhor que pode assegurar o seu futuro através do presente. Destruindo os preconceitos de seita, de casta e de cor ele ensina aos homens a grande solidariedade que os deve unir como irmãos”.

Que tipo de cristão desejamos ser?

O filósofo norte-americano Brennan Manning, no livro *O Evangelho maltrapilho*, assume um tom provocativo ao examinar a vivência cristã na contemporaneidade. Como entendemos Jesus e qual tem sido nosso comportamento diante de sua mensagem: são temas abordados por ele de forma leve, mas profunda. Em uma livre interpretação da obra, propomos a seguinte classificação dos cristãos de nossos dias:

Cristãos superespirituais: são destemidos – nunca derramaram lágrimas; ostentam sobre os ombros um sacolão de honras, diplomas de boas obras, crendo que efetivamente chegaram lá. São indispensáveis. Jesus deve se orgulhar muito deles.

Cristãos musculosos: têm John Wayne como heróis, pois são vencedores. Acreditam que cristianismo e prosperidade são conceitos equivalentes. Tudo é uma questão exclusivamente de méritos. Faça a sua parte e o céu o abençoará.

Cristãos acadêmicos: aprisionam Jesus na torre de marfim da exegese; preferem entregar o controle da alma a regras, a viver em união com Jesus. Burocratas da religião ocupam-se mais com a forma do que com o fundo.

Cristãos barulhentos: são bonachões e manipulam o cristianismo a ponto de torná-lo um simples apelo ao emocionalismo.

Cristãos místicos de capuz: querem mágica na sua religião. Tudo se resume em preces longas, jejuns e esmola.

Cristãos aleluia: vivem apenas no alto da montanha e nunca visitaram o vale da desolação.

Se não nos identificamos com nenhuma personalidade descrita acima, então não estamos muito mal. Acreditamos que Jesus é também:

... para os dilapidados, derrotados, exauridos ou para os sobrecarregados que vivem ainda mudando o peso da mala pesada de uma mão para a outra;

... para os discípulos inconsistentes e instáveis cuja azeitona vive caindo para fora da empada;

... para mulheres e homens pobres, fracos e com falhas inatas e talentos limitados;

... para os que sentem que às vezes sua vida se torna um grave desapontamento para Deus;

... para os inteligentes que se sentem estúpidos e para os honestos que admitem se equivocarem vez ou outra;

... para os que tenham ficado cansados e desencorajados ao longo do caminho;

Afinal, louvemos o Cristo, ele disse que veio pra nós: *os doentes e pecadores*.

O que significa amar a Deus

Tradicionalmente identificamos o conceito *amar a Deus* com o conceito *amar ao próximo*, e afirmamos comumente que amamos a Deus quando amamos o nosso próximo. Esse tipo de conclusão não é tão simples como parece. Um dos maiores estudiosos judeus de todos os tempos, o rabino Akiba, que viveu na Palestina, no primeiro século da era cristã, disse, em seu leito de morte, que nunca entendeu como se podia cumprir o mandamento “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com todas as tuas forças, com todo o teu ser”.

A leitura atenta do texto evangélico onde Jesus reporta-se a esses pensamentos parece mostrar que o amor a Deus e o amor ao próximo são coisas diferentes.

Vejamos o relato de Mateus 22: 34 a 40:

“Os fariseus, tendo sabido que Ele fechara a boca dos saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, propôs-lhe esta questão, para o tentar: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? – Jesus respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este é o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. Toda lei e os profetas se acham nesses dois mandamentos”.

Devemos observar que Jesus explicitou que os dois mandamentos *são diferentes*, embora se pareçam: o primeiro, maior, ou seja, o mais importante é *amar a Deus*, e o segundo, *amar o próximo*.

O sentido da expressão *amar o próximo* parece bem claro na proposta de Jesus: fazer ao outro todo o bem possível, ser-lhe útil no limite de nossas forças, respeitar seus direitos, perdoar sempre que preciso, compreender, tolerar etc. Mas como compreender o pensamento *amar a Deus*, desvinculando-o do amor ao próximo? Como poderia Jesus pedir que amássemos “algo” que nos é incompreendido, inabordável pela nossa mente obtusa?

Uma possível alternativa para compreensão dessa ideia podemos encontrar na conhecida obra *Vida feliz*, que Joanna de Ângelis ditou, através de Divaldo Franco, especificamente em seu último texto, de nº 200, quando a benfeitora escreve:

“Agradece a Deus a tua existência. Louva-o mediante uma vivência sadia. Exalta-lhe o amor por meio dos deveres retamente cumpridos”.

Chamamos a atenção que a autora relaciona o *amor a Deus* aos deveres retamente cumpridos.

Outro texto digno de nota está em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, Sede perfeitos, Instruções dos Espíritos, na mensagem assinada por Lázaro, intitulada *O Dever*:

“O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que às criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo”.

Lázaro estabelece no texto, de forma inequívoca, que o amor a Deus (primeiro mandamento na proposta de Jesus) se estabelece no cumprimento do dever, tal qual a citação anterior de Joanna.

Entendendo-se o dever como a “obrigação de fazer ou deixar de fazer alguma coisa”, ou seja, “o conjunto das obrigações” (Michaelis), o amor a Deus deveria estar condicionado ao respeito e devoção a algumas obrigações pessoais.

Segundo estabelece Emmanuel, no livro *Pensamento e vida*, “o dever define a submissão que nos cabe a certos princípios estabelecidos como leis pela Sabedoria Divina, para o desenvolvimento de nossas faculdades”. Acrescenta o benfeitor que “dessa forma, pode-se simbolizar o dever como sendo a faixa de ação no bem que o Supremo Senhor nos traça à responsabilidade, para a sustentação da ordem e da evolução em Sua Obra Divina, no enalço de nosso próprio aperfeiçoamento”.

Concluindo, podemos sugerir como proposta de reflexão que o amor a Deus se identifica com o culto ao dever, o compromisso com a retidão de caráter, a atitude responsável e a priorização dos princípios éticos.

Tais condutas, aplicáveis em nossa vida no atual estágio evolutivo, não dependem da compreensão da natureza de Deus, por ora, para nós, inalcançável.